

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O BEM-ESTAR SUBJECTIVO DE ADOLESCENTES  
INSTITUCIONALIZADOS**

**MARIA JOÃO MARQUES XAVIER DA SILVA**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**SECÇÃO DE PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**NÚCLEO DE PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E  
INTEGRATIVA**

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O BEM-ESTAR SUBJECTIVO DE ADOLESCENTES  
INSTITUCIONALIZADOS**

**MARIA JOÃO MARQUES XAVIER DA SILVA**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

SECÇÃO DE PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

NÚCLEO DE PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E  
INTEGRATIVA

DISSERTAÇÃO ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA

LUISA MARIA GOMES BIZARRO

2011

## AGRADECIMENTOS

À Professora Dr.<sup>a</sup> Luísa Bizarro pelo apoio, atenção, orientação, sabedoria, disponibilidade e paciência que sempre demonstrou.

Aos responsáveis e funcionários de cada instituição que abriram as portas e permitiram mais um pequeno passo na investigação.

A todos os jovens que aceitaram participar nesta investigação, mostrando empenho e vontade de expressar e dar a conhecer a sua opinião. Espero ser útil nas vossas vidas e na de outros na mesma situação.

À minha família, indispensável neste processo pelo apoio, compreensão, vontade de ajudar e pela confiança e orgulho que depositam em mim.

Um obrigada especial à minha mãe por não me deixar desistir e por me mostrar sempre o caminho mais acertado.

À tia Cibebe pela grandiosa ajuda e disponibilidade.

Aos amigos um grande obrigada, pelos bons momentos, pelas alegrias e simplicidades da vida.

À Débora, meu suporte, meu ombro nos bons e maus momentos nesta fase da vida. Obrigada por fazeres dos momentos difíceis muito mais risonhos.

David, obrigada! Pela ajuda indispensável, pela compreensão, orgulho, apoio e por me mostrares o que é ser feliz...

A vocês, *Leonor* e *Vicente*, pelos sorrisos...

## RESUMO

A população de adolescentes institucionalizados, a adolescência em si e o bem-estar continuam a ser alvo de diversas investigações, dada a importância de identificar os factores que promovem o bem-estar nesta faixa etária. No entanto, escassas são as investigações que relacionam o bem-estar com o processo de institucionalização, daí a importância de estudar esta relação.

O presente estudo é de natureza exploratória e procura analisar a percepção que os adolescentes institucionalizados entre os 14 e os 17 anos têm relativamente ao próprio bem-estar subjectivo. Mais especificamente, procura-se perceber se o processo de institucionalização influencia o bem-estar subjectivo dos adolescentes. Para tal, os dados obtidos na presente investigação foram comparados com os dados de Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985), Neto (1993) e Bizarro (1999), de modo a analisar a existência de diferenças no bem-estar entre os jovens institucionalizados e não institucionalizados. Para além disto, pretende-se analisar se existem diferenças no bem-estar subjectivo, entre os géneros dos adolescentes institucionalizados. Esta informação foi reunida através da aplicação da Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV) (Neto, 1993) a 51 adolescentes institucionalizados e da realização de oito entrevistas que reúnem informação mais pormenorizada sobre a percepção dos jovens relativamente ao processo de institucionalização.

A análise estatística dos dados obtidos através da ESCV mostrou que existem diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes institucionalizados e os não institucionalizados, sendo que o primeiro grupo apresenta níveis de bem-estar inferiores. Para além disto, conclui-se que os adolescentes institucionalizados do sexo masculino tendem a apresentar níveis superiores de bem-estar quando comparados com as adolescentes institucionalizadas do sexo feminino. Os resultados mostraram ainda diferenças de bem-estar consoante as características de cada instituição. Relativamente às entrevistas, estas mostraram uma grande diversidade de informação, podendo esta ser acrescentada aos dados obtidos através do questionário.

**Palavras-chave:** Bem-estar subjectivo, adolescência, instituições de acolhimento, jovens em risco.

## ABSTRACT

The population of institutionalized adolescents, adolescence itself and well-being continue to be the target of several investigations, given the importance of identifying factors that promote the well-being in this age group. However, there are few investigations that are related to the welfare of the institutionalization process, hence the importance of studying this relationship.

This study is exploratory in nature and seeks to analyze the perception of institutionalized adolescents between 14 and 17 years old regarding to their own subjective well-being. More specifically, it seeks to understand if the process of institutionalization influences the subjective well-being of adolescents. To attain this goal, data obtained in this study were compared with data from Diener, Emmons, Larsen and Griffin (1985), Neto (1993) and Bizarro (1999), in order to analyze the existence of differences in welfare between institutionalized and non-institutionalized adolescents. In addition, it intends to analyze whether there are differences between genders on institutionalized adolescents, regarding subjective well-being. This information was gathered through the application of the *Escala de Satisfação Com a Vida* (ESCV) (Neto, 1993) to 51 institutionalized adolescents and by conducting eight interviews that gather more detailed information on the perception of young people regarding the process of institutionalization.

Statistical analysis of data obtained through ESCV showed that there are significant differences among institutionalized and non-institutionalized adolescents, and that the first group had inferior levels of well-being. In addition, it is concluded that institutionalized male adolescents tend to have higher levels of well-being compared with institutionalized adolescent females. The results also showed differences in well-being according to characteristics of each institution. Regarding the interviews, they showed a great diversity of information, which may be added to the data obtained through the questionnaire.

**Keywords:** Subjective well-being, adolescence, host institutions, youngsters at risk.

## ÍNDICE DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1: Média, mediana e desvio-padrão relativamente à idade.....                                | 36 |
| Tabela 2: Frequências e percentagens relativamente ao género.....                                  | 36 |
| Tabela 3: Dados relativos ao <i>score</i> médio do presente estudo .....                           | 39 |
| Tabela 4: Comparação dos resultados obtidos com a aplicação da ESCV em diferentes estudos .....    | 40 |
| Tabela 5: Comparação dos resultados obtido na ESCV entre o grupo masculino e o feminino.....       | 41 |
| Tabela 6: Média e desvio-padrão das instituições para cada item da ESCV.....                       | 41 |
| Tabela 7: Temas, categorias e subcategorias extraídas da análise de conteúdo das entrevistas ..... | 43 |

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1: Percentagens relativamente à idade ..... | 36 |
|---|----|

# ÍNDICE GERAL

|   |    |
|---|----|
| 1 – INTRODUÇÃO.....   | 1  |
| 2 – REVISÃO DE LITERATURA .....   | 3  |
| 2.1. Bem-Estar .....  | 3  |
| 2.1.1. Conceptualização do Bem-Estar .....                                  | 3  |
| 2.1.2. Bem-Estar Subjectivo <i>versus</i> Bem-Estar Psicológico.....        | 5  |
| 2.1.3. Factores relacionados com o Bem-Estar .....                          | 10 |
| 2.2. A Adolescência .....   | 14 |
| 2.2.1. O Bem-Estar e a Adolescência.....                                    | 14 |
| 2.2.2. Jovens em Risco.....   | 17 |
| 2.3. O Acolhimento Institucional.....                                       | 21 |
| 2.3.1. Breve enquadramento histórico.....                                   | 21 |
| 2.3.2. Instituições de Acolhimento.....                                     | 22 |
| 2.3.3. O bem-estar subjectivo e os adolescentes institucionalizados .....   | 30 |
| 3 - METODOLOGIA .....   | 33 |
| 3.1. Objectivos e questões de investigação .....                            | 33 |
| 3.2. Tipo de investigação .....   | 33 |
| 3.3. Medidas.....   | 34 |
| 3.4. Participantes.....   | 36 |
| 3.5. Procedimento .....   | 37 |
| 3.6. Aspectos éticos .....  | 38 |
| 4 - RESULTADOS .....  | 39 |
| 4.1. Tratamento estatístico dos dados obtidos através da ESCV .....         | 39 |
| 4.2. Análise de conteúdo da informação obtida através das entrevistas ..... | 41 |
| 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....  | 45 |



|  |    |
|--|----|
| 5.1. Dados obtidos através da ESCV .....                         | 45 |
| 5.2. Dados obtidos através das entrevistas.....                  | 51 |
| 6 – CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES .....                                | 67 |
| 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                             | 77 |
| ANEXOS   |    |
| ANEXO A – Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)                 |    |
| ANEXO B – Autorizações   |    |
| ANEXO C – Transcrição das entrevistas                            |    |
| ANEXO D – Tabela referente à análise de conteúdo das entrevistas |    |

# 1 – INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos o bem-estar tem sido um campo de estudo a despertar cada vez mais interesse e curiosidade, sendo por isso alvo de inúmeras investigações. Este constructo não pode ser encarado de forma isolada, sendo sim enquadrado em diferentes teorias, modelos e correntes filosóficas. Neste sentido, Ryan e Deci (2001) identificaram duas teorias de base do bem-estar: 1) Bem-estar subjectivo: desenvolvido por Edward Diener na década de 80, com o objectivo de compreender a dimensão afectiva (afectos positivos e negativos) e a dimensão cognitiva (satisfação com a vida) dos juízos avaliativos que o sujeito faz em relação a si e à própria vida (Diener, 1994) e; 2) Bem-estar psicológico: originado por Ryff (1989) e baseado em concepções de crescimento pessoal e auto-realização, que engloba seis dimensões: auto-aceitação, autonomia, controlo sobre o meio, relações positivas com terceiros, propósitos na vida e desenvolvimento pessoal. Sabe-se que são vários os factores que influenciam o bem-estar, nomeadamente o género (Diener & Suh, 1999), a idade (Bizarro, 1999; Ryff, 1989), o meio sócio-económico (Howell & Howell, 2008), o suporte social (Brunstein, 1993), a personalidade (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999) e as expectativas (Diener & Fujita, 1995), pelo que é essencial actuar nestes mesmos factores de modo a promover o bem-estar. Esta promoção é de extrema importância durante a adolescência, uma vez que este é um período em que ocorrem diversas oscilações do bem-estar (Bizarro, 1999). Apesar de a adolescência por si só ser considerada um período turbulento, este pode ainda ser surpreendido por eventos stressantes que diminuem o bem-estar (Reich & Zautra, 1981, citado em Diener, 1984). No caso desta investigação em particular, o processo de institucionalização de crianças e adolescentes pode ser considerado um factor de stress, tendendo assim a diminuir o bem-estar. No entanto, a falta de bases que sustentem esta afirmação e a falta de estudos que relacionem o bem-estar com o processo de institucionalização em Portugal, levaram à necessidade de realização desta investigação.

Assim, o presente estudo é de natureza exploratória e tem como objectivo principal analisar a percepção que os adolescentes institucionalizados têm relativamente ao próprio bem-estar subjectivo. Ao longo desta investigação pretende-se também perceber se o processo de institucionalização influencia o bem-estar subjectivo, assim como perceber se existem diferenças entre os géneros. Para avaliar o bem-estar

subjectivo foi utilizada a Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV) (Neto, 1993) com 51 adolescentes institucionalizados pertencentes a seis instituições diferentes em três concelhos da Margem Sul do Tejo – Barreiro, Seixal e Setúbal. A análise dos resultados é quantitativa e realizada através do programa estatístico SPSS (versão 18.0). Para além disto, foram também realizadas 8 entrevistas a jovens institucionalizados pertencentes a 5 das instituições que colaboraram no estudo. A análise destes resultados é qualitativa, pelo que os dados obtidos são submetidos a uma análise de conteúdo.

Relativamente à organização do trabalho, após este primeiro capítulo de introdução, o segundo capítulo refere-se à revisão de literatura onde se procurou mostrar os principais modelos teóricos do bem-estar, a fase da adolescência e o processo de institucionalização, uma vez ser este último factor que se pretende relacionar com o bem-estar. O terceiro capítulo é dedicado à metodologia, mais especificamente aos objectivos e questões de investigação, às medidas utilizadas durante a mesma, à caracterização da amostra, aos procedimentos de recolha de dados utilizados e aos aspectos éticos envolvidos. O quarto capítulo é constituído pelos resultados obtidos tanto através de metodologia quantitativa como qualitativa. Quanto ao quinto capítulo, este refere-se à discussão dos resultados, sendo apresentadas possíveis justificações para os resultados obtidos durante a investigação. O sexto capítulo é constituído pelas conclusões finais do estudo, pelas suas limitações, pelas sugestões para futuras investigações e pelas implicações dos resultados obtidos na prática clínica. Por último, o sétimo capítulo reúne todas as referências bibliográficas utilizadas para a realização deste trabalho.

## 2 – REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. Bem-Estar

O bem-estar é uma área de estudo extremamente ampla, que tem sido foco de inúmeros trabalhos teóricos e empíricos. A atenção dedicada a esta temática deve-se à importância que esta tem adquirido na sociedade em geral. Esta atenção e preocupação pelo bem-estar resulta da ênfase atribuída a três objectivos primordiais na intervenção psicológica, são eles: a) a redução e/ou eliminação dos problemas ou dificuldades; b) a prevenção desses problemas e; c) a promoção do desenvolvimento harmonioso que visa a optimização da adaptação do indivíduo (Kendall, Lerner, & Craighead, 1984, citado em Bizarro, 1999). Os autores passaram então a abordar a temática do bem-estar, já não apenas centrada no atenuar do sofrimento humano, mas também na compreensão e promoção dos aspectos positivos do funcionamento psicológico, por exemplo, o perdão, a criatividade, a sabedoria, o optimismo, a satisfação com a vida, a resiliência, o altruísmo, a esperança e a responsabilidade, contrariando as décadas de história em que a psicologia se focou na patologia e na disfunção (Novo, 2003).

Esta perspectiva integradora foi importante na introdução do conceito de bem-estar no campo da saúde mental. Assim, passou-se a olhar para a promoção de bem-estar como a promoção de aspectos positivos da saúde mental (Bizarro, 1999), reconhecendo assim que, para promover a saúde mental nos indivíduos, é necessário ir para além da cura de transtornos e patologias ou diminuir os seus efeitos (Novo, 2005).

Apesar dos diversos estudos, a verdade é que o bem-estar é ainda um tema que reflecte pouca coesão, homogeneidade e organização, uma vez que continua a existir uma grande diversidade de abordagens que o definem, conceptualizam e investigam (Ryan & Deci, 2001; Ryff & Singer, 1998).

#### 2.1.1. Conceptualização do Bem-Estar

A atenção dispensada à temática do bem-estar não é recente. A sua origem pode ser remetida para o período da Grécia Antiga, onde filósofos como Aristóteles procuravam definir os factores essenciais para a promoção de prazer e felicidade. Tais indagações originaram duas correntes de pensamento relativamente distintas, com raízes filosóficas diferentes que, ainda hoje, orientam os modelos relacionados com o bem-estar: o *hedonismo* e o *eudaimonismo* (Ryan & Deci, 2001).

A perspectiva *hedónica* relaciona-se com os aspectos psicossociais, com a forma como as pessoas avaliam a qualidade e a satisfação com as condições e as circunstâncias de vida (Novo, 2003). Esta abordagem concebe o bem-estar como um conjunto de vários conceitos, como por exemplo, felicidade, satisfação, experiências emocionais positivas (Ryan & Deci, 2001) e sensação de prazer e de felicidade (Kahneman, Diener, & Schwarz, 1999), daí a sua associação ao bem-estar subjectivo, conceito abordado posteriormente. Assim, percebeu-se que o bem-estar não pode apenas ser avaliado por factores externos, como as condições sócio-económicas, as condições de habitação ou o nível de educação, passando também a ser importante considerar a experiência subjectiva do sujeito relativamente ao seu próprio bem-estar (Campbell, 1976). Esta perspectiva compreende as diversas experiências relativas ao prazer e desprazer (Ryan & Deci, 2001; Deci & Ryan, 2008). Por outras palavras, esta perspectiva relaciona o bem-estar com o prazer, satisfação com a vida ou felicidade, focando-se na experiência de sentimentos e no balanço entre o afecto positivo e negativo.

A perspectiva *eudaimónica* pode ser atribuída a Aristóteles, que considerava a perspectiva *hedónica* muito limitada, uma vez que fazia dos seres humanos, seres “escravos” dos seus desejos (Ryan & Deci, 2001). Assim, de forma a suprir essas limitações, surge uma perspectiva que aborda questões como “viver bem” e que assenta nas virtudes e potencial humano (Deci & Ryan, 2008; Waterman, 1993). Esta forma de conceptualização do bem-estar relaciona-se com o bem-estar psicológico (ao invés de bem-estar subjectivo, como na perspectiva *hedónica*) e centra-se no desenvolvimento do adulto e da saúde mental (Novo, 2003). Esta conceptualização assume como objectivo principal caracterizar o bem-estar a partir das dimensões básicas do funcionamento positivo, que emergem de diferentes modelos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento, da Psicologia Clínica e da Saúde Mental (Novo, 2003). Segundo Waterman (1993), o *eudaimonismo* considera que o bem-estar é mais do que a felicidade em si, ou seja, nem toda a realização dos desejos resulta em bem-estar, visto que, mesmo que haja a produção de prazer, muitas consequências podem não ser benéficas para as pessoas e, portanto, não promovem bem-estar.

Estas duas tradições, embora distintas, têm em comum o bem-estar como objecto de estudo. Assim, colocam diferentes questões sobre como é que os processos desenvolvimentistas e sociais se relacionam com o bem-estar e definem diferentes abordagens sobre a forma como o indivíduo encara a vida (Ryan & Deci, 2001). Estas

tradições levaram a definições operacionais distintas de bem-estar, nomeadamente o Bem-Estar Subjectivo (associado à perspectiva *hedónica*) e o Bem-Estar Psicológico (associado à perspectiva *eudaimónica*), sobre os quais se irá reflectir em seguida com maior profundidade. Apesar das diferentes perspectivas, evidências recentes mostram que a melhor forma de conceptualizar o bem-estar é olhá-lo como um constructo multidimensional, incluindo aspectos tanto da concepção *hedonista* como da *eudaimonista* (Ryan & Deci, 2001).

### **2.1.2. Bem-Estar Subjectivo *versus* Bem-Estar Psicológico**

A quantidade de informação produzida sobre o conceito de bem-estar e as duas tradições descritas na secção anterior conduziram, na década de 80, a uma subdivisão em duas perspectivas de bem-estar: *bem-estar subjectivo* e *bem-estar psicológico*.

#### **Bem-estar subjectivo:**

O bem-estar subjectivo é um conceito resultante da tradição *hedónica* e que se tem desenvolvido exponencialmente nos últimos anos. Apesar da sua história recente, o bem-estar subjectivo teve origem no século XVIII, durante o Iluminismo. Esta corrente defendia que o propósito da existência da humanidade era a vida em si mesma, tornando o desenvolvimento pessoal e a felicidade valores centrais na sociedade que, nesta altura, passou a proporcionar aos cidadãos a satisfação das suas necessidades (Galinha & Ribeiro, 2005).

Edward Diener, um dos principais investigadores na área do bem-estar subjectivo, inseriu este domínio de estudo no âmbito da psicologia positiva desde o início dos anos 80 (Diener, 2000), tendo este como propósito considerar a avaliação que as pessoas fazem das suas vidas (Diener, Suh, & Oishi, 1997) com base nos valores, necessidades e sentimentos pessoais, independentemente dos valores universais ou da qualidade do funcionamento psicológico (Novo, 2003). Assim, este constructo diz respeito a como as pessoas experienciam as suas vidas e como avaliam, de forma subjectiva, a sua qualidade de vida (Diener & Ryan, 2009). Essas avaliações podem ser negativas ou positivas, incluindo julgamentos e sentimentos sobre a satisfação com a vida, interesses, tristezas e alegrias nos eventos do quotidiano, satisfação no trabalho, nas relações sociais, na saúde e a frequência com que se experimentam emoções positivas e negativas (Diener & Ryan, 2009). O bem-estar subjectivo é uma entidade

multidimensional, uma vez que é constituído por uma dimensão afectiva e uma dimensão cognitiva (e.g. Galinha, 2008; Deci & Ryan, 2008; Galinha & Ribeiro, 2005; Diener, Sapyta, & Suh, 1998). A dimensão afectiva, relacionada com a felicidade e de natureza mais emocional, representa a avaliação de cada indivíduo relativamente às suas experiências emocionais positivas (afecto positivo) e negativas (afecto negativo). As principais emoções positivas são o contentamento, o orgulho, a felicidade, o encantamento, a alegria e a afeição, enquanto as emoções negativas mais estudadas são a depressão, o stress, a ansiedade, a inveja, a tristeza, a culpa e a vergonha (Novo, 2003; Galinha, 2008). Esta dimensão do bem-estar subjectivo mantém uma forte relação com a perspectiva *hedónica*, uma vez que enfatiza os aspectos afectivos da vida (Keyes, Shmotkin, & Ryff, 2002). A dimensão cognitiva é constituída por juízos avaliativos em relação à satisfação com a própria vida (Galinha, 2008) e representa o balanço psicológico que cada indivíduo faz da sua vida em geral (Novo, 2003). Assim, tem-se em conta as avaliações individuais e as diferenças culturais na percepção da própria vida (Siqueira & Padovam, 2008). As duas dimensões apresentadas (afectiva e cognitiva), embora relacionadas entre si, diferenciam-se pela especificidade dos processos psicológicos que envolvem. Apesar destas dimensões não serem indicadores puros de afectos e cognições, a satisfação com a vida é considerada uma dimensão mais cognitiva e a felicidade uma dimensão de cariz mais emocional (Novo, 2003).

Neste sentido, Diener (2000) entende o bem-estar subjectivo como um conceito alargado que inclui muitas experiências de afectos positivos, baixos níveis de afectos negativos e um nível elevado de satisfação com a vida. Por ser constituído por estas três componentes (Afecto Positivo, Afecto Negativo e Satisfação com a Vida), McCullough, Heubner e Laughlin (2000, citado em Galinha & Ribeiro, 2005) evidenciam um Modelo Tripartido do bem-estar. Embora cada um destes constructos esteja correlacionado substancialmente, a verdade é que devem ser considerados isoladamente: a Satisfação com a Vida e a Felicidade estão relacionadas com o afecto positivo e (ausência de) afecto negativo (Diener, Lucas, & Oishi, 2002).

O bem-estar subjectivo assume-se afinal como uma medida de qualidade de vida de um indivíduo e das sociedades (Diener, Oishi, & Lucas, 2003). A forma comum de o avaliar é através de medidas de auto-relato em que o indivíduo avalia e relata a sua satisfação com a vida, a frequência do seu afecto positivo e a frequência do seu afecto negativo (Diener & Lucas, 2000), uma vez que o bem-estar subjectivo apenas pode ser

relatado pelo próprio indivíduo e não por indicadores externos escolhidos e definidos por terceiros (Siqueira & Padovam, 2008). Ainda segundo Diener et al., (2003), o bem-estar subjectivo, juntamente com os indicadores económicos e sociais, é uma das três melhores formas de avaliar a qualidade de vida das sociedades, permitindo compreender como as pessoas sentem e pensam sobre as suas próprias vidas. Assim, a *Escala de Satisfação com a Vida* (SWLS) (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) e a *Escala de Afectividade Positiva e Negativa* (PANAS) (Watson, Clark, & Tellegen, 1988) tornaram-se as medidas mais populares para avaliar o bem-estar subjectivo. Embora tipicamente se assuma que a SWLS e a PANAS avaliam, respectivamente, as dimensões cognitivas e afectivas do BES, a verdade é que é provável que cada uma delas reflecta uma mescla de bem-estar cognitivo e afectivo em vez de indicadores puros de cada um dos constructos (Lent, 2004). Ou seja, cada uma das medidas envolve auto-relatos que exigem que o sujeito reflecta (em termos cognitivos) sobre a sua experiência afectiva e, de alguma forma, sintetize os diferentes domínios e momentos da sua vida para chegar a um julgamento mais geral sobre o seu bem-estar.

Ainda relativamente ao bem-estar subjectivo, existem alguns modelos explicativos, nomeadamente a teoria de *Bottom-Up* e a teoria de *Top-Down* que Wilson (1967, citado em Galinha, 2008) se propôs estudar de modo a relacionar os conceitos de Satisfação e de Felicidade. Estas duas teorias são diferentes em termos das suas raízes filosóficas e as suas implicações para compreender a natureza e os determinantes do bem-estar subjectivo (Diener, 1984). A perspectiva base-topo (*Bottom-Up*) foi construída com base na ideia de Wilson de que existem necessidades humanas básicas e universais que, quando satisfeitas, provocam felicidade no indivíduo (Diener, et al., 1999). Assim, segundo Wilson (1967, citado em Galinha, 2008) a satisfação imediata das necessidades produz felicidade, enquanto a persistência de necessidades por satisfazer provoca infelicidade. Esta perspectiva é também baseada na visão Lockean que vê a mente como uma tábua rasa e considera que o bem-estar resulta de inúmeros momentos de felicidade e satisfação com a vida (Diener, 1984). Assim, a felicidade é a mera soma de todas as experiências prazerosas e desagradáveis, pelo que, uma pessoa feliz é uma pessoa feliz porque experienciou muitos momentos felizes (Brief, Butcher, George, & Link, 1993; Diener & Ryan, 2009). A perspectiva topo-base (*Top-Down*) considera um paradigma Kantiano (Diner, 1984), que assume existir uma pré-disposição para as pessoas interpretarem as experiências da vida de modo positivo ou negativo,



sendo esta predisposição que determina a avaliação individual em determinados domínios de satisfação (Brief, et al., 1993; Diener & Ryan, 2009). De acordo com esta teoria, uma pessoa com um estado de mente mais positivo pode experienciar ou interpretar certos eventos como mais felizes do que as pessoas com perspectivas mais negativas. Desta forma, pode-se considerar que a causa de felicidade é a atitude positiva dos indivíduos face aos eventos e não os eventos em si (Diener & Ryan, 2009).

Em suma, na perspectiva *Bottom-Up* o bem-estar subjectivo é um efeito, enquanto na perspectiva *Top-Down* é uma causa (Galinha, 2008). Apesar de, durante muito tempo, estas teorias se apresentarem de forma separada, o desafio actual é integrar ambas num modelo que explique a dinâmica do bem-estar. Este modelo integrativo assume que tanto as dimensões gerais da personalidade como a natureza das circunstâncias de vida influenciam a forma como a pessoa interpreta os eventos da sua vida, sendo esta interpretação que irá influenciar o bem-estar do sujeito (Brief, et al., 1993).

### **Bem-estar psicológico:**

O bem-estar psicológico nasce num ambiente teórico, de orientação humanista, e foi introduzido pela investigadora Carol Ryff (1989), adoptando uma visão relacionada com a perspectiva *eudaimónica*. O bem-estar psicológico assenta na compreensão do desenvolvimento humano e dos desafios existenciais da vida. Este modelo de bem-estar surge por parte de algumas críticas feitas ao modelo de bem-estar subjectivo, uma vez que Ryff (1989) considera que as medidas baseadas na satisfação e no afecto têm pouca fundamentação teórica, negligenciando assim aspectos importantes do funcionamento positivo. Tendo em conta estas lacunas, Ryff procurou desenvolver uma visão integrativa de bem-estar, baseando-se em conceptualizações teóricas anteriores sobre o funcionamento positivo que incluem o conceito de auto-realização de Maslow (1968, citado em Ryff, 1989), a perspectiva do funcionamento psicológico integral de Rogers (1961, citado em Ryff, 1989), a teoria do desenvolvimento da personalidade e da individualização de Jung (1933, citado em Ryff, 1989), a concepção de maturidade de Allport (1961, citado em Ryff, 1989) e o desenvolvimento humano de Erickson (1959, citado em Ryff, 1989) e Neugarten (1973, citado em Ryff, 1989). Ao lado de todas estas vertentes, foram também utilizadas as proposições relativas à saúde mental de Jahoda (1958, citado em Ryff, 1989), aplicadas para justificar o conceito de bem-estar como

ausência de doença e fortalecer o significado de saúde psicológica. A identificação dos pontos de convergência destas concepções teóricas relativamente ao que é o funcionamento psicológico positivo serviu a Ryff (1989) para conceptualizar um modelo multidimensional (Ryff & Keyes, 1995). Este modelo engloba a análise de seis dimensões psicológicas que estabelecem o bem-estar psicológico: a) auto-aceitação: retrata o nível de auto-conhecimento, funcionamento óptimo e maturidade. Esta componente consiste numa avaliação positiva do próprio e da sua vida; b) autonomia: possui como indicador o *locus* interno de avaliação e a independência das aprovações externas. Sentimento de auto-determinação, independência e capacidade de auto-regulação do comportamento; c) controlo sobre o meio: capacidade do indivíduo para poder escolher ou criar ambientes adequados às suas características e a capacidade de controlo de meios complexos e de exigências extrínsecas ao indivíduo; d) relações positivas: capacidade de estabelecer relações de empatia, afeição e altruísmo com os outros, capacidade de amar e manter amizades; e) propósito na vida: capacidade de estabelecer objectivos atribuindo significado à própria vida; e f) desenvolvimento pessoal: necessidade constante de crescimento pessoal, vivência de novas experiências e desafios necessários à maximização do seu potencial.

Este modelo permite centrar as dimensões nucleares do funcionamento psicológico positivo, colmatar o carácter restrito e atóxico do modelo de bem-estar subjectivo e integrar o bem-estar no âmbito da saúde mental (Novo, 2003). No entanto, este tem a limitação de apresentar dimensões associadas exclusivamente ao chamado funcionamento psicológico positivo e segundo muitos autores uma conceptualização adequada de bem-estar deverá integrar domínios ligados ao funcionamento positivo e domínios ligados aos índices de sintomatologia (Diener, 1994; Kazdin, 1993, & Schlosser, 1990, & Heady, Holmstrom, & Wearing, 1985, citado em Bizarro, 1999).

Como forma de integrar as perspectivas actuais de bem-estar psicológico e de suprir as limitações de medidas anteriores, Bizarro (1999) desenvolveu um instrumento de avaliação de bem-estar psicológico na adolescência (EBEPA). Neste sentido, Bizarro (1999, 2001) fez uma revisão de literatura relativamente às conceptualizações e aos resultados empíricos efectuados por diversos autores que têm vindo a estudar o bem-estar ao longo dos anos, definindo então para a construção do seu instrumento o Modelo Cognitivo-Comportamental-Desenvolvimentista, uma vez que este é sensível às características da população a que se destina e às alterações desenvolvimentistas. O

modelo apresenta seis dimensões, três das quais avaliam índices de dificuldades ao nível emocional, cognitivo, social e fisiológico: ansiedade, dimensão cognitiva emocional negativa e queixas somáticas; enquanto as outras três avaliam a presença de recursos pessoais ao nível emocional, cognitivo e social: apoio social, dimensão cognitiva emocional positiva e percepção de competências.

### **2.1.3. Factores relacionados com o Bem-Estar**

A pergunta “o que faz as pessoas felizes?” não é recente. Muitos têm sido os investigadores a procurar os factores e os processos causais ou relacionados com o bem-estar. De entre os muitos factores encontrados, serão apresentados de seguida aqueles que mais se evidenciaram na relação com o bem-estar:

#### **Género:**

As investigações realizadas não mostram consenso quanto aos resultados finais. Estes oscilam entre a não existência de diferenças entre os sexos e a existência de apenas ligeiras diferenças. Esta diferença encontrada relaciona-se com a dimensão afectiva, uma vez que alguns estudos consideram que as mulheres experienciam níveis mais elevados de afecto negativo e de afecto positivo, de forma mais frequente e mais intensa (Diener & Suh, 1999; Diener & Ryan, 2009). Assim, parece que os níveis elevados de afecto positivo e de afecto negativo nas mulheres se equilibram, resultando em níveis de bem-estar global semelhantes ao dos homens (Lee, Seccombe, & Shehan, 1991, citado em Galinha, 2008). Por outro lado, Argyle (1987, citado em Novo, 2003) destaca que existem evidências de que enquanto os homens se tornam mais felizes com o decorrer do tempo, efeito oposto ocorre entre as mulheres. Em contrapartida, Mroczek e Kolarz (1998) encontraram uma relação em “U” invertido entre a idade e o afecto positivo apenas para as mulheres. Uma relação linear positiva simples caracterizou a relação entre a idade e o afecto positivo para os homens. Estas diferenças encontradas podem estar relacionadas com os papéis sociais atribuídos a cada género, por exemplo, sabe-se que a expressão de afectos negativos é mais facilmente tolerada e permitida às mulheres (Diener, 1994). Quanto à adolescência, Bizarro (1999) verificou que as raparigas reportam níveis de bem-estar menores do que os rapazes ao longo de toda a adolescência.

### **Idade:**

Diferentes teorias levam a previsões diferentes relativamente à relação do bem-estar com a idade. São elas: 1) A teoria do *set point* (Tellegen, Lykken, Bouchard, Willcox, Segal, & Rich, 1988) propõe a existência de diferenças individuais hereditárias quanto à tendência para sentir afectos positivos e negativos e, consequentemente, para avaliar o bem-estar. Segundo os mesmos autores, o que conta é a personalidade, sendo o efeito da idade irrelevante; 2) A perspectiva de indicadores sociais, onde variáveis sociodemográficas, como a idade, género, status marital e ordenado, são responsáveis pelas diferenças de felicidades e de bem-estar existentes entre as pessoas (Ryff, 1989). Por exemplo, as pessoas mais jovens são mais felizes do que as mais velhas, pela maior disponibilidade de recursos físicos, psicológicos e materiais. No entanto, por exemplo, na fase da adolescência, o estudo de Bizarro (1999), evidenciou que existem períodos ao longo da adolescência de maior risco ou vulnerabilidade, sendo propícios à diminuição do bem-estar. A faixa etária dos 15 e dos 17 anos apresentam níveis elevados de cognições e emoções negativas assim como valores muito baixos de cognições e emoções positivas; 3) A teoria da selectividade sócio-emocional, considera que as pessoas aprendem a regular de forma mais eficaz as suas emoções, à medida que ficam mais velhas, o que proporciona maior bem-estar (Carstensen, 1995; Carstensen & Turk-Charles, 1994). Segundo esta perspectiva, as pessoas mais velhas tendem a maximizar os afectos positivos e a minimizar os negativos. A confirmar esta teoria, Ryff (1989) concluiu que os jovens são menos felizes do que as pessoas de meia-idade e idosos. Embora não haja um consenso geral quanto à influência da idade, a verdade é que cada faixa etária apresenta as suas especificidades, devendo estas ser tidas em conta para a promoção do bem-estar.

### **Meio sócio-económico:**

Segundo Howell e Howell (2008), um meio económico favorável contribui positivamente para uma maior satisfação com a vida. No caso dos adolescentes, sabe-se que um meio sócio-económico baixo aumenta as probabilidades de estes vivenciarem menor bem-estar (Adler, Boyce, Chesney, Cohen, Folkman, Kahn, et al., 1994). Os mesmos autores consideram que alguns factores relacionados com o estatuto sócio-económico, nomeadamente os rendimentos, o nível educacional dos pais e as actividades de tempos livres influenciam o desenvolvimento dos jovens. Assim, podem

ocorrer interacções com modelos desajustados, maior ou menor acesso a determinados recursos pessoais e sociais, sendo que todos estes factores de interacção podem influenciar o jovem de forma psicológica, emocional ou cognitiva, o que, sem dúvida, se irá repercutir no seu bem-estar. Para além disto, quando os recursos económicos são baixos, há maior probabilidade de determinadas necessidades básicas não serem satisfeitas, o que poderá levar a uma alteração do bem-estar psicológico dos jovens. Neste sentido, Diener e Suh (1999) concluíram que em países mais ricos os níveis de escolaridade são elevados, há mais alimento, mais médicos por número de habitantes e ordenados mais elevados. Concluíram ainda que tais factores apresentam alta correlação positiva com o bem-estar subjectivo. Os mesmos autores observaram que as pessoas provenientes de países mais ricos apresentam-se mais satisfeitas com a sua vida quotidiana e com o trabalho, assim como relatam maior satisfação com os seus amigos e com a liberdade que vivenciam. Para além disto, as pessoas com mais dinheiro tendem a ter padrões de vida mais elevados, melhor alimentação, habitação, transporte, educação, lazer e acesso à medicina, resultando tudo isto em melhor saúde e até em melhor saúde mental (Argyle, 1999). Estas pessoas possuem ainda maior auto-estima, o que resulta do respeito que, em geral, é atribuído às pessoas mais ricas (Diener, 1984).

### **Suporte Social:**

O suporte social tem sido considerado um facilitador central na promoção do bem-estar subjectivo (Brunstein, 1993) e na diminuição dos afectos negativos associados a circunstâncias de vida adversas (Harlow & Cantor, 1996). Estudos demonstram que as pessoas com maior rede de apoio social, contactos sociais e amigos, são as que reportam níveis mais elevados de bem-estar (Bizarro, 1999), desenvolvendo um auto-conceito positivo (Silva, 2004). A confirmar estes resultados, Call, Riedel, Hein, McLoyd, Petersen e Kipke (2002) referem que um dos maiores preditores de bem-estar nos adolescentes é a interacção com as pessoas que estão diariamente à sua volta, sendo este um motivo para as pessoas experienciarem mais afecto positivo.

### **Personalidade:**

A personalidade é um dos fortes e consistentes preditores do bem-estar subjectivo, tendo esta sido alvo de diversos estudos (Diener, et al., 1999). Ksoma, Stone e Stones (1997, citado em Novo, 2003) afirmam que a estabilidade do bem-estar é devida à

estabilidade do meio, da personalidade e dos estilos afectivos, sendo o meio considerado a componente com menos peso. As pesquisas sobre a relação entre o bem-estar subjectivo e o modelo dos cinco factores (modelo que descreve as cinco dimensões básicas da personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade) têm indicado a extroversão e o neuroticismo como principais potenciadores de bem-estar (Diener & Lucas, 1998). Costa e McCrae (1980) concluíram que a extroversão é um bom preditor de afecto positivo e o neuroticismo um bom preditor de afecto negativo. Um outro aspecto importante da personalidade é a auto-estima, sendo esta também um forte preditor do bem-estar subjectivo (Lucas et al., 1996, citado em Novo, 2003). Os estudos transculturais realizados mostram que esta associação é mais clara nas sociedades ocidentais do que nas sociedades com uma cultura mais “colectivista”, onde a auto-estima surge com menor correlação com o bem-estar subjectivo. Estes dados mostram que a auto-estima constitui um bom preditor de bem-estar nas sociedades onde é valorizado o “individualismo” e um fraco preditor em sociedades que valorizam mais o grupo e a harmonia entre os membros da sociedade (Diener & Diener, 1995, citado em Novo, 2003). Por último, a inteligência parece também ser uma variável da personalidade que se relaciona fortemente com o bem-estar subjectivo, talvez por ser um recurso considerado valioso pela sociedade (Diener, 1984).

### **Expectativas:**

O nível de bem-estar subjectivo será tanto mais baixo quanto maior for a discrepância entre aquilo que o sujeito quer ser e aquilo que realmente é (Diener & Fujita, 1995). No entanto, as pessoas com elevadas aspirações, mesmo que com elevadas discrepâncias face à situação em que vivem, podem atingir níveis de satisfação elevados, desde que julguem estar a fazer progressos relativamente às suas aspirações. As baixas aspirações e as preocupações obsessivas com os objectivos finais pessoais estão associadas negativamente ao bem-estar subjectivo (Novo, 2003).

Muitos outros factores exercem a sua influência no bem-estar, nomeadamente a escolaridade, que permite aos indivíduos progredirem em relação aos seus objectivos, tornando-os mais aptos para lidar com as mudanças do mundo à sua volta (Diener, et al., 1999); as competências sociais, por estas fazerem parte de um conjunto de recursos pessoais que capacitam os sujeitos para estabelecer melhores relações sociais e

aumentarem a sua percepção de competências, o que está relacionado com um maior bem-estar (Diener & Fujita, 1995; Remédios, 2010); os problemas físicos de saúde que estão associados a níveis mais baixos de bem-estar (Brief, et al., 1993); a religião, uma vez que, segundo Diener e Ryan (2009), as pessoas religiosas tendem a experienciar níveis mais elevados de bem-estar; e a empregabilidade, uma vez que o desemprego tem mostrado um impacto negativo no bem-estar subjectivo (Clark, 2009), enquanto o facto de se ter um emprego está relacionado com maior estimulação, mais relações sociais prazerosas e, conseqüentemente, maior nível de bem-estar (Diener, et al., 1999).

## **2.2. A Adolescência**

### **2.2.1. O Bem-Estar e a Adolescência**

A palavra “adolescência” tem origem no latim “*adolescere*” e significa “crescer”, sendo um período transitório e relativamente curto no percurso de vida (Petito & Cummins, 2000). O reconhecimento desta fase como independente da idade adulta apenas ocorreu no último século, devido a alterações culturais, sociais e económicas que ajudaram à sua delimitação. Mas, se por um lado estas influências serviram para evidenciar a necessidade de estudar esta fase em separado, elas serviram também para criar dificuldades quanto à delimitação cronológica do conceito de adolescência, visto esta derivar maioritariamente de uma concepção sociocultural (Papalia, Olds, & Feldman, 2007). Assim, numa tentativa de encontrar os limites que caracterizam a fase da adolescência, pensou-se em definições cronológicas, físicas e psicológicas (Bizarro, 1999). No entanto, o facto de estas alterações se encontrarem interrelacionadas e em constante interacção faz com que não haja consenso quanto aos limites da fase da adolescência. Segundo Braconnier e Marcelli (2000), actualmente a adolescência constitui um período mais longo do que no passado, visto a puberdade surgir cada vez mais cedo e a transição para a fase adulta prolongar-se até uma data indefinida. Embora não haja consenso quanto ao início e final desta fase de vida, existe consenso quanto ao facto de esta ser caracterizada por mudanças radicais, rápidas e intensas (Bizarro, 1997) que se verificam em diferentes níveis: físico, cognitivo, social, moral e, conseqüentemente, psicológico.

As primeiras mudanças ocorrem a nível físico devido à produção de hormonas que, ao serem segregadas pelas glândulas e lançadas na corrente sanguínea, afectam o

metabolismo do corpo contribuindo para o seu crescimento (Sprinthall & Collins, 2008, Vilelas, 2009). Este crescimento é desigual entre os rapazes e as raparigas, sendo que nas meninas ocorre primeiro o desenvolvimento mamário e depois o crescimento de pêlos púbicos, o alargamento das ancas e o aparecimento da menarca. Nos rapazes verifica-se inicialmente o aumento do volume dos testículos, crescimento dos pêlos na púbis, no peito, nas pernas, nas axilas e na cara, modificação dos órgãos genitais externos, engrossamento da voz e ocorrência da primeira ejaculação (Papalia, et al., 2007). Estas mudanças aceleradas e desiguais transformam a imagem corporal do adolescente.

As alterações ocorrem também a nível cognitivo, visto que, à medida que se atinge o auge intelectual que Piaget chamou de “operações formais”, o pensamento deixa de ser concreto e passa a ser mais abstracto, tornando-se mais capaz de raciocinar de forma abstracta e lógica: “Se isso, então aquilo” (Myers, 2006). Assim, em contraste com o pensamento infantil, o pensamento de um adolescente permite-lhe identificar alternativas, antever resultados, ponderar os seus próprios pensamentos e os pontos de vista de outras pessoas (Sprinthall & Collins, 2008), colocar hipóteses e defendê-las (Cordeiro, 2009). O desenvolvimento da capacidade para raciocinar nos adolescentes dá-lhes um novo nível de consciência social e julgamento moral. Estas competências aumentam a auto-consciência dos adolescentes, embora estes se mantenham egocêntricos e com um raciocínio quase sempre auto-centrado. Neste sentido, os adolescentes têm a crença de que todos à sua volta estão concentrados na sua aparência, no que eles são e nos seus comportamentos – “audiência imaginária”; os jovens acreditam também que são únicos e especiais e que as suas experiências são incomparáveis e intocáveis – “fábula pessoal” (Schwartz, Maynard, & Uzelac, 2008). Os mesmos autores consideram que tal egocentrismo se mantém ao longo de toda a adolescência.

Na transição da infância para a adolescência ocorrem também alterações de nível social, caracterizadas por contradições e ambivalências que levam o adolescente a viver permanentemente entre a necessidade de independência e dependência. É nesta fase que os adolescentes caminham para uma maior autonomia em relação aos seus familiares, sendo esta separação, mesmo que simbólica, difícil para ambos (Braconnier & Marcelli, 2000). Ao longo do tempo, as relações afectivas estabelecidas com os pais vão sendo substituídas pelas relações com o grupo de pares. Este grupo é considerado uma fonte



de referência de normas de conduta onde se partilham segredos e experiências, contribuindo assim para o desenvolvimento emotivo e da personalidade (Sampaio, 1996). Mas se por um lado este grupo promove a existência de laços sociais e de confiança e um ambiente mais preparado para intervir em estado de crise (Walker, Ashby, Hoskins, & Greene, 2009), por outro também é verdade que a qualidade da relação com estes pares tem influência no aparecimento e continuidade de algumas condutas patológicas, por exemplo, perturbações do comportamento (Braconnier & Marcelli, 2000). Estas alterações nas redes sociais do adolescente levaram Erikson (1976) a identificar a adolescência como um período que atravessa uma crise de identidade-difusão. Ou seja, a forma como o adolescente se vê a si próprio e a forma como é visto pelos outros é a base da formação da sua personalidade, podendo esta resultar numa identidade pessoal sólida – quando os alicerces são firmes e fortes – ou numa identidade difusa – quando estes alicerces são instáveis e fracos (Sprinthall & Collins, 2008). Esta formação da identidade envolve a integração tanto das transformações pessoais e das exigências sociais como das expectativas em relação ao futuro. Quando toda esta integração funciona de forma adequada, verifica-se um sentido de unidade e identidade que tende a ser reconhecido pelos adultos (Sprinthall & Collins, 2008).

Na adolescência ocorrem também alterações ao nível moral, com as quais o adolescente poderá não só decidir o que é certo e o que é errado mas também efectuar juízos e avaliações morais em situações cada vez mais complexas (Bizarro, 1999). Assim, na adolescência, o jovem será capaz de se preocupar com os outros, averiguar as regras e leis sociais, agir de acordo com as expectativas dos outros, reconhecer os direitos e deveres (Myers, 2006), diferenciar contextos variados, agir de forma adequada dentro de cada contexto e tomar consciência de princípios sociais e não apenas das suas regras (Sprinthall & Collins, 2008). Segundo Kohlberg (1969, 1981, citado em Eisenberg, Miller, Shell, McNalley, & Shea, 1991), a capacidade de perspectiva complexa e a compreensão de conceitos abstractos estão associadas com os avanços no raciocínio moral. Em suma, ser-se uma pessoa moral é pensar moralmente e agir consequentemente, mesmo sabendo que a moralidade é influenciada por factores sociais e inclui tanto os pensamentos como os sentimentos, visando guiar os julgamentos e comportamentos de cada um (Myers, 2006).

Por último, apenas salientar as alterações de nível psicológico que ocorrem enquanto todas as mudanças descritas anteriormente se manifestam. O adolescente deve adaptar-se a uma nova imagem corporal, com a qual se pode, ou não, identificar (Vilelas, 2009). A forma como o adolescente se identifica com a sua imagem irá exercer influência na sua auto-estima e auto-imagem (Sprinthall & Collins, 2008), o que poderá contribuir para uma maior capacidade de raciocínio e, conseqüentemente, para o ajudar a pensar não só na sua perspectiva mas também na perspectiva dos outros. Com esta aprendizagem, o adolescente passará a esforçar-se por adaptar o seu comportamento ao meio que o rodeia, a novos contextos (Papalia, et al., 2007), entrar no mundo do trabalho e ainda lidar com novas responsabilidades (Petito & Cummins, 2000). Para além disto, as suas redes sociais alteram-se, forçando-o a criar uma nova identidade na qual integrará todas as alterações anteriormente vivenciadas e, por último, o aumento da auto-consciência que o levará a tomar decisões baseadas em julgamentos morais.

Por tudo isto, é necessário um esforço conjunto para que o adolescente ultrapasse esta fase de forma harmoniosa e adaptativa, visto estas conquistas contribuirão para o seu bem-estar e também para o seu sucesso em tarefas futuras (Sampaio, 1996).

### **2.2.2. Jovens em Risco**

Como se pode verificar, a adolescência é uma temática bastante versátil, sendo a disponibilidade de temas incansável se o objectivo fosse uma descrição exaustiva. No entanto, para além de abordar as características desenvolvimentistas da adolescência, é também essencial referir alguns contextos que influenciam vivamente os jovens e o seu desenvolvimento. Assim, existem diversos contextos que podem exercer influência de forma favorável ou desfavorável, nomeadamente o contexto familiar, o contexto escolar e o contexto social (grupo de pares). Focando essencialmente o primeiro contexto, a família é o primeiro grupo de pertença da criança, sendo também o meio em que se desenvolvem relações de ajuda, afecto e respeito (Papalia et al., 2007). Desde cedo que as crianças tendem a imitar os modelos disponíveis (Bandura, 1976). Assim, a criança tende a modelar os seus comportamentos com o dos adultos com quem convive, podendo esses comportamentos ser positivos (por exemplo: transmissão de afecto, comunicação assertiva, relações de respeito e confiança) ou negativos (por exemplo: negligência, delinquência, consumos aditivos e violência) (Matos, 1997). Assim,

percebe-se que, se para alguns a família serve como base de apoio, funcionando também como palco de alguns desactos normativos da adolescência, a verdade é que para muitas crianças e jovens a família é o impulso para situações de risco. Desta forma, adversidades familiares relacionadas com a violência, pobreza, negligência e outros problemas familiares (Dickson, Emerson, & Hatton, 2005), podem contribuir para o desenvolvimento de jovens em situações de risco (Soeiro, 1995), o que determina fortemente o futuro de cada um (Ventura, 1995).

Relativamente à violência, esta é definida como o uso intencional de força física ou de poder dirigida contra o próprio ou contra outra pessoa ou grupo, o que pode resultar em morte, maus tratos, danos psicológicos e privação ou défices de desenvolvimento (WHO, 2002, citado em Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009). Outros estudos concluem que a exposição directa ou indirecta à violência tem consequências negativas, como o consumo de tabaco, álcool e drogas, depressão e perturbações de ansiedade, do sono, de alimentação e obesidade, stress pós-traumático, agressividade, assim como comportamentos sexuais de risco (McDonald & Richmond, 2008). Para além disto, a violência encontra-se também relacionada negativamente com o bem-estar (Pereira & Santos, 2011), sendo assim de extrema importância estar alerta para este factor de risco. É de salientar que todas as crianças e jovens estão aptos a ter comportamentos violentos, sendo que há jovens que têm mais probabilidade que outros de os exercerem devido aos factores de protecção e factores de risco que cada um possui. Neste sentido, Matos et al., (2009) identificaram os factores de protecção e de risco para o envolvimento em comportamentos violentos. Os factores de protecção são os factores biológicos e a atitude intolerante face aos comportamentos violentos, a relação próxima e afectiva com a família, a disponibilidade e proximidade dos professores, a disponibilidade na escola de médico, enfermeiro, psicólogo e apoio social e o elevado envolvimento pró-social tanto na escola como na comunidade. Os factores de risco são, por exemplo, histórias de agressão precoces, consumo de substâncias aditivas antes dos 12 anos, baixo nível cognitivo, fraco envolvimento familiar e escolar, associado com insucesso académico, falta de apoio dos professores, disciplina fraca e inconsistente na sala de aula e em casa, pertença a uma comunidade de estatuto sócio-económico baixo ou muito baixo, exclusão social e discriminação na escola e na comunidade. É de salientar que a repetição e a gravidade de comportamentos violentos

em crianças ou adolescentes conduzem, muitas vezes, à sinalização e, consequentemente, ao pedido de intervenção (Alarcão, 2006).

Quanto à pobreza, sabe-se que esta se perpetua de geração em geração devido aos mecanismos de socialização e cultura aprendidos pelas crianças (Amaro, Silva, Lourenço, & Silva, 2001). Os mesmos autores concluem que as crianças que experienciam pobreza na infância têm maior probabilidade de abandono, insucesso escolar, gravidez adolescente, pouca saúde física e mental, comportamento delinquente e desemprego. Ainda Papalia et al., (2007) afirma que a pobreza pode complicar os relacionamentos familiares e prejudicar o desenvolvimento das crianças, uma vez que estes pais tendem a ser menos carinhosos, não estabelecendo relações de suporte com os seus filhos. Para além disto, estes pais tendem a ser mais punitivos e pouco preocupados com a escolaridade dos filhos (Amaro et al., 2001). Segundo Almeida, Capucho, Costa, Machado, Nicolau e Reis (1992), a pobreza pode ser verificada em quatro domínios: condições de habitação, condições de saúde, educação e emprego/desemprego. Assim, segundo os autores, em caso de pobreza existe falta de controlo habitacional, havendo superlotação habitacional e inadequação geral do alojamento. Quanto às condições de saúde, é possível verificar a desigualdade pela esperança média de vida mais curta, por maiores níveis de mortalidade infantil, menores recursos a serviços médicos e também maior risco de contrair doenças. Relativamente à educação, sabe-se que a pobreza está associada a níveis de escolaridade mais baixos, abandono escolar e maior número de reprovações, o que torna o acesso ao mercado de trabalho mais difícil.

A negligência é caracterizada por baixos níveis de controlo, indisponibilidade emocional e inconsistência no afecto e nas respostas face às necessidades de desenvolvimento dos filhos (Ribeiro & Castro, 2011). Esta constitui um problema sério, com consequências negativas imediatas e a longo prazo. Neste sentido, as crianças e jovens vítimas de negligência tendem a apresentar vulnerabilidades e problemas em diferentes áreas do funcionamento, tais como a emergência de psicopatologias, dificuldades no desenvolvimento social (Bolger, Patterson, & Kupersmidt, 1998), emocional (Mintz, 2004), cognitivo e académico (Gaudin, 1993), problemas nas relações de vinculação (Mintz, 2004) e défices cognitivos, de atenção e ausência de iniciativa, bem como graves problemas de ajustamento escolar (Erickson, Egeland, & Pianta, 1989). Relativamente à parentalidade, as mães negligentes apresentam níveis mais baixos de contacto físico e verbal com os filhos, níveis mais elevados de

interacção negativa e menos comportamentos positivos, emitindo mais frequentemente ordens (Burgess & Conger, 1978). Por todos estes motivos, a negligência constitui a principal causa de sinalização às comissões de protecção de crianças e jovens em Portugal. De acordo com os dados do relatório da Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, dos 25768 casos referenciados em 2007, 10130 dizem respeito a situações de negligência (relatório da CNPCJR, 2007, citado em Ribeiro & Castro, 2011).

Para além da violência, pobreza e negligência, existem muitos outros problemas relacionados com o contexto familiar que fazem com que este nem sempre seja considerado um meio adequado à vivência e desenvolvimento de crianças e jovens. Neste sentido, existem famílias em que as regras tendem a ser pouco claras, versáteis e facilmente mutáveis. Para além disto, é visível a insuficiência de papéis parentais, dificuldades na delegação da parentalidade e a fraca delimitação dos sub-sistemas e carências afectivas (Alarcão, 2006). Cada vez mais as famílias tendem também a ser diversificadas, uma vez que nem todas são constituídas pelo agregado familiar habitual. Na sociedade actual observam-se alterações importantes ao nível das dinâmicas familiares, nomeadamente um aumento significativo do número de separações e divórcios. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) (2009, citado em Agulhas, 2011), a percentagem de divórcios subiu de 1,8% em 2001 para 2,4% em 2007. Assim, muitos dos jovens vivem em famílias monoparentais, ou porque um dos familiares abandonou a residência e o que fica não se volta a juntar ou devido à morte de um dos familiares. Saraceno (1997, citado em Silva, 2004) refere também que estas famílias têm maior probabilidade de entrarem em estado de pobreza quer pelas diferenças no mercado de trabalho entre homens e mulheres quer por se poder tratar de um único progenitor com uma grande responsabilidade sobre um ou mais filhos menores. Para além de famílias monoparentais, é também visível a existência de famílias reconstituídas, ou seja, famílias em que houve uma separação e novamente uma união com outra pessoa, podendo este novo elemento do casal ter ou não filhos, de relacionamentos anteriores.

Assim, percebe-se que, muitas vezes, as crianças e os jovens estão expostos a factores de risco, sendo que estes raramente ocorrem isoladamente. De facto, as crianças que se encontram em situações de risco elevado estão-no, geralmente, devido à exposição a múltiplas adversidades que se prolongam no tempo (Pereira & Santos,

2011), por exemplo, pais adolescentes, filhos não planeados, escassas diferenças de idades entre irmãos, mães com vários companheiros que não são pais biológicos das crianças, famílias desestruturadas, crises na vida familiar, mudanças frequentes de residência (Alves, 2007), famílias monoparentais, famílias com muitos filhos, famílias reconstituídas com filhos de outras ligações (Dias, 2010) e famílias com problemas socioeconómicos e habitacionais (Briere, 1992, citado em Dias, 2010).

Em situações extremas, muitas crianças e jovens encontram-se em risco dentro dos seus próprios lares, sendo essencial pedir ajuda a instituições externas de modo a que se proteja estes jovens e se lhes dê as condições necessárias para um desenvolvimento adequado.

## **2.3. O Acolhimento Institucional**

### **2.3.1. Breve enquadramento histórico**

A história da institucionalização de crianças e jovens não é recente. Desde a Idade Média que em Portugal e noutros países da Europa existem testemunhos de práticas de abandono de crianças recém-nascidas, tanto pela miséria extrema vivida por grande parte da população (Trinidad Fernández, 1996, & Moreda, 1996, citado em Amado, Ribeiro, Limão, & Pacheco, 2003) como, por exemplo, pela morte da mãe, uma vez que muitas mulheres morriam durante o parto (Mota & Matos, 2008). Assim, com a condenação do adultério feminino, do aborto e do infanticídio foi criada a “*roda dos expostos*” (Amado, et al., 2003; Martins & Szymanski, 2004). Esta roda foi instalada em instituições religiosas de modo a salvaguardar o anonimato dos que abandonam e, supostamente, para evitar a praga do infanticídio, sendo oficializada em Portugal em 1783, por Pina Manique (Amado et al., 2003). No entanto, o mesmo autor refere que 60 a 70% das crianças acabavam por morrer durante o primeiro ano de internamento, pelo que a roda não estaria a atingir o objectivo a que se destinava, acabando por se extinguir. Tal extinção despoletou o aparecimento de outras medidas, entre elas o acolhimento institucional de crianças e jovens, com a consequente melhoria das suas vidas.

### **2.3.2. Instituições de Acolhimento**

#### **O que são:**

As instituições de acolhimento são equipamentos sociais para crianças ou jovens que necessitam ser separados do seu núcleo familiar de forma temporária, ou mesmo definitiva (Sandomingo, 1998, citado em Martins, 2004). A nível mundial, estima-se que cerca de oito milhões de crianças estejam em regime de acolhimento institucional (Pinheiro, 2006, citado em Abaid, 2008). Em Portugal esta decisão é considerada uma última medida, embora seja aquela que apresenta maior expressão (Carvalho & Manita, 2010).

As situações de acolhimento não devem ser consideradas de forma genérica, uma vez que as necessidades e especificidades de cada família são essenciais para uma análise mais aprofundada de cada situação. Neste sentido, segundo Amado et al., (2003), as respostas podem estruturar-se em três níveis: a) acolhimento de emergência: requisitado em situações de perigo eminente, não devendo ultrapassar as quarenta e oito horas; b) acolhimento temporário: destinado a situações em que as crianças ou jovens devem afastar-se das suas famílias por um período temporário, nunca excedendo os seis meses e; c) acolhimento de longa duração: considerado para crianças e jovens cuja situação problemática justifique o afastamento definitivo em relação às famílias de origem. É importante referir que, seja qual for a resposta, a criança ou o jovem pode sempre regressar à sua família de origem, desde que os técnicos responsáveis considerem que a situação problemática já foi ultrapassada (Amado et al., 2003).

Embora as instituições estejam cada vez mais dotadas para suprir todas as necessidades e cuidados das crianças e jovens, nem todos os autores as consideram como ambientes adequados para o acolhimento. Neste sentido, Teixeira (2009) refere que dificilmente as instituições conseguem proporcionar um ambiente estável e seguro. Assim como para Carvalho (2002, citado em Siqueira & Dell`Aglia, 2006) o ambiente vivido nas instituições não é adequado para o desenvolvimento, podendo mesmo ser desfavorável. No entanto, sabe-se que as características das instituições são um aspecto de extrema importância para as crianças e jovens institucionalizados, uma vez que é a realidade com que se deparam diariamente (Siqueira & Dell`Aglia, 2006).

### **Características e objectivos gerais:**

As instituições de acolhimento não são todas iguais, uma vez que cada uma apresenta as suas próprias especificidades, tendo em conta os objectivos a que se propõem. No entanto, existem algumas características gerais que podem ser evidenciadas.

Normalmente as instituições são verticais, ou seja, abrangem crianças de idades distintas (Sandomingo, 1998, citado em Martins, 2004). Esta questão levanta alguns problemas, nomeadamente, o facto de ser difícil para as instituições reunirem condições adequadas para todas as idades. Assim, nem sempre são respeitadas as características desenvolvimentistas específicas de cada faixa etária, verificando-se alguns desfasamentos entre as necessidades das crianças e as respostas da instituição (Cóias, 1995). Quanto ao género das crianças e jovens em acolhimento, há instituições mistas que acolhem tanto rapazes como raparigas, sendo que, nesses casos, há uma separação rígida relativamente às instalações e, muitas vezes, até aos prestadores de cuidados. No entanto, há também instituições que apenas acolhem crianças e jovens de um dos géneros e, nesses casos, não é necessária a separação, por exemplo, nos dormitórios (Teixeira, 2009). Relativamente ao número de crianças dentro de cada instituição, este é também variável. Neste sentido Alberto (2002) refere que não são aconselhados grupos grandes (25 a 30 crianças) nem grupos muito pequenos (4 a 5 crianças), sendo sim adequado grupos com o máximo de 8 crianças (Fernandes & Silva, 1996, citado em Freitas, 2009) de forma a evitar a massificação (Delgado, 2007). Quanto às crianças e jovens presentes nas instituições, estes têm em comum o facto de serem vítimas de diferentes adversidades que os impedem de permanecer no núcleo familiar. No entanto, todos eles são diferentes, contribuindo para uma elevada diversidade dentro das instituições. Assim, numa mesma instituição podem estar jovens com repetidas práticas delinquentes, histórias de fuga de instituições e confrontos com as autoridades e outros jovens que estão institucionalizados por as suas famílias não apresentarem condições suficientes para os manter no núcleo familiar (Cóias, 1995). Para conseguir suprir as necessidades de todos os jovens acolhidos, as instituições tiram partido de alguns recursos da sociedade, por exemplo, recursos escolares, médicos e lúdicos (Martins, 2004). No entanto, nem sempre se consegue dar respostas a dificuldades específicas, por exemplo, certos tipos de deficiência, muitas vezes por carência de recursos ao nível das instalações (González, 1996, & Bullock, 1999, citado em Delgado, 2006). Por último, a



vida nas instituições é dependente das regras da própria instituição (Amado et al., 2003), impondo assim rotinas diárias que evitam a imprevisibilidade e dão segurança à própria instituição (Freitas, 2009).

Relativamente aos objectivos, estes têm sofrido algumas alterações com o decorrer do tempo. Inicialmente o objectivo primordial era garantir a sobrevivência (Amado et al., 2003), mas actualmente estes estendem-se também a dimensões educativas, assistenciais e protectoras (Fernandes & Silva, 1996, citado em Freitas, 2009). Assim, as instituições devem satisfazer as necessidades de alojamento, alimentação, higiene, saúde e educação (Santana, Doninelli, Frosi, & Koller, 2004), de forma a assegurar o desenvolvimento integral das crianças e jovens cujos pais deixaram de ter essa finalidade educativa (Delgado, 2006). Para mais, as instituições devem também preocupar-se em reproduzir um ambiente harmonioso, que se aproxime de um ambiente familiar adequado, criar ambientes de socialização primária que promovam a existência de relações (Teixeira, 2009), prestar cuidados, nomeadamente cuidar e confortar (Martins, 2004), modificar respostas comportamentais desadequadas (Cóias, 1995), respeitar a individualidade de cada criança/jovem e promover nos jovens competência físicas, sociais, culturais (Martins, 2004) e intelectuais, bem como normas e valores (Fernandes & Silva, 1996, citado em Freitas, 2009). Ao nível escolar, as instituições têm um papel importante, uma vez que as crianças e jovens institucionalizados tendem a registar valores mais baixos, podendo esta ser explicada pela pobreza, rupturas e até mudanças sucessivas de escola (Martins, 2004). Para além disto, as instituições são também responsáveis pelo contacto com a família (pais, família alargada ou outras pessoas significativas), determinando, em conjunto com o tribunal, o período de tempo de visitas dos pais e também a altura adequada para regressar ao ambiente familiar (Mota & Matos, 2008). As instituições devem também encorajar e preservar a integridade pessoal dos menores (Parker, 1988, citado em Martins, 2004), promover a reconstrução das percepções das crianças relativamente ao passado, à família e ao futuro, fomentando assim expectativas positivas em relação a si, aos outros e à vida, preparar os jovens para a sua independência (Martins, 2004), prevenir a exclusão e a marginalização (Amado et al., 2003), criar condições para os tempos livres (Fernandes & Silva, 1996, citado em Freitas, 2009) e promover a cidadania (Santana, et al., 2004).

### **Relacionamentos na Instituição:**

As relações estabelecidas numa instituição diferem muito das relações estabelecidas no ambiente familiar por uma multiplicidade de factores, começando pelo facto de, nas instituições, os principais alvos de relacionamentos serem os pares e os funcionários da própria instituição.

O grupo de pares é considerado uma fonte de apoio e compreensão, funcionando como marcos relevantes na construção emocional dos jovens. Estas relações potenciam a aprendizagem de competências de resolução de conflitos, de autocontrolo e de manutenção da proximidade relacional (Mota & Matos, 2010). Nas instituições as crianças e os jovens deparam-se com uma grande riqueza ao nível das interacções sociais, uma vez que interagem diariamente com crianças e jovens de diferentes idades, podendo ser rapazes ou raparigas. Normalmente estas relações são marcadas por alguns problemas, uma vez que existe constantemente a disputa de objectos ou de poder (Martins & Szymansky, 2004). Assim, com a instabilidade de jovens nas instituições e com a constante entrada e saída de novas crianças, estas relações são, geralmente, de pouca durabilidade e consistência, não sendo consideradas relações que possam satisfazer os níveis de segurança necessários a vinculações seguras (Mota & Matos, 2010). No entanto, os mesmos autores afirmam que os adolescentes institucionalizados que sentem proximidade nas suas relações com os pares estão mais capazes de expressar as suas ideias e sentimentos, envolvendo-se de forma positiva e empática noutras relações significativas.

Relativamente aos funcionários da instituição, estes desempenham um papel de extrema importância na rede de apoio social e afectivo das crianças e adolescentes institucionalizados (Brito, 1999, & Forster, Bastos, Tannhauser, & Tannhauser, 1992, citado em Santana, et al., 2004). São estes que orientam e protegem, funcionam como modelos (Siqueira & Dell`Aglia, 2006), potenciam o desenvolvimento de limites internos e externos que se traduzem em indicadores de maturidade (Mota & Matos, 2010), suprem as necessidades básicas de alimentação, higiene, saúde, educação, afecto e organizam as rotinas diárias das crianças (Prada, Williams, & Weber, 2007). As relações estabelecidas com os funcionários podem alcançar a satisfação de muitas das dimensões vinculativas necessárias, proporcionando à criança ou ao jovem uma maior sensação de confiança e segurança nas suas relações (Mota & Matos, 2010). No entanto, nem sempre estas relações ocorrem como os jovens idealizam, deparando-se por vezes

com algumas dificuldades. Estas dificuldades prendem-se, principalmente, com o número reduzido de funcionários face ao número de crianças e jovens institucionalizados. Este facto aumenta a sobrecarga sobre os funcionários e, consequentemente, faz com que estes fiquem mais indisponíveis e sem tempo para atender às individualidades de cada criança (Mota & Matos, 2010). Uma outra dificuldade prende-se à elevada rotatividade de pessoal, uma vez que estes funcionários trabalham por turnos, havendo trocas ao longo do dia (Prada, et al., 2007). Este facto leva a novas rupturas nos vínculos já estabelecidos, dificultando assim a possibilidade de um ambiente seguro (Hecht & Silva, 2009). Por último, é de salientar a falta de funcionários especializados (González, 1996, & Bullock, 1999, citado em Delgado, 2006), já que os que existem nem sempre possuem as competências necessárias para lidar com as necessidades destas crianças e jovens de forma adequada. Neste sentido, é essencial a realização de cursos de formação em áreas como os cuidados com a saúde, psicologia do desenvolvimento, relação interpessoal, animação de actividades (Delgado, 2006) e workshops diversos que os especializem para a escuta e atenção às individualidades de cada criança/jovem (Hecht & Silva, 2009), melhorando assim a qualidade do atendimento nos serviços de acolhimento. Por último, é também necessário que o processo de selecção dos funcionários seja rigoroso e que tenha em conta questões como a disponibilidade emocional, o gostar de crianças, a empatia e a formação (Hecht & Silva, 2009), uma vez que, segundo a teoria da vinculação, a qualidade da relação desenvolvida com os adultos significativos, potencia uma percepção positiva de si, mesmo enquanto figura merecedora de apoio emocional (Mota & Matos, 2010).

#### **A Transição para a Instituição:**

A institucionalização de crianças e jovens decorre de falhas no cumprimento das responsabilidades parentais (Martins, 2004). Estas falhas são bastante diversificadas, podendo incluir o abandono, maus-tratos físicos ou psíquicos, abusos sexuais, trabalhos excessivos e inadequados à idade, a exposição a situações que coloquem a segurança em causa (Alberto, 2004), situações de desvio ou conflito social (Delgado, 2006), negligência, exercício abusivo da autoridade e falta de condições materiais, sociais ou psicológicas, necessárias para proporcionar à criança um ambiente equilibrado (Amado et al., 2003).

Nestes e noutros variados casos, as crianças podem ser institucionalizadas, consistindo este num momento não normativo e único no desenvolvimento da criança, uma vez que implica a transição do contexto familiar para o contexto institucional (Gribble, 2007, citado em Vieira, 2009). A institucionalização é sempre vivida como uma experiência dolorosa, uma vez que provoca a ruptura com o ambiente conhecido, exige adaptações sucessivas (Amado et al., 2003) e fornece relações descontínuas e dificuldades na construção dos afectos e identidade própria (Teixeira, 2009). Para além disto, a separação do ambiente conhecido e a chegada à instituição implica sentimentos de perda, angústia e, muitas vezes, um intenso sentimento de culpa e necessidade de recuperar o ambiente perdido (Amado, et al., 2003). Estes sentimentos evidenciam-se, uma vez que, por muito disfuncional que o contexto familiar se possa apresentar, este traduz, no mundo interno dos jovens, um sentido de pertença. Em suma, as crianças e os jovens são duplamente vítimas, uma vez que, para além de serem retirados do seu contexto e afastados das relações que conhecem, são obrigados a entrar num contexto desconhecido e a experienciar a ruptura com sentimentos negativos (Teixeira, 2009). Esta transição envolve um esforço de todos os funcionários da instituição para que o acolhimento seja harmonioso, uma vez que, segundo Mota & Matos (2010), a forma como as crianças e os jovens interpretam o novo lar é fundamental para o percurso desenvolvimental, psíquico e emocional.

#### **Aspectos Negativos da Institucionalização:**

Ao acolhimento institucional associa-se, frequentemente, uma imagem negativa decorrente das características das instituições anteriormente referidas e do impacto que tem na criança a transição para um ambiente desconhecido. Assim, existem diversos aspectos negativos das instituições que podem trazer consequências, também elas negativas, para as crianças e jovens institucionalizados.

Neste sentido, sabe-se que o próprio espaço físico das instituições não permite a individualidade, sendo também difícil para os técnicos das instituições identificarem sentimentos, problemas e necessidades de algumas crianças (Siqueira, Tubino, Schwarz, & Dell'Aglia, 2009; Zurita & Fernández del Valle, 1996, citado em Martins, 2004). Para além disto, a intimidade e as particularidades de cada um não são tidas em conta, tanto pela falta de tempo como pelo excesso de crianças e jovens institucionalizados. Todos os objectos são partilhados, desprovidos de carga emocional (Teixeira, 2009) em

virtude de uma vivência colectiva, mesmo os objectos pessoais. Neste sentido os jovens acabam por se sentir desqualificados das suas características únicas para se sentirem como mais um número dentro da instituição (Hecht & Silva, 2009), sendo, por vezes, pouco estimulados (Teixeira, 2009) devido à falta de estímulos materiais e também sociais (Martins & Szymansky, 2004). O espaço físico é caracterizado como extremamente limitado, uma vez que os muros separam o mundo exterior do interior (Teixeira, 2009). Assim, o mundo na instituição é entendido como mais isolado, sendo menos passível de proporcionar às crianças e jovens experiências noutros ambientes (Bronfenbrenner, 1979). Para além disto, nas instituições as relações são pouco individualizadas (Teixeira, 2009; Dell`Aglia, 2000), pouco profundas e pouco estáveis, despoletando perturbações nas relações com os outros e, por vezes, também com o mundo que os rodeia (Teixeira, 2009). Assim, existem lacunas relativamente aos vínculos afectivos básicos que foram quebrados ou não se constituíram nas relações iniciais com a família (Dell`Aglia, 2000).

As consequências de todos estes aspectos negativos são visíveis nas crianças e jovens institucionalizados. Assim, estes tendem a apresentar ausência de sentimentos de pertença, diminuição da auto-estima, perda do sentido de identidade familiar, limitação e empobrecimento das suas possibilidades de escolha pessoal, poucas capacidades na tomada de decisões, (Zurita & Fernández del Valle, 1996, citado em Martins, 2004), perda da própria identidade pessoal (Strecht, 1998, citado em Delgado, 2006), ausência de curiosidade intelectual, baixos níveis de resistência à frustração, dificuldades de integração e aceitação plena na sociedade, lacunas na expressão verbal e motora e expressão de comportamentos violentos (Teixeira, 2009). Para além disto, Bowlby (1998) refere que estas crianças e jovens apresentam falta de controle emocional, falta de concentração no trabalho escolar, incapacidade de confiança, isolamento afectivo, depressões e diversos deficits intelectuais, principalmente no desenvolvimento da linguagem. Além disso, alguns estudos demonstram que as crianças e os jovens institucionalizados têm maior probabilidade de apresentar transtornos psiquiátricos do que aqueles que vivem com as suas famílias (Abreu, 2001, citado em Abaid, 2008). Para além do mais, é preciso não esquecer que, na maioria das vezes, estas crianças e jovens são associados a estereótipos sociais com um intuito estigmatizante, proporcionando uma visão negativa da sociedade em relação às crianças e jovens institucionalizados (Amado et al., 2003).

Em suma, as instituições, mesmo quando oferecem às crianças e jovens ambiente harmoniosos, estimuladores e humanos, continuam a ser incapazes de proporcionar um ambiente equivalente ao familiar para cada um dos residentes, pelo que os efeitos nocivos são sempre produzidos (Bronfenbrenner, 1979).

### **Aspectos Positivos da Institucionalização:**

Depois da apresentação de todos estes aspectos negativos, parece não existir qualquer vantagem na institucionalização. No entanto, a verdade é que a instituição assume um importante papel na vida das crianças e adolescentes que nelas vivem (Siqueira et al., 2009). Como tal, alguns autores apontam diversos aspectos positivos. Por exemplo, segundo Teixeira (2009), para muitas crianças e jovens, a institucionalização pode representar o primeiro espaço para uma socialização verdadeira e adequada, no sentido em que é um espaço onde se encontram modelos normativos, regras, limites, organização e valores capazes de exercer uma certa coerção no sentido do indivíduo assimilar modelos de conduta que lhe permitam adaptar-se ao meio e agir de acordo com as exigências de integração social. Para além disto, o contexto institucional pode oferecer à criança condições de vida a que esta dificilmente conseguiria ter acesso no contexto familiar, por exemplo, prática de actividades lúdicas, relacionamentos com outras crianças, rotinas de limpeza, higiene e alimentação (Siqueira, et al., 2009), vestuário e segurança (Delgado, 2006) e a possibilidade de viver num contexto estruturado e dotado de especialistas, capazes de responder a determinadas problemáticas (Fuertes & Fernández, 1996, citado em Delgado, 2007). É também nas instituições que, muitas crianças e jovens estabelecem ligações afectivamente seguras e recíprocas (Mota & Matos, 2008), construindo assim parte das suas redes sociais e afectivas (Siqueira, Betts, & Dell'Aglia, 2006, citado em Siqueira, et al., 2009). Assim, muitas vezes, é no espaço institucional que a criança encontra, pela primeira vez, atenção, carinho, convivência, bondade e apoio social, que podem vir a promover o desenvolvimento de capacidades para lidar com as adversidades, características de resiliência e desenvolvimento adaptativo (Delgado, 2006).

Estes pontos podem parecer contraditórios com os enunciados no ponto anterior. No entanto, a verdade é que, muitas vezes, o ambiente familiar é de tal forma empobrecido e caótico, que a colocação numa instituição inicia um período de recuperação e crescimento (Clarke & Clarke, 1976, citado em Bronfenbrenner, 1979).

Desta forma, para algumas crianças e jovens, a institucionalização pode constituir uma oportunidade de fugir de dificuldades encontradas na família e até de as resolver (Poletto, 2007). Um estudo de Dell`Aglia (2000) mostrou que algumas crianças e jovens institucionalizados consideraram a institucionalização como um evento positivo nas suas vidas. Para estas crianças, o facto de estarem abrigadas possibilitava-lhes uma melhor acomodação, com refeições regulares, cama própria e acompanhamento escolar, que dificilmente teriam se estivessem com as suas famílias. Todos estes aspectos positivos são obtidos mais facilmente e em maior grau pelas instituições de pequena dimensão, bem integradas na comunidade envolvente, que facilitem a integração e participação dos jovens, com regime aberto, onde as restrições à liberdade dos menores se reduzem ao mínimo e que promovem, sempre que tal é possível, o relacionamento com a família (Delgado, 2006). Apesar de todas estas vantagens, Biscaia (2005, citado em Freitas, 2009) acredita que as instituições nunca devem ser uma solução duradoura, uma vez que nunca poderão substituir as funções que a família desempenha.

Em suma, uma vez que as instituições são necessárias e que assumem um lugar central na vida das crianças e jovens institucionalizados, é necessário investir neste espaço de socialização, transformando-o num local propício e adequado ao desenvolvimento saudável e harmonioso para usufruto de todas as crianças e jovens em risco.

### **2.3.3. O bem-estar subjectivo e os adolescentes institucionalizados**

Durante muito tempo a psicologia focou a sua atenção nos aspectos relacionados com a doença, ignorando o bem-estar (Diener, 1984; Myers, 2000). A patologia era foco de maior curiosidade e atenção por parte dos investigadores que negligenciavam o bem-estar e o crescimento pessoal. No entanto, recentemente os investigadores têm-se dedicado ao desenvolvimento humano e social positivo, despoletando o interesse de promover experiências e resultados positivos na vida das crianças, adolescentes, e adultos no seu ambiente social. Assim, o estudo do bem-estar aumentou exponencialmente, sendo actualmente uma área bastante diversificada.

A temática referente à institucionalização de crianças e jovens encontra-se em evolução, sendo que nas últimas décadas os estudos sobre a institucionalização de menores tem vindo a aumentar e a fomentar mais curiosidade sobre a população em

questão. No Brasil existem alguns estudos relacionados com esta temática, em parte por ser um país com variados problemas sociais, entre eles, as crianças e jovens que vivem na rua (Peliano, Silva, Beghin, Aquino, Guerresi, Oliveira, et al., 2004). Em Portugal, a curiosidade pela temática da institucionalização de menores tem vindo também a aumentar, aumentando consequentemente o número de estudos realizados por todo o país. Neste sentido, Amado et al., (2003) escreve sobre a escola e os alunos institucionalizados, enquanto Novais (2007) investiga a influência da actividade física e o sucesso escolar também nesta população de adolescentes. Nércio (2010) dedicou-se a estudar a qualidade do sono e os hábitos de estudo em jovens institucionalizados e Santos (2009) estudou o (in) sucesso escolar de crianças institucionalizadas. Também Henriques (2008) analisou os objectivos de vida de adolescentes institucionalizados, Mota e Matos (2010) o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e auto-controlo destes mesmos adolescentes, Santos (2010) a experiência de institucionalização perante um acolhimento institucional prolongado, Mota e Matos (2008) a institucionalização numa perspectiva de vinculação, Teixeira (2009) a construção da identidade em crianças institucionalizadas e Freitas (2009) os valores morais e o auto-controlo destas mesmas crianças. Carvalho e Manita (2010) investigaram as percepções dos adolescentes sobre a experiência da institucionalização, Sousa e Cruz (2010) as narrativas das crianças institucionalizadas, Silva (2010) estuda os aspectos neuropsicológicos em adolescentes institucionalizados, Vieira (2009) os modelos representacionais e a competência social das crianças institucionalizadas, Pinhel, Torres e Maia (2009) e Marques (2006) a representação de vinculação e problemas de comportamentos de crianças institucionalizadas e Morais e Ó (2011) a privacidade destas mesmas crianças. Pracana (2008) estuda a depressão em adolescentes institucionalizados, Silva (2008) o seu auto-conceito, Carrilho (2000) as suas influências familiares em trajectórias desviantes e Rocha (2010) a inserção sócio-profissional de ex-jovens institucionalizados.

Tal como se pode verificar, a pesquisa realizada para a elaboração deste estudo mostrou a existência de diversas temáticas relacionadas com a institucionalização de menores. No entanto, não foram encontrados estudos que especifiquem o bem-estar nesta população. Assim, com o objectivo de colmatar esta lacuna, optou-se pelo estudo do bem-estar, mais especificamente a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo em adolescentes institucionalizados. A opção pelo bem-estar subjectivo teve que ver com o



facto deste dizer respeito à forma como as pessoas avaliam as próprias vidas. Ou seja, pretende-se que os adolescentes residentes em instituições avaliem a satisfação com a sua vida e exponham os seus pontos de vista de acordo com os próprios critérios pessoais. Analisar as respostas dadas pelos jovens e entender as suas opiniões poderá fornecer informações úteis para a criação de condições que proporcionem maior bem-estar aos jovens que se encontram nestas situações.

## **3 - METODOLOGIA**

### **3.1. Objectivos e questões de investigação**

A presente investigação apresenta dois objectivos gerais e três questões de investigação:

Objectivo geral 1: Analisar a percepção que os adolescentes institucionalizados têm relativamente ao próprio bem-estar subjectivo.

- Comparar os resultados da presente investigação com os resultados de Diener et al., (1985), Neto (1993) e Bizarro (1999), realizados com adolescentes não institucionalizados. Será que existem diferenças entre o bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados e não institucionalizados?
- Haverá diferenças entre o género relativamente ao bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados?

Objectivo geral 2: Perceber qual a percepção dos adolescentes relativamente à institucionalização.

- Quais são os contributos mais favoráveis e menos favoráveis identificados pelos jovens relativamente à institucionalização?

### **3.2. Tipo de investigação**

O presente estudo é constituído por dois tipos de investigação – quantitativa e qualitativa, sendo ambas de natureza exploratória. A opção por estes dois tipos de metodologia teve como objectivo aprofundar de forma mais eficaz o conceito de bem-estar subjectivo numa população de adolescentes institucionalizados.

A investigação quantitativa foi utilizada a partir de um questionário de respostas fechadas com o objectivo de obter um maior número de informação num curto espaço de tempo (Alves-Mazzoti & Gewandsznajder, 2004), sendo os dados obtidos interpretados e quantificados pela análise estatística. Esta metodologia permite aos inquiridos responder à mesma pergunta de modo a que as respostas possam ser facilmente validadas, comparadas entre si, analisadas, codificadas e informatizadas (Foddy, 2002). Embora haja vantagens na aplicação de questionários, a verdade é que estes também apresentam desvantagens, uma vez que limitam as respostas de cada

inquirido, o que pode impedir a expressão de opiniões verosímeis (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006). De modo a suprimir estas limitações, optou-se pelo uso conjunto de uma entrevista semi-estruturada. Esta permite perceber de forma mais aprofundada o modo como cada participante percepçiona e dá significado à sua realidade, possibilitando uma visão mais ampla do universo que está a ser investigado (Duarte, 2004), para além de permitir a identificação de crenças e opiniões dos sujeitos observados (Lessard-Hébert, Goyette, & Boutin, 2008).

Em suma, visto a metodologia qualitativa e quantitativa não se excluírem entre si, foi utilizada a “triangulação” com o objectivo tornar a informação mais compreensível (Neves, 1996), o que permite um maior entendimento dos fenómenos em causa, uma vez que tem em conta a experiência de cada participante.

### **3.3. Medidas**

#### **Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)**

No presente estudo foi usada a Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV) (ver Anexo A). Esta escala é um instrumento de auto-relato, desenvolvido para avaliar a componente cognitiva do bem-estar subjectivo e é uma adaptação portuguesa de Neto (1993) da *Satisfaction With Life Scale (SWLS)* de Diener, et al., (1985). Estes últimos autores afirmam que esta escala veio preencher a necessidade de uma escala multi-item que medisse a satisfação com a vida enquanto processo de juízo cognitivo, pedindo aos sujeitos um juízo global acerca da sua vida. A utilização desta escala na presente investigação, ocorreu depois de o autor da versão Portuguesa, Félix Neto, dar a sua autorização, sendo que este contacto ocorreu via *e-mail*.

Apesar de Diener et al., (1985) referirem que a SWLS é adequada para diferentes grupos etários, as suas aplicações recaíram apenas numa população universitária (coeficiente de consistência interna satisfatório de 0.87) e noutra geriátrica. Assim, de modo a testar a fidelidade e a validade da SWLS numa população de adolescentes portugueses, Neto (1993) aplicou-a numa amostra de adolescentes do Porto, assim como Bizarro (1999) na zona da Grande Lisboa. Tanto os resultados de Neto (1993) como os de Bizarro (1999) mostraram também adequadas propriedades psicométricas, com o coeficiente de consistência interna satisfatório de 0.78 e 0.84, respectivamente.

A ESCV é constituída por cinco itens. São eles: 1) “Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais”; 2) “As minhas condições de vida são excelentes”; 3) “Estou satisfeito/a com a minha vida”; 4) “Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida” e; 5) “Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada”. Este questionário solicita à pessoa que se posicione quanto ao grau de concordância ou discordância perante as cinco afirmações relativas à sua vida. Para cada item são oferecidas sete alternativas de resposta apresentadas numa escala tipo *Lickert* e em relação às quais o sujeito escolhe apenas uma. As respostas encontram-se numeradas de 1 a 7, em que “1 – totalmente em desacordo” e “7 – totalmente de acordo”, sendo o resultado da escala dado pela média dos cinco itens e, como tal, podendo os valores oscilar entre 5 (menor grau de satisfação com a vida) e 35 (maior grau de satisfação com a vida).

### **Entrevista semi-estruturada**

Tal como referido anteriormente, a presente investigação contou também com a realização de uma entrevista semi-estruturada a oito jovens institucionalizados. Uma vez que o objectivo primordial é a recolha de informação mais pormenorizada, optou-se por introduzir na entrevista as cinco perguntas do questionário de modo a que os jovens as desenvolvessem. Para além disto, a entrevista contou também com duas perguntas referentes à vivência dos jovens nas instituições. Assim, as perguntas realizadas ao longo da entrevista foram as seguintes:

1. Achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais?
2. Achas que tens excelentes condições de vida?
3. Estás satisfeito/a com a tua vida?
4. Durante a tua vida, conseguiste obter aquilo que é importante para ti?
5. Se pudesses, alteravas alguma coisa na tua vida?
6. Em que é que a tua experiência aqui na instituição foi um contributo bom ou menos bom na tua vida?
7. Como é morar numa instituição?

### 3.4. Participantes

A amostra desta investigação é constituída por jovens entre os 14 e os 17 anos. Estes jovens moram em instituições situadas nos concelhos de Setúbal, Barreiro e Seixal, não sendo necessariamente essa a sua zona de residência familiar.

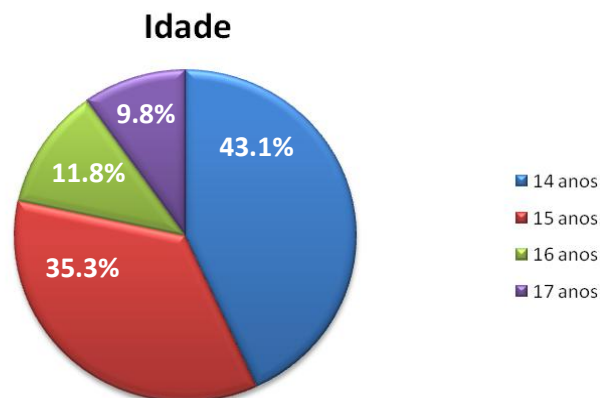
A escala ESCV foi preenchida por 51 jovens e a média relativamente à idade é de 14.88 (ver Tabela 1), uma vez que a maioria dos respondentes tem 14 e 15 anos (ver Gráfico 1). Relativamente ao género, esta escala foi aplicada a 29 rapazes (56.9%) e 22 raparigas (43.1%) (ver Tabela 2).

Seguidamente apresentam-se os diferentes quadros e figuras que caracterizam a amostra relativamente à idade e ao sexo.

**Tabela 1: Média, mediana e desvio-padrão relativamente à idade**

|               |       |
|---------------|-------|
| Média         | 14.88 |
| Mediana       | 15.00 |
| Desvio-Padrão | .973  |

**Gráfico 1: Percentagens relativamente à idade**



**Tabela 2: Frequências e percentagens relativamente ao género**

|           | Frequência | Percentagem (%) |
|-----------|------------|-----------------|
| Masculino | 29         | 56.9            |
| Feminino  | 22         | 43.1            |

Quanto às entrevistas, estas foram aplicadas a oito jovens pertencentes a cinco das instituições, sendo estes escolhidos de forma aleatória. Os jovens entrevistados tinham entre 14 e 16 anos, sendo 4 raparigas (50%) e 4 rapazes (50%).

### **3.5. Procedimento**

#### **Recolha de dados**

A recolha de dados para a presente investigação ocorreu através de duas metodologias: qualitativa e quantitativa. Para ambas as aplicações foi necessário reunir a devida autorização (ver Anexo B) e combinar com cada instituição quais as datas de aplicação mais adequadas, de modo a que o questionário e a entrevista fossem aplicados ao maior número de jovens possível.

O questionário foi aplicado a 51 jovens durante quatro meses – de Março a Junho. Os jovens preencheram o questionário em grupo, dentro da sala mais apropriada de cada instituição. A entrevista foi realizada com oito jovens pertencentes a cinco das seis instituições. Esta aplicação ocorreu entre Maio e Junho, sendo a aplicação feita individualmente e numa sala com garantias de maior privacidade. De modo a não perder informação recolhida, todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas *ipsis litteris* para a análise (ver Anexo C).

#### **Metodologias para análise de dados**

Os dados quantitativos recolhidos através da ESCV foram tratados através do programa estatístico SPSS (versão 18.0). Primeiramente, procedeu-se à testagem da normalidade da amostra através do teste *Kolmogorov-Smirnov* e, de seguida, os resultados obtidos foram analisados com base em dois tipos de estatística – descritiva e analítica. No primeiro caso (análise descritiva) procedeu-se ao cálculo da média, mediana e desvio-padrão para variáveis como a idade e ao cálculo de frequências e percentagens para variáveis como a idade e também o género, sendo estes dados importantes na caracterização da amostra. No segundo caso (análise analítica), foi utilizado o teste *t-Student* para analisar as diferenças entre os grupos. Estabeleceu-se que os resultados com  $p \leq .05$  seriam interpretados como significativos.

Os dados de natureza qualitativa recolhidos através da entrevista semi-estruturada foram submetidos a uma análise de conteúdo. Assim, as respostas dadas por

cada participante foram analisadas segundo os princípios e procedimentos de autores especializados neste tipo de análise (Estrela, 1994; Amado, 2000; Bardin, 2009). Depois de organizado o material necessário e de formuladas as questões, foi necessário transcrever o conteúdo das entrevistas para suporte informático e também analisar esse mesmo conteúdo de forma a tornar a informação mais compreensível. Para tal, foram identificados temas gerais, para os quais foram delineadas categorias e subcategorias.

Aquando da apresentação dos resultados, será feita uma descrição mais detalhada dos procedimentos específicos adoptados tanto para os dados quantitativos como qualitativos.

### **3.6. Aspectos éticos**

Tanto para a aplicação do questionário como para a realização das entrevistas foi necessário obter as autorizações de cada instituição. Para além da autorização das instituições, foi também necessário a autorização de cada jovem, dando oportunidade a cada um de decidir sobre a sua participação no estudo. Também as entrevistas foram realizadas apenas mediante o consentimento dos jovens para a sua realização e gravação. É de salientar que tanto os dados recolhidos através do questionário como através da entrevista mantêm o anonimato e confidencialidade de todos os jovens que aceitaram participar no estudo.

## 4 - RESULTADOS

Nesta secção estão representados os resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos anteriormente referidos. Uma vez que esta investigação recolheu dados de forma qualitativa e quantitativa, o presente capítulo encontra-se dividido em duas partes: uma dedicada ao tratamento estatístico dos resultados obtidos na ESCV e outra dedicada à análise de conteúdo da informação recolhida através das entrevistas.

### 4.1. Tratamento estatístico dos dados obtidos através da ESCV

Uma vez obtidos os dados relativos à aplicação da ESCV, procedeu-se à avaliação de um dos pressupostos essenciais à aplicação do teste paramétrico: o pressuposto da normalidade dos resultados da amostra. De modo a verificar se a distribuição dos resultados da amostra é Normal procedeu-se à aplicação do teste *Kolmogorov-Smirnov*, visto a amostra ser superior a 50. Os resultados mostraram uma significância de .20, maior que .05, confirmando a normalidade da distribuição da amostra.

Visto a amostra em estudo corresponder a uma distribuição normal, deu-se início às devidas comparações com o objectivo de perceber se existem diferenças estatisticamente significativas. O presente estudo contou com um *score* médio de 21.18 (DP = 6.59; Amplitude: 8-34) (ver Tabela 3), sendo um resultado inferior aos resultados obtidos por Diener et al., (1985) (*score* médio: 23.5; DP = 6.43), por Neto (1993) (*score* médio: 24.1; DP = 5.9) e por Bizarro (1999) (*score* médio: 24.33; DP = 6.10). Para verificar se estas diferenças são estatisticamente significativas utilizou-se o teste paramétrico *t-Student*.

**Tabela 3: Dados relativos ao *score* médio do presente estudo**

|               |       |
|---------------|-------|
| Média         | 21.18 |
| Desvio-Padrão | 6.59  |
| Mínimo        | 8     |
| Máximo        | 34    |



Comparando o *score* médio obtido na presente investigação com o *score* médio obtido por Diener et al., (1985), Neto (1993) e Bizarro (1999), conclui-se que as diferenças são estatisticamente significativas (ver Tabela 4).

**Tabela 4: Comparação dos resultados obtidos com a aplicação da ESCV em diferentes estudos**

|                       | <i>Score</i> Médio | DP   | <i>t</i> |
|-----------------------|--------------------|------|----------|
| Diener et al., (1985) | 23.5               | 6.43 | .015*    |
| Neto (1993)           | 24.1               | 5.9  | .003*    |
| Bizarro (1999)        | 24.3               | 6.10 | .001*    |

Nota \*: significativo para  $p \leq .05$

Comparando o *score* médio da presente investigação com o *score* médio obtido por Diener et al., (1985), verifica-se que  $p\text{-value} = .015 \leq .05$ , sendo esta diferença considerada significativa. Relativamente ao *score* médio obtido por Neto (1993), verifica-se que  $p\text{-value} = .003 \leq .05$ , sendo esta diferença também estatisticamente significativa. Por último, os dados obtidos por Bizarro (1999) em comparação com os obtidos no presente estudo mostram um  $p\text{-value} = .001 \leq .05$ , sendo esta diferença considerada também estatisticamente significativa.

Em suma, os resultados evidenciam que o *score* médio obtido na presente investigação apresenta uma diferença significativa quando comparado com estudos anteriores, podendo tal ser afirmado com 95% de confiança. Assim, sabe-se que a amostra de adolescentes institucionalizados que participaram neste estudo apresenta um *score* médio de bem-estar significativamente inferior aos restantes grupos de adolescentes não institucionalizados.

Para além destes resultados, foi também possível constatar uma tendência para níveis mais elevados de bem-estar subjectivo em adolescentes institucionalizados do sexo masculino, uma vez que estes apresentaram resultados mais elevados em todos os itens da ESCV. No entanto, as diferenças encontradas não são estatisticamente significativas, uma vez que  $p\text{-value} = .059 > .05$  (ver Tabela 5).

**Tabela 5: Comparação do resultado obtido na ESCV entre o grupo masculino e o feminino**

|                    | M     | DP    | t    |
|--------------------|-------|-------|------|
| Masculino (N = 29) | 22.69 | 6.314 |      |
| Feminino (N = 22)  | 19.18 | 6.558 | .059 |

Para além desta informação, foi também encontrado um dado importante que apenas surgiu no decorrer do estudo. Este dado é referente às instituições que conseguiram obter níveis mais elevados e mais baixos de bem-estar subjectivo ao longo desta investigação. Assim, verifica-se que a instituição 2 obteve, em geral, níveis de bem-estar mais elevados, enquanto a instituição 3 obteve resultados de bem-estar inferiores, comparativamente às restantes instituições, que serão denominadas por “outras instituições” (ver Tabela 6).

**Tabela 6: Média e desvio-padrão das instituições para cada item da ESCV**

|                     | Ideais de Vida<br>(Item 1) |      | Condições de Vida<br>(Item 2) |      | Satisfação de Vida<br>(Item 3) |      | Objectivos de Vida<br>(Item 4) |      | Relação com o Passado<br>(Item 5) |      |
|---------------------|----------------------------|------|-------------------------------|------|--------------------------------|------|--------------------------------|------|-----------------------------------|------|
|                     | M                          | DP   | M                             | DP   | M                              | DP   | M                              | DP   | M                                 | DP   |
| Instituição 2       | 6.67                       | 0.57 | 6.33                          | 0.57 | 4.67                           | 2.51 | 5.00                           | 3.46 | 3.67                              | 1.52 |
| Instituição 3       | 4.44                       | 1.66 | 3.00                          | 2.17 | 3.33                           | 1.93 | 3.00                           | 2.12 | 3.11                              | 2.20 |
| Outras instituições | 4.51                       | 1.79 | 5.15                          | 1.81 | 4.44                           | 1.99 | 4.36                           | 1.89 | 3.31                              | 2.00 |

## 4.2. Análise de conteúdo da informação obtida através das entrevistas

Quanto aos dados obtidos através da entrevista, procurou-se explicitar, sistematizar e apresentar o conteúdo das respostas através do método de análise de conteúdo. Assim, recorreu-se à metodologia proposta por Bardin (2009) pelo que se procedeu, primeiramente, a uma *pré-análise*. Nesta fase foi definido o universo de documentos sobre os quais se ia debruçar a análise, ou seja foi constituído um *corpus*

documental, neste caso as oito entrevistas realizadas. Após transcritas integralmente as entrevistas para suporte informático, foi realizada uma leitura “flutuante” das respostas às perguntas da entrevista, o que deu origem à identificação de algumas formas de categorização.

Num segundo momento procedeu-se à *exploração do material*. Nesta fase foi possível diferenciar os temas gerais abordados, assim como diversas categorias – categorização. As categorias são classes que incluem um conjunto de unidades de registo, constituídas por características comuns dos seus elementos, sob um tema geral. Esta fase do processo reveste-se de dificuldades de ordem subjectiva, uma vez que qualquer conteúdo está sujeito a diferentes interpretações. Assim, para assegurar a validade na escolha das categorias teve-se em conta os critérios enunciados por Bardin (2009): exclusividade, homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade. As leituras prévias levaram então à divisão do texto em temas, correspondendo estes às perguntas realizadas na entrevista. De seguida foram criadas categorias dentro de cada temática e, por haver informação muito dispare, sentiu-se a necessidade de criar subcategorias, englobando estas aspectos mais específicos. De modo a exemplificar as respostas de cada participante, foram criadas unidades de registo, ou seja, recortes de respostas a cada pergunta de modo a que estas pudessem ser integradas em categorias e subcategorias de conteúdo semelhante. Este é um dos passos mais importantes na pesquisa, pois organizar, categorizar e transcrever as unidades de registo é o que dá credibilidade ao instrumento e à análise em causa. Para analisar os dados em questão e com o propósito de diferenciar as unidades de registo de cada um dos sujeitos entrevistados, criou-se um código para cada entrevista. Este código é composto por letras e números operacionalizados da seguinte forma: a primeira letra é maiúscula e corresponde à inicial do nome do jovem entrevistado. Seguem-se dois algarismos correspondentes à idade do jovem e, por último, um “f” ou “m”, consoante o entrevistado seja do sexo feminino ou masculino. Por último, para evidenciar e estudar os dados obtidos durante as entrevistas, procedeu-se também à obtenção de informações sobre a frequência e percentagem de cada subcategoria. Assim, a frequência foi calculada pelo número de jovens (em 8) que se referem a determinada temática.

A terceira e última fase da análise de conteúdo consiste no *tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação*, uma vez que é através deste tratamento que se

podem propor inferências e interpretações, permitindo assim associar significados aos dados encontrados.

A tabela com toda a informação anteriormente referida encontra-se disponível em anexo (ver Anexo D). No entanto, de seguida encontra-se uma tabela representativa das temáticas, categorias e subcategorias encontradas ao longo das oito entrevistas (ver Tabela 7).

**Tabela 7: Temas, categorias e subcategorias extraídas da análise de conteúdo das entrevistas**

| <b><u>Temas</u></b>   | <b><u>Categorias</u></b>   | <b><u>Subcategorias</u></b>    |
|-----------------------|----------------------------|--------------------------------|
| Ideais de Vida        | Ideais atingidos           | - Relações sociais             |
|                       |                            | - Escolaridade                 |
|                       |                            | - Tempos livres                |
|                       |                            | - Perspectiva de futuro        |
|                       | Ideais não atingidos       | - Saída da instituição         |
|                       |                            | - Vivência com a família       |
| Condições de vida     | Perspectiva favorável      | - Visão geral                  |
|                       |                            | - Afecto                       |
|                       |                            | - Condições básicas de vida    |
|                       | Perspectiva desfavorável   | - Visão geral                  |
|                       |                            | - Características da habitação |
| Satisfação com a vida | Perspectiva positiva       | - Visão geral                  |
|                       |                            | - Relações sociais             |
|                       |                            | - Escolaridade                 |
|                       |                            | - Regras                       |
|                       | Perspectiva negativa       | - Visão geral                  |
|                       |                            | - Relações sociais             |
| Objectivos de vida    | Objectivos concretizados   | - Relações sociais             |
|                       |                            | - Escolaridade                 |
|                       | Objectivos por concretizar | - Perspectiva futura           |
| Relação com o passado | Desejo de manter o passado | - Visão geral                  |

|                                    |                             |  |
|------------------------------------|-----------------------------|--|
|                                    | Desejo de alterar o passado | - Alteração de acontecimentos                |
|                                    |                             | - Alteração de comportamentos pessoais       |
| Contributos da institucionalização | Contributos positivos       | - Aprendizagens adequadas                    |
|                                    |                             | - Formulação de objectivos futuros           |
|                                    |                             | - Escolaridade                               |
|                                    |                             | - Condições de vida                          |
|                                    |                             | - Relação com os jovens da instituição       |
|                                    |                             | - Relação com os funcionários da instituição |
|                                    | Contributos negativos       | - Afastamento da família                     |
|                                    |                             | - Aprendizagens desadequadas                 |
|                                    |                             | - Relação com os jovens da instituição       |
|                                    |                             | - Relação com os funcionários da instituição |
| Morar numa instituição             | Aspectos positivos          | - Visão geral                                |
|                                    |                             | - Apoio social                               |
|                                    |                             | - Afecto                                     |
|                                    |                             | - Relações sociais                           |
|                                    |                             | - Regras                                     |
|                                    | Aspectos negativos          | - Afastamento da família                     |
|                                    |                             | - Privação da liberdade                      |
|                                    |                             | - Privação da privacidade                    |

## 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tal como referido anteriormente, a presente investigação conta com dois tipos de metodologia para a recolha dos dados: quantitativa (aplicação da ESCV a 51 adolescentes) e qualitativa (realização de entrevistas semi-estruturadas a 8 adolescentes). Como tal, este capítulo encontra-se dividido em duas partes com as respectivas informações.

### 5.1. Dados obtidos através da ESCV

A aplicação da Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV) a 51 adolescentes institucionalizados apresentou alguns resultados interessantes para discussão, nomeadamente as diferenças encontradas no *score* médio dos diferentes estudos, no género dos participantes e nas características das diferentes instituições.

Assim, um dos aspectos a referir é o facto de o *score* médio de bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados (*score* médio: 21.18) ser inferior ao *score* médio de bem-estar subjectivo encontrado noutros estudos realizados com adolescentes não-institucionalizados (*score* médio Diener et al., (1985): 23,5; Neto (1993): 24,1 e; Bizarro (1999): 24.33). As diferenças encontradas são estatisticamente significativas, pelo que se pode concluir, com 95% de confiança, que existem diferenças no bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados e não institucionalizados, o que responde à primeira questão de investigação. Esta diferença pode ser devida a diversos factores, nomeadamente a algumas das características negativas das instituições, enunciadas na revisão de literatura. Sabe-se que as instituições assumem um papel de extrema importância na vida das crianças e adolescentes institucionalizados (Delgado, 2006; Siqueira & Dell'Aglio, 2006), uma vez que estes interagem constantemente neste contexto, tornando-se um produto desta mesma interacção (Morais & Ó, 2011). Tal como enunciado anteriormente, as instituições são responsáveis por satisfazer as necessidades básicas como a alimentação, vestuário, higiene e segurança, manter o contacto com a família e outras redes de apoio (Delgado, 2006), respeitar a individualidade e a privacidade, estimular o desenvolvimento físico e intelectual, promover normas e valores, acompanhar a escolaridade, garantir o acesso aos serviços de saúde e proporcionar a ocupação de tempos livres (Fernandes & Silva, 1996, citado em Freitas, 2009). No entanto, nem todas as instituições são capazes de

suprir estas necessidades de forma harmoniosa e, não obstante o facto dos adolescentes se sentirem bem nas instituições, o desejo de voltar para casa é uma constante nos seus discursos (Carvalho & Manita, 2010), até porque o convívio familiar, por pouco adequado que seja, não deixa de ser considerado como uma referência. Neste sentido, tal como enunciado na revisão de literatura, as expectativas são um factor de influência no bem-estar, ou seja, quanto maior for a discrepância entre o que o adolescente deseja e a realidade em que vive, menor será o bem-estar experienciado. O que acontece com os adolescentes institucionalizados é que a maioria ambiciona regressar a casa, embora essa decisão não esteja sob o seu controlo, podendo mesmo não corresponder nunca à realidade. Esta falta de controlo poderá influenciar o bem-estar assim como promover sentimentos de insegurança, revolta, incerteza e desilusão. Para mais, para muitas crianças e jovens, o processo de institucionalização e, conseqüentemente, o afastamento da família, tem como consequência sentimentos de abandono (Dell`Aglio, 2000; Mota & Matos, 2010), perda, solidão, vazio (Amado, et al., 2003), tristeza, saudade, inseguranças e medos (Hecht & Silva, 2009). Estes sentimentos advêm da necessidade de estar com a família e com os amigos, de ter mais autonomia e liberdade, do medo de não voltar a casa, não voltar a ver os pais, de permanecer muito tempo na instituição, de não gostar das pessoas e de não ser aceite pelos restantes jovens (Carvalho & Manita, 2010). Esta sensação de separação e ruptura de um ambiente onde o adolescente está inserido para um ambiente desconhecido, em conjunto com a falta de maturidade dos adolescentes para perceber toda a situação envolvente, levam a que alguns jovens se sintam revoltados e confusos, levando alguns mesmo a cabo a fuga da instituição, uma vez que tendem a encarar este processo como injusto. Estes sentimentos tendem a potenciar um mecanismo de insegurança emocional (Mota & Matos, 2010) também devido aos seus percursos de vida tendencialmente difíceis e traumáticos (Cordeiro, 2009). As características das próprias instituições podem também exercer a sua influência na diminuição do bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados, uma vez que são constituídas por regras rígidas, rotinas diárias específicas e adultos que variam ao longo do dia e são em número insuficiente para a quantidade de jovens. Além disso, estes adultos estão organizados por turnos de trabalho, o que dificulta a prestação de cuidados individuais a cada criança/jovem, restringindo o seu direito à individualidade e à intimidade (Hecht & Silva, 2009). Estas restrições são um dos motivos para que a institucionalização seja uma situação que tende a diminuir a auto-

estima das crianças e jovens (Martins, 2004). Neste sentido, sabe-se que durante o processo de institucionalização, os jovens tendem a sentir-se desqualificados das suas potencialidades individuais, uma vez que a massificação reina em prol da individualidade. Uma vez que a auto-estima é considerada um forte predictor de bem-estar subjectivo (Lucas et al., 1996, citado em Novo, 2003), considera-se que estes aspectos, ao serem melhorados, poderão aumentar o nível de bem-estar das crianças e jovens que vivem em instituições. Ainda neste sentido, há um aspecto desadequado a considerar nas instituições, que é o facto de existirem rupturas constantes. Ou seja, para além da ruptura que ocorre com o ambiente conhecido e com as pessoas que nele participavam, dentro da instituição, voltam a existir rupturas, quer com os funcionários que por algum motivo deixam de aí trabalhar, quer com os pares que, perante situações familiares favoráveis podem regressar a casa. Assim, verifica-se uma grande descontinuidade ao nível relacional que promove relações de pouca durabilidade e consistência, dificultando a existência dos níveis de segurança necessários para o estabelecimento de relações seguras. Um outro aspecto que pode exercer a sua influência é o estereótipo negativo associado às instituições. Casos mediáticos divulgados pelos *media* fazem com que a população em geral associe a institucionalização a casos de violações e pedofilia. Tendo em conta que a população em estudo é adolescente e respeitando a consideração que estes têm pela opinião dos pares, percebe-se que esta estigmatização poderá influenciar o bem-estar dos adolescentes institucionalizados. Neste sentido, é importante salientar que a forma como o adolescente se vê a si próprio e a forma como é visto pelos outros é a base da formação da sua personalidade, sendo esta também um predictor de bem-estar subjectivo, quando se desenvolve de forma consolidada. Pela junção de todos os aspectos anteriormente enunciados pode pensar-se na população institucionalizada como uma população mais vulnerável e com níveis mais elevados de ansiedade. Na verdade, estes adolescentes experienciam reacções que podem ser interpretadas como sinais de stress e estão susceptíveis a sentimentos de dor, incluindo raiva (Mota & Matos, 2008) e depressão (Mota & Matos, 2008; Dell`Aglio, 2000). Estes dados corroboram os estudos de Dell`Aglio e Hutz (2004) que, através do *Children`s Depression Inventory* (CDI), mostraram níveis de depressão mais elevados nos adolescentes institucionalizados, quando comparados com adolescentes que vivem com as suas famílias. Assim, olhando de forma mais atenta para as situações anteriormente descritas, não é difícil



compreender o facto de os adolescentes institucionalizados apresentarem níveis menores de bem-estar subjectivo, ou seja, avaliarem a satisfação com a vida com resultados inferiores quando comparados com jovens que habitam nos seus ambientes familiares. Perante estas afirmações poder-se-ia pensar que este tipo de problemática apenas afecta as crianças e os jovens institucionalizados, no entanto, a verdade é que existem muitas crianças e jovens a viver diariamente em ambientes familiares não harmoniosos. Ou seja, existem crianças e jovens que são, diariamente, vítimas de negligência, expostos a violência, ao alcoolismo ou consumo de drogas dos pais, e a abusos sexuais, entre outros problemas da sociedade, sendo esta exposição preditora de menores níveis de bem-estar subjectivo (Pereira & Santos, 2011). Alguns destes casos podem estar sinalizados e, consequentemente, em intervenção com técnicos especializados, mas outros não têm qualquer tipo de ajuda e as situações prolongam-se no tempo sem qualquer intervenção. Certamente que nesses casos o bem-estar subjectivo não será equivalente ao de crianças e jovens que habitam em ambientes familiares adequados. Esta ambivalência e as diferentes perspectivas entre as vantagens e as desvantagens da institucionalização leva a que a opção pela institucionalização não seja fácil nem objectiva. Pelo contrário, a decisão de institucionalização deve recorrer a diferentes fontes de informação e principalmente contemplar as características de cada caso em particular. Este último aspecto é de extrema importância, uma vez que, apesar de todos os jovens institucionalizados serem vítimas de adversidades que os impedem de permanecer no núcleo familiar, a verdade é que cada adversidade é diferente das outras, envolve pessoas diferentes e situações diferentes, contribuindo assim para uma elevada diversidade dentro de cada instituição.

Um outro resultado interessante obtido na presente investigação é o facto de os adolescentes do sexo masculino apresentarem níveis de bem-estar subjectivo superiores, quando comparados com os do sexo feminino. Apesar de as diferenças encontradas não serem consideradas estatisticamente significativas, a verdade é que é visível uma tendência para que o bem-estar subjectivo seja maior nos rapazes, uma vez que estes obtiveram valores mais elevados em todos os itens da ESCV. Estes dados respondem à segunda questão de investigação e vão ao encontro de outros estudos que mostram a mesma tendência, por exemplo, a investigação de Bizarro (1999). Já Wood, Rhodes e Whelon (1989, citado em Bizarro, 1999) referem que as raparigas relatam níveis mais elevados de afectos negativos na experiência de bem-estar, sendo estes resultados

corroborados com as investigações de Braun (1977, citado em Diener, 1984) e Cameron (1975, citado em Diener, 1984). Também Dell`Aglío (2000) refere que as raparigas relatam mais eventos negativos, principalmente aquelas que habitam em contexto de instituição. Bizarro (1999) verificou ainda que as raparigas reportam mais problemas com os pais, com os amigos, com elas próprias, com os estudos, com os namorados e com a saúde. Neste sentido, várias têm sido as explicações para estas diferenças, nomeadamente o facto de as raparigas investirem mais nos seus relacionamentos como fonte de apoio emocional e de identidade pessoal, o que as leva a sentir mais ameaças ao próprio bem-estar (Rudolph & Hammen, 1999, citado em Dell`Aglío & Hutz, 2004). Uma outra explicação para estes resultados é o facto de as raparigas serem, mais frequentemente que os rapazes, vítimas de violência doméstica, abuso sexual e negligência (Steinberg, 1999, citado em Dell`Aglío, 2000; Kristensen, Oliveira, & Flores, 2000, citado em Dell`Aglío & Hutz, 2004). Este facto leva a que as raparigas tendam a experienciar maior número de eventos negativos nas suas vidas, sendo estes associados a menor bem-estar (Dell`Aglío, 2000). Por último, referir a posição de Diener (1994) que considera estes resultados como uma consequência da sociedade, uma vez que é melhor aceite que as raparigas expressem sentimentos negativos devido aos papéis sociais existentes na sociedade actual, em que a expressão de sentimentos negativos é mais tolerada ao sexo feminino.

Para além dos dados em cima mencionados, ao longo da investigação surgiu ainda outra variável interessante para o estudo, uma vez que se verificou a existência de diferenças entre as instituições. Ou seja, parece haver uma tendência para níveis superiores ou inferiores de bem-estar consoante as características verificadas em cada instituição. Neste caso, procedeu-se à comparação da instituição que obteve maior nível de bem-estar com a instituição que contou com níveis inferiores de bem-estar. Assim, a instituição com maior bem-estar corresponde a uma casa, mais propriamente uma vivenda, com capacidade para cerca de 12 jovens. Estes são divididos em quartos previamente definidos e decorados para rapazes e raparigas adolescentes, uma vez que não acolhem crianças. Sendo o número de jovens a habitar nesta casa reduzido, é também de esperar que os quartos sejam ocupados por poucos jovens, o que aumenta a privacidade e também a individualidade. Ainda salientar que o quarto é o local onde os jovens guardam os seus pertences pessoais e onde podem estar durante o dia, por exemplo para descansar ou mesmo para estar com os colegas. Para além disto, nesta

instituição as refeições ocorrem na cozinha com todos à mesma hora, numa mesa comum que faz alusão a uma refeição familiar. É nessa mesma cozinha que as cozinheiras prepararam o jantar, estando em constante interacção com os jovens, que esperam pelas refeições e ajudam nas restantes tarefas. Esta instituição é também constituída por uma sala de estar que proporciona momentos semelhantes aos que devem ser passados em família, uma vez que é aqui que vêem televisão, jogam diversos jogos e fazem os trabalhos de casa. Para além disto, este espaço é também constituído por um jardim à volta da casa, pelo que, no exterior, este espaço em nada se assemelha a uma instituição habitual. É ainda importante salientar que esta instituição não apresenta muros, ou seja, não existe uma delimitação física entre o interior e o exterior, para além de os jovens poderem sair durante o dia desde que peçam previamente a devida autorização. Pelo contrário, a instituição onde se verificou menor bem-estar não se assemelha a uma casa, a entrada é por um portão com acesso a um pátio. As dimensões desta instituição são maiores até porque apresenta capacidade para cerca de 50 crianças e jovens. Aqui as crianças e jovens são também divididos entre rapazes e raparigas na hora de dormir, sendo os quartos denominados por dormitórios, local onde apenas podem estar na hora de ir dormir (é proibido estar nos dormitórios durante o dia). Estes dormitórios são ocupados por vários jovens, sendo difícil conseguir privacidade e individualidade, uma vez que se preza a vivência colectiva. Para além disto, existe um refeitório onde os jovens realizam as suas refeições, sendo estes divididos em dois grandes grupos. Esta instituição é também constituída por uma sala de estar que funciona como sala de convívio para os jovens, salas de estudo orientadas por educadoras no apoio aos trabalhos de casa, lavandaria, sala de animações onde os jovens podem explorar a sua criatividade e imaginação, campo de jogos e um pequeno pátio. Ao contrário da instituição anteriormente descrita, o interior e o exterior deste espaço são delimitados por muros que impedem a entrada e saída de crianças, uma vez que o portão está fechado à chave, sendo necessário a presença de uma funcionária para o abrir. As diferenças encontradas entre as duas instituições são referidas na literatura como promotoras de maior ou menor bem-estar para as crianças e jovens institucionalizados. Por exemplo, Sandomingo (1998, citado em Martins, 2004) concorda que as instituições devem estar integradas de forma harmoniosa no meio envolvente, esforçando-se por se assemelhar aos edifícios/casas em seu redor. Para além disto, Martins (2004) refere que as instituições não devem ser constituídas nem por

grupos muito grandes nem por grupos muito pequenos, devendo rondar a capacidade máxima de 15 jovens. Já Alberto (2002) indica grupos constituídos por 8 jovens, no máximo. O número reduzido de crianças aumenta a probabilidade de estas conseguirem alguma privacidade e também de conseguirem obter mais atenção, uma vez que esta não tem de ser repartida por muitas outras crianças. Assim, as instituições com grupos mais pequenos conseguem suprir um maior número de necessidades das crianças e jovens e também atender às suas características individuais, aumentando a individualidade e evitando a massificação (Hecht & Silva, 2009; Delgado, 2007). Para além disto, as instituições que apenas acolhem adolescentes ou apenas acolhem crianças conseguem reunir condições adequadas para as respectivas faixas etárias (Cóias, 1995). O mesmo não acontece com instituições que recebem crianças e adolescentes, uma vez que é difícil atender a todas as características desenvolvimentistas, tanto ao nível da decoração da própria instituição como em relação aos materiais de apoio existentes, por exemplo, jogos, livros, vídeos, entre outros materiais lúdicos e educativos. Assim, parecem existir características dentro das próprias instituições que reproduzem um ambiente harmonioso e que se aproximam mais de um ambiente familiar adequado. Sendo este um dos objectivos destes lares de acolhimento, é importante ter em conta estas mesmas características para que se possam adequar as instituições ao favorecimento do bem-estar das crianças e jovens que nelas habitam, aumentando a privacidade, a individualidade, a autonomia, a liberdade e, consequentemente, o bem-estar.

Em suma, as instituições de acolhimento podem não ser melhores do que uma boa família, mas muitas delas são preferíveis a muitas outras famílias disfuncionais em que predominam situações completamente desadequadas ao crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens.

## **5.2. Dados obtidos através das entrevistas**

Os dados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas originaram sete temáticas diferentes. Tais temáticas correspondem às sete perguntas efectuadas durante as entrevistas semi-estruturadas. Assim, as sete temáticas propostas para análise são: 1) Ideais de vida; 2) Condições de vida; 3) Satisfação com a vida; 4) Objectivos de vida; 5) Relação com o passado; 6) Contributo pessoal da institucionalização e; 7) Morar numa instituição.

De seguida serão identificadas as sete temáticas elaboradas, assim como as respectivas categorias e subcategorias. Todas as subcategorias serão exemplificadas por algumas citações dos jovens. Para além disto, será feita também referência à frequência e percentagem de jovens que aborda determinado assunto.

### **Temática 1: Ideais de vida**

Esta temática é dividida em duas categorias: “ideais atingidos” e “ideais não atingidos”.

Na categoria referente aos “ideais atingidos”, os jovens identificaram como subcategorias as relações sociais, a escolaridade, os tempos livres e a perspectiva de futuro. As “relações sociais” foram apontadas por 25% (2 em 8) dos jovens e, segundo Boeckel e Sarriera (2006), estas encontram-se positivamente relacionadas com o bem-estar, uma vez que tendem a incentivar o sentido da vida e a promover aspectos relacionados com a saúde. Mais especificamente para os jovens institucionalizados, sabe-se que estes passam a integrar a própria instituição como parte da sua rede de apoio social (Siqueira, Betts, & Dell`Aglia, 2006, citado em Siqueira, et al., 2009) - V14f: “*Cá somos uma família verdadeira (...)*”. Neste sentido, é de salientar que os vínculos afectivos experienciados dentro das instituições tendem a promover experiências positivas durante o processo de institucionalização (Hecht & Silva, 2009). No entanto, os adolescentes institucionalizados identificam também as pessoas que não pertencem à instituição como significativas, por exemplo os familiares. O contacto entre a criança/adolescente e a família é mediado através da instituição, que se esforça por reorganizar os laços e manter um contacto consistente - J16m: “*(...) estou mais próximo do meu pai*”. Em suma, é de salientar que os jovens identificaram as “relações sociais” como um ideal de vida atingido, pelo que se supõe serem uma conquista nas suas vidas. Um outro ideal atingido é referente à “escolaridade”, visto que 12.5% (1 em 8) dos jovens refere que o facto de estar a estudar é um ideal de vida atingido – V14f: “*estar a estudar (...)*”. A corroborar estes resultados encontra-se Dell`Aglia (2000) que assume a escola e a família como dois aspectos de extrema importância na vida dos adolescentes institucionalizados. Neste sentido, a escolaridade pode ser identificada como um ideal de vida atingido por estar relacionada com o progresso dos indivíduos em direcção aos seus objectivos e ao aumento de aspirações (Galinha, 2008). Os “tempos livres” foram também identificados como um ideal atingido por 12.5% (1 em 8) dos jovens

entrevistados – W14m: *“Jogar futebol (...)”*. Uma possível justificação para este resultado é o facto de os tempos livres serem promotores de bem-estar subjectivo nos adolescentes, uma vez que são realizados de forma voluntária, estando sob o controlo pessoal (Argyle, 1999, citado em Galinha, 2008). Mais especificamente para os adolescentes institucionalizados, sabe-se que, muitas vezes, é no contexto de instituição que muitas crianças e jovens desenvolvem actividades planeadas, lúdicas e educativas, onde têm oportunidade de cooperar e disputar com outros jovens (Siqueira, et al., 2009), aprendendo assim a brincar orientados por regras e princípios. Para além disto, os tempos livres dos jovens institucionalizados serve também para ser partilhado com outros jovens, o que ajuda a perceber que não estão sozinhos e não são os únicos que vivem em instituições (Freitas, 2009). Desta forma, verifica-se uma relação positiva entre a Satisfação com a Vida e a quantidade de tempo de lazer (Salokangas, Joukamaa, & Mattila, 1991, citado em Galinha, 2008). Por fim, a última subcategoria identificada relaciona-se com a “perspectiva de futuro” dos adolescentes, sendo esta categoria identificada por 12.5% (1 em 8) dos jovens entrevistados. Encontrando-se inserida na categoria “ideais de vida atingidos”, parece que a perspectiva de futuro foi algo que se desejava e entretanto foi atingido, o que se verifica no discurso dos jovens – F14m: *“Agora já estou mais esclarecido porque já sei para onde vou... já sei o que vou fazer (...)”*. Assim, é importante salientar que os menores tendem a manifestar uma certa dificuldade em reflectir sobre o próprio futuro. Deste modo, especificamente para os jovens institucionalizados, são as próprias instituições que devem ser responsáveis por preparar os jovens para o seu futuro. Com efeito, ainda durante o processo de institucionalização, deve ser realizado um trabalho com os jovens de modo a sensibilizá-los para o futuro, prepará-los para a independência e propiciar-lhes condições favorecedoras para que, ao longo do tempo, se sintam mais capazes de se auto-gerir (Zurita & Fernández del Valle, 1996, citado em Martins, 2004).

A categoria referente aos “ideais não atingidos” é constituída por duas subcategorias, estando estas intimamente relacionadas: saída da instituição e vivência com a família. A “saída da instituição” é referida por 62.5% (5 em 8) dos jovens entrevistados - V14f: *“Sair do colégio.”*, A14f: *“Não era bem vir para aqui (...)”*, J16m: *“Não queria estar aqui (...)”* e R15f: *“(...) eu não imaginava também estar numa instituição.”*. Estes dados vão ao encontro dos resultados de Carvalho e Manita (2010) que consideram que o desejo de voltar a casa está constantemente presente nos

discursos dos adolescentes institucionalizados. Apesar de as instituições serem consideradas importantes na vida de quem nelas vive, a verdade é que a necessidade de estar com a família, de sentir liberdade e autonomia é mais forte e leva os adolescentes a pensar que o voltar a casa seria a melhor coisa do mundo (Amado, et al., 2003). Associada à saída da instituição está a “vivência com a família” como um ideal não atingido relatado por 50% (4 em 8) dos jovens. Os adolescentes desejam esta aproximação com o ambiente familiar, uma vez que este é um forte factor na construção do bem-estar psicológico (Boeckel & Sarriera, 2006) e também por ser considerado um factor de protecção (Mota & Matos, 2008) – V14f: “(...) *não estar com a família e isso tudo (...)*”, W14m: “(...) *vim para o colégio e naquela altura pensava em estar ao pé da família, sem separações nem nada (...)*”, S16m: “(...) *estou cá no colégio, numa instituição, em vez de estar com a minha família (...)*” e R15f: “(o que imaginava) *era ficar em casa com os meus pais.*”. Neste sentido, sabe-se que todas as crianças e jovens que são separados dos seus pais sofrem devido aos sentimentos de perda, solidão e vazio e à necessidade de adaptação ao desconhecido (Amado et al., 2003). Para além disto, este sentimento de ruptura e separação com a família gera saudades, tristezas, inseguranças e medos que mostram o quanto as crianças precisam e desejam a convivência familiar (Hecht & Silva, 2009).

## **Temática 2: Condições de vida**

Relativamente às condições de vida, os jovens mostraram a existência de duas categorias: “perspectiva favorável” e “perspectiva desfavorável”.

Dentro da perspectiva favorável foi identificada uma “visão geral” onde 62.5% (5 em 8) dos jovens mostraram o seu agrado pelas condições de vida actuais – V14f: “*Tenho umas condições de vida normais, não são excelentes mas também não são más.*”, V14f: “*Tenho o que toda a gente precisa para sobreviver.*”, T15f: “*Sim, muito melhor do que tinha antes.*”, A14f: “(...) *temos tudo para ser felizes.*” e R15f: “*Sim, tenho boas condições de vida.*”. Mais especificamente, foi encontrada outra subcategoria referente aos “afectos”, visto 50% (4 em 8) dos adolescentes entrevistados mostrarem que, mesmo a viver em instituições, conseguem satisfazer as suas necessidades de afecto – A14f: “(...) *temos uma família, temos um lar (...)*”, J16m: “*Aqui dão-nos castigos quando nos portamos mal, dão-nos abraços se nos portamos bem.*” e S16m: “*Tenho os meus amigos (...) tenho a pouca família que tenho, mas tenho*

*família (...) é só isso que me ajuda a viver.*”. Os jovens entrevistados, ao identificarem o afecto como uma das condições de vida, estão a referir-se não só às pessoas que constituem a instituição, mas também às pessoas com quem socializam no exterior, por exemplo, amigos da escola, professores e até mesmo familiares, uma vez que as instituições são responsáveis por manter o contacto com a família. É de salientar que este afecto sentido pelos jovens ajuda-os a desenvolver a capacidade de confiar e de se relacionar com os outros (Freitas, 2009). Por último, 37.5% (3 em 8) dos jovens identificaram as “condições básicas de vida” como uma subcategoria. Dentro desta subcategoria os jovens relataram principalmente as condições de habitação e de alimentação – V14f: “(...) *tenho uma cama (...)*”, V14f: “(...) *tenho livros para estudar, tenho condições para poder estudar.*”, V14f: “*Tenho comida todos os dias (...)*”, A14f: “(...) *temos uma casa.*”, J16m: “(...) *temos onde dormir(...)*” e J16m: “*Aqui temos comida (...)*”. A identificação destes aspectos como condições de vida favoráveis dentro das instituições é sinal de que os objectivos das mesmas são de alguma forma cumpridos, uma vez que, para além de muitos outros aspectos, as instituições são responsáveis por proporcionar as condições básicas de alimentação assim como assegurar todos os meios necessários para que o desenvolvimento pessoal das crianças e jovens institucionalizados ocorra de forma harmoniosa e adequada.

Por outro lado, 25% (2 em 8) dos jovens mostram também uma “visão geral” da perspectiva desfavorável relativamente às condições de vida. Esta visão geral prende-se sobretudo com o facto de não estarem com a família, sendo este aspecto considerado negativo para os jovens – W14m: “*Neste momento não posso dizer que sim porque não estou em casa (...)*” e J16m: “*Não tenho uma vida normal*”. Para além disto, os jovens identificaram também as “características da habitação” onde vivem como um aspecto negativo das condições de vida. Ou seja, 37.5% (3 em 8) dos adolescentes, quando questionados sobre as condições de vida, pensaram em aspectos como a estabilidade, privacidade e sossego – W14m: “*Não tenho aquela estabilidade.*”, F14m: “(...) *aqui há mais barulho.*” e F14m: “*Não consigo ter a minha privacidade.*”. Assim, revendo as subcategorias referentes às condições de vida, percebe-se que os jovens consideram favoráveis as condições básicas oferecidas nas instituições, embora apontem como desfavoráveis outros aspectos, como a privacidade, a estabilidade e o sossego.



### **Temática 3: Satisfação com a vida**

A temática “satisfação com a vida” é constituída por duas categorias: “perspectiva positiva” e “perspectiva negativa”.

A perspectiva positiva em relação à satisfação com a vida conta com uma “visão geral” identificada por 62.5% (5 em 8) dos adolescentes – V14f: “*Sim (...) acho que estou bem.*”, F14m: “*Sim, não me posso queixar (...)*”, T15f: “*(...) eu acho que mudei para melhor e estou muito satisfeita.*”, T15f: “*(...) a minha vida mudou para melhor desde que eu vim para aqui (...)*” e R15f: “*Sinto-me bem.*”. Assim, constata-se que, mesmo perante uma situação de institucionalização, a maioria dos jovens refere estar satisfeito com a sua vida. Tal satisfação pode ser devida às características positivas associadas às instituições, nomeadamente o facto de, muitas vezes, constituírem o primeiro espaço de verdadeira socialização, onde os adolescentes são confrontados com modelos, organização, normas, regras e valores, que poderão contribuir para que se adaptem com maior facilidade a diferentes meios com diferentes exigências de integração social (Teixeira, 2009). Para além disto, a visão positiva relativamente à satisfação com a vida mesmo em processo de institucionalização pode ser devida a factores relacionados com a própria criança/adolescente, por exemplo, capacidade de resiliência, nível de auto-estima, inteligência e capacidade de adaptação, uma vez que estes são essenciais para que os jovens interpretem a experiência de institucionalização como positiva. A segunda subcategoria identificada é referente às “relações sociais” uma vez que 37.5% (3 em 8) dos jovens consideram que estas são um factor positivo na satisfação com a vida – F14m: “*(...) mesmo que tenha tido uns problemas familiares e isso, fui ultrapassando, pouco a pouco (...) com a ajuda de familiares e amigos.*”, J16m: “*Estou mais perto do meu pai e estou a dar-me melhor com a minha família.*” e R15f: “*(...) estou bem com quem estou aqui.*”. Desta forma, percebe-se que alguns jovens, mesmo perante situações adversas, continuam a confiar na família e nos amigos, considerando-os parte da sua rede social e de apoio. É de salientar que o facto de os adolescentes percepcionarem a sua rede de apoio como positiva e presente aumenta as competências de resiliência (Amparo, Galvão, Alves, Brasil, & Koller, 2008) e, consequentemente, a possibilidade de adopção de estratégias adequadas para lidar com eventos *stressores*. Uma outra subcategoria identificada foi a “escolaridade”. Assim, percebe-se que, para além de ser um ideal de vida, é também considerada um factor de satisfação com a vida por 12.5% (1 em 8) dos adolescentes entrevistados – T15f: “*Estou*

*a conseguir tirar mais notas positivas (...)*”. A confirmar estes resultados, estudos mostram que a frequência escolar é uma das variáveis sócio-demográficas que surge mais frequentemente associada à Satisfação com a Vida (Chou & Chi, 1999, & Kousha & Mohseni, 1997, & Tao et al., 1998, citado em Galinha, 2008). É também de salientar que as instituições têm um importante papel ao nível da escolaridade, uma vez que devem encorajar de forma activa o desenvolvimento escolar, educacional e a sua formação (Martins, 2004). Neste sentido, possivelmente é por a instituição ter um papel activo e positivo na escolaridade dos adolescentes que estes a identificam como um factor de satisfação com a vida. Para além disto, outra possível explicação pode ser, simplesmente, por a escola ser um local onde os jovens permanecem durante muitas horas do seu dia e também por, em alguns casos, poder constituir um local onde são vivenciadas experiências positivas através do estabelecimento de novas relações de amizade, de conquistas e de novas aprendizagens (Dell`Aglia, 2000). Por último, uma outra subcategoria relatada por 12.5% (1 em 8) dos jovens é relativamente às “regras” das instituições – T15f: *“(...) passei a ter horários para estudar, sair, para fazer as coisas.”*. Estes resultados vão ao encontro dos dados obtidos por Carvalho e Manita (2010), que assumem que as crianças e jovens institucionalizados tendem a interpretar as regras impostas pelas instituições como necessárias para uma maior uniformidade, assim como positivas e eficazes no dia-a-dia. A identificação das regras como um factor de satisfação com a vida pode ter que ver com o facto de, em muitos casos, a instituição ser o primeiro contexto onde os jovens se sentem orientados uma vez que se deparam com regras e limites.

A perspectiva negativa associada à satisfação com a vida relaciona-se, principalmente, com os percursos de vida destes jovens. Assim, identifica-se uma “visão geral” onde 50% (4 em 8) dos jovens entrevistados mostraram alguns aspectos negativos das suas vidas – W14m: *“(...) estou um pouco ansioso por acabar as aulas e eu voltar para casa e isso.”*, F14m: *“(...) tenho aqui no colégio algumas brigas.”*, J16m: *“Foi mau ter vindo para aqui (...)”* e S16m: *“Não estou satisfeito com a minha vida.”*. Estas são algumas das citações que mostram o lado negativo da satisfação com a vida destes jovens, o que poderá estar relacionado com o desejo de sair da instituição e, consequentemente, com o desejo de regressar à convivência familiar. Especificando um pouco mais, 37.5% (3 em 8) dos adolescentes identificaram também as “relações sociais” como uma perspectiva negativa em relação à satisfação com a vida. Ou seja, se

por um lado as relações sociais podem fazer parte do apoio social e, consequentemente, promover bem-estar, estas, quando em falta, podem também contribuir para uma menor satisfação com a vida – W14m: “(...) *aqui estou afastado da família e dos amigos.*”, J16m: “(...) *não estou a ter aquilo que eu queria ter, ficar com o meu pai e com a minha mãe (...)*”, S16m: “*A minha mãe morreu... o meu pai morreu... a minha avó morreu... a minha família está quase toda morta porque não quer saber de mim (...)*” e S16m: “*Perdi as pessoas que mais amava na minha vida.*”. Depois de observadas as citações, percebe-se que o afastamento da família, dos amigos e de casa, surgem como factores chave nesta vivência negativa (Carvalho & Manita, 2010). Assim, é essencial perceber que, apesar de as instituições poderem apresentar boas condições de habitação e até mesmo de as crianças se encontrarem satisfeitas com as relações estabelecidas, estas estão em sofrimento devido à separação da família e à ruptura com um ambiente conhecido (Amado, et al., 2003). Assim, emergem sentimentos de perda, solidão, vazio (Amado et al., 2003), tristeza, inseguranças, medos (Hecht & Silva, 2009), raiva, vergonha, culpa (Martins, 2004) e abandono, que potenciam um mecanismo de insegurança emocional que poderá conduzir a trajectórias desenvolvimentais desadaptativas (Mota & Matos, 2010). Tal deve-se principalmente à constatação de que as falhas no cumprimento das responsabilidades parentais levaram ao processo de institucionalização daqueles que menos têm culpa em todo o processo.

#### **Temática 4: Objectivos de vida**

A temática referente aos objectivos de vida divide-se em duas categorias: “objectivos concretizados” e “objectivos por concretizar”.

Dentro dos objectivos concretizados uma das subcategorias encontradas foi, mais uma vez, as “relações sociais”, sendo estas identificadas por 75% (6 em 8) dos jovens entrevistados. Assim, tendo em conta algumas falhas ao nível da socialização tanto com os familiares como com os amigos, os jovens vêem como objectivos concretizados qualquer avanço dentro dessas mesmas relações – F14m: “*Consegui a família (...) depois de eu vir parar à instituição houve muita gente que (...) começou a agir para me acolher.*”, A14f: “*Reconstituir os meus laços da família.*”, A14f: “*Tenho encontrado amigos muito fixes.*”, J16m: “*Já consegui falar com o meu pai, antes não conseguia e com a minha madrasta também já falo.*”, J16m: “*(...) também consegui outras coisas (...) os amigos... aqui dentro já fiz muitos amigos... eles vêm e vão, mas*

*já fiz muitos.”*, J16m: *“Sinto que pertenço a um grupo.”* e R15f: *“Consegui estar aqui com quem eu quero.”*. Percebe-se que as redes de apoio identificadas pelos jovens correspondem tanto aos elementos familiares como aos pares, sendo esta percepção considerada um importante factor na construção do bem-estar psicológico (Boeckel & Sarriera, 2006). Para além disto, a rede de apoio social pode actuar no sentido de promover a organização emocional e afectiva, evitando a permanência de estados de vulnerabilidade, daí que os jovens tendam a identificá-la como um objectivo de vida. Especificamente no caso dos adolescentes institucionalizados, sabe-se que estes, quando sentem proximidade nas relações com os pares, estão mais capazes de expressar as suas ideias e sentimentos, envolvendo-se de forma positiva e empática na relação com os outros (Mota & Matos, 2010). No entanto, dentro das instituições, a rede social não é estável nem definitiva, tal como cita um dos jovens: J16m: *“(…) aqui dentro já fiz muitos amigos... eles vêm e vão, mas já fiz muitos.”*. Tal como já foi referido, esta instabilidade tende a promover relações de pouca durabilidade e consistência. No entanto, apesar de não serem consideradas relações seguras, estas representam marcos relevantes na construção emocional do jovem. Por último, mais uma vez a “escolaridade” foi identificada como uma subcategoria dos objectivos de vida atingidos por 50% (4 em 8) dos jovens entrevistados. A identificação da escolaridade como uma subcategoria pode ter que ver com o facto de os adolescentes institucionalizados tenderem a apresentar resultados escolares inferiores, quando comparados com adolescentes não institucionalizados (Parker, 1988, & Raymond, 1996a, 1998, citado em Martins, 2004). Assim, quando os jovens sentem melhorias nesta área da sua vida e quando têm orgulho nessas mesmas melhorias, tendem a identificá-las como objectivos de vida já concretizados – W14m: *“Estar na escola.”*, A14f: *“Os estudos.”* e R15f: *“Consegui ter a minha escola, boas notas.”*.

Relativamente aos “objectivos por concretizar”, apenas 12.5% (1 em 8) dos jovens identificaram um aspecto relacionado com o futuro – V14f: *“Entrar para uma escola de teatro profissional (...) é um sonho já desde miúda.”*. A reforçar esta ideia, Freitas (2009) refere que a maioria das crianças e adolescentes institucionalizados reconhecem a importância de definir um projecto pessoal para o seu futuro. Estes dados são contrários aos de Gomes (2005, citado em Carvalho & Manita, 2010) que afirma que nenhum jovem que esteve institucionalizado em grandes instituições reconhece a importância da construção de um projecto pessoal.

### **Temática 5: Relação com o passado**

A relação com o passado é uma temática que conta com duas categorias principais: “desejo de manter o passado” e o “desejo de alterar o passado”.

O desejo de manter o passado é apenas expresso por uma jovem (12.5%; 1 em 8) numa categoria denominada por “visão geral” – V14f: *“Até agora não tive assim nada que eu gostasse de mudar”*. Tal expressão mostra adaptação à situação vivida na actualidade, podendo também mostrar competências de resiliência por parte desta jovem que mostra aceitar a sua situação de vida, adaptando-se a ela de forma adequada. Por outro lado, as suas palavras podem ser entendidas como uma necessidade de não abordar aspectos referentes ao passado.

Relativamente ao desejo de alterar o passado, os jovens referiram, principalmente, o desejo de alterar acontecimentos passados e também de determinados comportamentos pessoais. A “alteração de acontecimentos” foi identificada por 62.5% (5 em 8) dos participantes e tende a relacionar-se com o passado destes jovens, não esquecendo que a maioria apresenta percursos de vida pouco adaptativos e até mesmo traumáticos (Cordeiro, 2009) – W14m: *“(estar no colégio) é mesmo uma lição de vida.”*, A14f: *“Ter-me deixado vir para o colégio (...) não devia ter deixado porque me enganaram (...) disseram-me que o meu pai estava ali à espera de mim num café e levaram-me.”*, J16m: *“(...) se voltasse atrás não tinha vindo para aqui.”*, S16m: *“(...) punha a minha mãe viva e a minha avó também.”* e S16m: *“Punha com que eu tivesse mais feliz.”*. Relativamente à “alteração de comportamentos pessoais”, esta foi identificada por 37.5% (3 em 8) dos jovens e relaciona-se com comportamentos que eles identificam como a causa da sua institucionalização – W14m: *“(...) não tinha faltado às aulas (...) porque foi a causa de eu vir parar ao colégio.”* e T15f: *“(...) antes para estudar mais não saísse assim tanto... talvez não tinha de estar aqui.”*. O desejo expresso pelos jovens em alterar acontecimentos passados e comportamentos pessoais está bastante relacionado com a institucionalização em si. Assim, focando a atenção nas citações referidas pelos jovens, percebe-se a presença de sentimentos de culpa sentidos por estes jovens que, desculpabilizando a família, tentam assumir algumas responsabilidades pela própria institucionalização.

### **Temática 6: Contributos da institucionalização**

A presente temática é constituída por duas categorias: “contributos positivos” e “contributos negativos”.

Relativamente aos contributos positivos da institucionalização, 62.5% (5 em 8) dos jovens identificaram o facto de serem sujeitos a “aprendizagens adequadas” – W14m: “*Tenho lições de vida (...) tenho de me aperceber que faltar às aulas é mau e fazer porcaria também.*”, T15f: “*Acho que foi tudo bem porque eu antes não era assim tão responsável.*”, S16m: “*(...) aprendi a ser amigo das pessoas.*” e R15f: “*Cá ensinaram-me (...) como portar, lidar com os meus colegas, lidar com as pessoas que estão à minha volta.*”. Estes exemplos citados pelos jovens mostram, mais uma vez, que as instituições conseguem atingir alguns dos objectivos a que se propõem, neste caso específico a promoção da aquisição de normas, regras, valores, competências de cidadania, organização e modelos de conduta adequados para lidar com diferentes contextos e com diferentes exigências de integração (Teixeira, 2009). A “formulação de objectivos futuros” foi outra subcategoria identificada por 62.5% (5 em 8) dos jovens como sendo um aspecto positivo da institucionalização – V14f: “*Ajudou-me a lutar por aquilo que eu quero.*”, A14f: “*Ajudaram-me a perceber o que quero.*” e J16m: “*Estar aqui também me ajudou a crescer.*”. Estes exemplos mostram que, na realidade, a instituição pode ser vista como uma rede de apoio no sentido em que ajuda, orienta, apoia e informa os jovens sobre os seus futuros. Ainda para mais, as instituições costumam proceder à articulação com outros serviços ou entidades de formação escolar e profissional no sentido de dar resposta às necessidades destes jovens, esforçando-se por que estes aprendam um ofício para que possam vir a exercer uma profissão. Neste sentido, pode-se dizer que as instituições ajudam os jovens a delinear o seu futuro, uma vez que estes apresentam dificuldades nessa tarefa (Freitas, 2009). Possivelmente é por esta ajuda ser eficaz que os jovens a identificaram como um contributo positivo da institucionalização. Para além da formulação de objectivos futuros, a “escolaridade” foi também identificada por 25% (2 em 8) dos jovens como sendo um aspecto positivo da institucionalização – V14f: “*(...) pude começar a estudar.*” e A14f: “*Ajudou-me nos estudos (...) a aprender.*”. Esta perspectiva de que o processo de institucionalização colaborou para a melhoria dos estudos pode ter que ver com um conjunto de factores associados, nomeadamente o facto de, em casa, possivelmente, não existir nem um espaço propício para os estudos, nem regras, nem horários, nem uma alimentação

adequada à idade, nem mesmo alguém disponível para ajudar nos estudos e tirar dúvidas. Perante estas possíveis dificuldades, entende-se o porquê de este aspecto ser associado aos contributos positivos da institucionalização. Uma outra subcategoria identificada por 12.5% (1 em 8) dos jovens prende-se com as “condições de vida”. Tal como enunciado anteriormente, há jovens que consideram ter mais condições de vida durante o processo de institucionalização vendo este aspecto como positivo – V14f: *“Acho que me deu mais condições (...)”*. Para além disto, uma outra categoria é referente à “relação com os jovens da instituição”. Esta subcategoria foi identificada por 25% (2 em 8) dos jovens que referiram ter encontrado amigos dentro da instituição – A14f: *“(...) encontrar amigos excelentes.”* e S16m: *“As amizades que perdi e que ganhei aqui neste colégio... porque há pessoas que já saíram cá do colégio que já me fizeram abrir muito os olhos.”*. Mais uma vez percebe-se que as instituições representam, muitas vezes, o primeiro espaço de verdadeira socialização, no sentido em que é aqui que as crianças e adolescentes são confrontados com modelos culturais que se pretendem normativos. É também de salientar que, perante a ruptura com o ambiente familiar, as relações com os pares dentro das instituições podem mesmo corresponder a relações de apego (Alexandre & Vieira, 2004, citado em Freitas, 2009). No entanto, percebe-se mais uma vez que estas amizades não são consistentes devido à inconstância dos jovens que, a qualquer momento, podem regressar às suas famílias e deixar de ter ligações com aqueles que ficam nas instituições. Por último, 50% (4 em 8) dos jovens identificaram a “relação com os funcionários da instituição” como um contributo positivo da institucionalização – F14m: *“(...) daqui do colégio tenho apoio de todos, para além de funcionários daqui como os que trabalham na lavandaria.”*, A14f: *“(...) a nossa Isabel dá miminhos muito bons.”*, J16m: *“(...) eu sei que as pessoas gostam de mim (...)”*, J16m: *“(...) nós aqui recebemos carinho e isso.”*, J16m: *“Às vezes gostam mais de nós do que as nossas próprias mães.”* e J16m: *“Aqui as doutoras ajudaram-me a ver o meu futuro... preocupam-se com a minha vida.”*. Neste sentido, sabe-se que as relações estabelecidas com os funcionários das instituições conferem maior sensação de confiança, maior percepção de competências e auto-controlo (Mota & Matos, 2010). Os mesmos autores vêem esta relação como positiva para que os jovens sejam aceites e para que se sintam mais inseridos e integrados. Para além disto, os funcionários assumem um importante papel na vida dos jovens por serem os adultos que têm mais contacto, que os ajudam, orientam e protegem, constituindo assim modelos de

identificação (Siqueira & Dell`Aglia, 2006). A proximidade desta relação advém de uma vivência diária com os jovens, pelo que os funcionários da instituição podem ser mais ou menos vistos como figuras parentais, sempre que adoptem atitudes semelhantes às que os familiares devem adoptar (Mota & Matos, 2010).

Quanto aos contributos negativos da institucionalização, 25% (2 em 8) dos jovens identificaram o “afastamento da família” como uma subcategoria – T15f: “(...) só não gostei que me tirassem de ao pé da minha avó... eu às vezes ainda fico revoltada por estar aqui.”. Mais uma vez percebe-se que, apesar de as condições poderem ser adequadas e de existirem relações sociais dentro da instituição, o desejo de sair e regressar à convivência familiar é constante (Carvalho & Manita, 2010). Para além disto, apesar de os jovens terem identificado as aprendizagens adequadas como um aspecto positivo da institucionalização, a verdade é que 25% (2 em 8) apontam também as “aprendizagens desadequadas” como um contributo negativo – J16m: “Aqui aprendi a fazer coisas más (...) falar de forma má (...) via os outros a fazer e fazia também para ser igual.” e S16m: “(...) vim para cá para o colégio e tornei-me rebelde.”. Estes resultados vão ao encontro da visão de Delgado (2006) que considera as instituições como possíveis locais onde os jovens podem estar sujeitos a aprendizagens desadequadas. A “relação com os jovens da instituição” foi apontada por 12.5% (1 em 8) dos jovens como um contributo negativo da institucionalização. Esta subcategoria foi apenas evidenciada por um jovem que mostrou ter alguns atritos com os colegas – F14m: “(...) as coisas más do colégio, bem... é que há miúdos em que eu não dou bem.”. Estes conflitos entre os próprios jovens podem ser devidos a diversos factores, nomeadamente o facto de muitas das instituições serem constituídas por muitos jovens, de diversas idades e com diferentes histórias de vida. Assim, a diversidade existente dentro das instituições nem sempre é benéfica para os próprios jovens, que lidam diariamente com situações de grande adversidade. Para além disto, a competitividade pelos recursos é também geradora de alguns conflitos. Ou seja, a escassez de recursos materiais e humanos faz com que os jovens tenham de “lutar” para conseguir atingir os seus objectivos. A questão é que esta “luta” é feita contra muitas outras crianças e jovens que se encontram na mesma situação. Assim, a vivência em instituições, para além de poder ser promotora de boas relações de amizade, pode também promover relações conflituosas com outros jovens. Por último, a “relação com os funcionários da instituição” foi também identificada como sendo um contributo negativo por 12.5% (1



em 8) dos jovens entrevistados. Mais uma vez apenas um dos jovens assumiu ter alguns problemas com os funcionários – S16m: “*Antipatia de algumas pessoas cá do colégio (...)*” e S16m: “*(...) fizeram-me passar muitas troças (...) muitas humilhações (...) já me fizeram passar muito mal aqui neste colégio.*”. Estas relações menos harmoniosas com os funcionários das instituições podem também ser devidas a diversos factores, nomeadamente ao facto de estes serem em número insuficiente quando comparados com o número de crianças e jovens existentes em cada instituição. A falta de recursos leva a que os funcionários tenham de repartir a atenção e a paciência por todos os jovens, o que leva muitas vezes à despersonalização e à falta de disponibilidade pessoal por parte dos adultos, o que prejudica a qualidade das relações com os jovens (Mota & Matos, 2010). Para agravar a situação, sabe-se que muitas das pessoas que lidam diariamente com os jovens não têm formação para tal, pelo que muitas vezes podem não compreender as reacções dos jovens nem agir de forma mais adequada e exemplar.

### **Temática 7: Morar numa instituição**

Esta temática é dividida em duas categorias: “aspectos positivos” e “aspectos negativos”.

Relativamente aos aspectos positivos foi identificada uma subcategoria denominada de “visão geral”. Esta subcategoria mostra os aspectos positivos gerais do ambiente institucional relatados por 50% (4 em 8) dos jovens – A14f: “*Não é mau de todo, há pessoas que pensam que são piores, nem todos são maus.*”, A14f: “*É muito fixe.*”, J16m: “*Viver num colégio não é tão mau como se pensa.*” e S16m: “*Morar num colégio não é assim tão mau.*”. Estas citações mostram que, apesar dos aspectos negativos associados à institucionalização, os jovens conseguem também identificar aspectos positivos. Para além disto, estas citações mostram alguma preocupação pela opinião das outras pessoas em relação ao processo de institucionalização. Uma outra subcategoria identificada refere-se ao “apoio social” uma vez que 25% (2 em 8) dos jovens identificaram as instituições como vantajosas para oferecer esse mesmo apoio – W14m: “*Viver num colégio tem as suas vantagens (...) há pessoas que não têm condições em casa (...) não têm comida, não têm pais e isso é bom para essas crianças, para crescerem saudáveis e não estarem a crescer na rua (...) ou não ter onde viver.*” e J16m: “*Viver aqui é bom porque há crianças aí que não têm nada... há muitas aqui que não têm comida nem casa e aqui têm tudo (...)*”. Mais uma vez percebe-se que, apesar

das dificuldades dos recursos materiais e humanos, as instituições conseguem suprir muitas das necessidades dos jovens, nomeadamente garantir as necessidades básicas de habitação, alimentação, higiene e segurança. O “afecto” foi também identificado como uma subcategoria dos aspectos positivos da institucionalização por 62.5% (5 em 8) dos jovens – V14f: “(...) *é como se tivéssemos uma grande família em que temos muitas mães e muitas irmãs... temos o amor e o carinho (...)*”, J16m: “(...) *sei que há pessoas aqui com quem eu posso falar.*”, S16m: “*Aqui tenho carinho (...)*” e R15f: “(...) *cá também somos como irmãos.*”. Nestas citações percebe-se a necessidade que estes jovens têm de carinho e de relações que se aproximem o mais possível de relações familiares adequadas. É positivo perceber que alguns jovens comparam a instituição com uma família, no entanto, é de salientar que tal tende a ocorrer quando as instituições são de pequenas dimensões e, consequentemente, de pequena capacidade. As “relações sociais” criadas dentro do colégio foram também identificadas como um contributo positivo por 37.5% (3 em 8) dos jovens entrevistados – T15f: “*É bom, faz-se amigos, diverte-se (...)*” e J16m: “*Os amigos que fazemos aqui ficam para a vida.*”. Na realidade, tal como referido anteriormente, as instituições são, muitas vezes, o primeiro palco de socialização de muitas crianças e jovens. É um espaço onde ocorrem interacções diárias, com muitas crianças de diferentes idades e onde são praticadas actividades lúdicas e ocupação de tempos livres que promovem as relações sociais e o estabelecimento de laços afectivos. Para além disto, apesar de estas relações não serem consistentes e apesar de, muitas vezes, ocorrer um afastamento físico total, a verdade é que as vivências que ocorrem durante o processo de institucionalização são muito fortes, pelo que os jovens tendem a associar esses momentos aos jovens com quem os experienciaram, lembrando-se dos seus “amigos da instituição” como aqueles com quem passaram muitos bons e maus momentos, compartilharam sentimentos positivos e negativos e garantiram o apoio mútuo. A corroborar esta ideia, Martins e Szymanski (2004) referem que os comportamentos pró-sociais, como o cuidado recíproco, o consolo e o auxílio em várias situações de vida, foram observados nas interacções entre as crianças institucionalizadas. As “regras” foram também identificadas por 12.5% (1 em 8) dos jovens como um aspecto positivo da institucionalização – R15f: “(...) *cá também temos regras como temos em casa... cá temos de cumprir como também temos de cumprir em casa, temos de saber lidar com as pessoas que estão à nossa volta (...)*”. Mais uma vez as regras foram enunciadas como algo de positivo na vida dos jovens

institucionalizados, estando estes resultados de acordo com Carvalho e Manita (2010) que consideram que tais regras são percebidas pelos jovens como positivas e eficazes.

Quanto aos aspectos negativos da institucionalização, 25% (2 em 8) dos jovens identificaram o “afastamento da família” como um aspecto negativo da vivência em instituições. Assim, percebe-se que, apesar de os jovens perceberem as instituições como locais com condições adequadas de habitação e apesar de se sentirem integrados nas relações sociais aí estabelecidas, a verdade é que estes desejam o regresso à convivência familiar, pelo que percebem esta ruptura como um dos aspectos negativos – W14m “(...) *acho que não devia vir para um colégio, devia ficar junto da família (...)*”. A “privação da liberdade” foi também identificada por 12.5% (1 em 8) dos jovens como um contributo negativo da institucionalização – A14f: “*Não podíamos sair de casa... escola-casa, casa-escola (...), não podíamos sair dali... era pior que uma prisão.*” e A14f: “*Saíamos uma hora ao Domingo (...) íamos com monitores e não podíamos ter muita liberdade.*”. Neste sentido, Carvalho e Manita (2010) concordam que o desejo demonstrado pelos jovens em regressar a casa prende-se não só com a necessidade de estar com a família, mas também com a necessidade de mais autonomia e liberdade. Por último, a “privação da privacidade” foi outra subcategoria enquadrada nos aspectos negativos por 12.5% (1 em 8) dos jovens entrevistados – W14m: “*Privacidade há muito pouca aqui dentro.*” e W14m: “*(...) há sempre alguém em redor.*”. Apesar de tanto as crianças como os funcionários avaliarem a privacidade como um direito fundamental das crianças e dos jovens, nem sempre as instituições conseguem criar as condições ideais para tal, apresentando muitas vezes dificuldades em salvaguardar o direito à privacidade das crianças e jovens que acolhem (Moraes & Ó, 2011).

## 6 – CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES

Apesar do carácter exploratório da presente investigação, esta contribuiu para dar mais um passo no sentido de compreender as questões relacionadas com o bem-estar e, principalmente, entender algumas especificidades da população de adolescentes residentes em instituições.

No sentido de apresentar brevemente as conclusões retiradas da investigação quantitativa, retoma-se o objectivo geral e as questões de investigação anteriormente definidas:

Objectivo geral 1: Analisar a percepção que os adolescentes institucionalizados têm relativamente ao próprio bem-estar subjectivo.

- Será que existem diferenças entre o bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados e não institucionalizados?
- Haverá diferenças entre o género relativamente ao bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados?

Relativamente à primeira questão, os resultados mostraram que o facto de os adolescentes se encontrarem institucionalizados exerce influência no seu bem-estar subjectivo. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas quando comparadas com estudos realizados com adolescentes não institucionalizados. É de salientar que a diferença encontrada pode não ser devida única e exclusivamente à institucionalização, uma vez que pode existir a interferência de outras variáveis que não foram controladas, por exemplo, o nível sócio-económico. Muitos são os factores que podem contribuir para a diminuição do bem-estar, nomeadamente a falta de privacidade, autonomia, liberdade, individualidade, o desejo de relações sociais estáveis e de proximidade com o núcleo familiar, os estereótipos negativos associados à institucionalização, a falta de atenção por parte dos adultos e ainda a presença de sentimentos negativos oriundos da ruptura com o ambiente conhecido.

Quanto à segunda questão, esta investigação mostrou que os adolescentes do sexo masculino apresentam níveis de bem-estar superiores aos do sexo feminino. As diferenças encontradas não foram estatisticamente significativas, embora se verifique uma tendência para esta situação, uma vez que os resultados foram mais elevados para

os rapazes em todos os itens da ESCV. Estes resultados são corroborados por outras investigações já mencionadas no capítulo anterior e têm como possível causa os papéis sociais atribuídos ao género masculino e feminino pela sociedade em geral.

Por último, apesar de não fazer parte das questões de investigação inicialmente propostas, verificou-se a existência de diferenças no nível de bem-estar em diferentes instituições. Assim, percebeu-se que a instituição onde se verificou maior bem-estar apresenta diferenças estruturais em relação à instituição onde se verificou menor bem-estar. Assim, depois de recolher informação sobre cada uma, conclui-se que diferenças como o aspecto exterior da instituição, o tamanho, a capacidade que suporta, as faixas etárias que abrange, o número de funcionários por criança, a decoração dos espaços e a utilidade que se dá a cada uma das divisões da instituição podem ser considerados elementos importantes para promover ou diminuir o bem-estar. As conclusões deste estudo mostraram que a instituição com maior bem-estar é semelhante a uma casa, apresenta pequenas dimensões, tem capacidade para poucos jovens, realiza as refeições em comum e outras actividades que se reportam ao meio familiar. Pelo contrário, a instituição onde se verificou menor bem-estar não se assemelha a uma casa, é de grandes dimensões, tem capacidade para muitas crianças e divide os espaços em refeitórios e dormitórios, para além de restringir a privacidade das crianças e jovens que a habitam. Assim, conclui-se que, para além da formação das pessoas que trabalham directamente com os jovens e das condições prestadas aos mesmos, é também importante ter em conta a estrutura das próprias instituições e a forma como utilizam os espaços.

Relativamente às entrevistas realizadas, estas permitem também a extracção de algumas conclusões interessantes. No sentido de as apresentar, retoma-se o objectivo geral e a questão de investigação inicialmente proposta:

Objectivo geral 2: Perceber qual a percepção dos adolescentes relativamente à institucionalização.

- Quais são os contributos mais favoráveis e menos favoráveis identificados pelos jovens relativamente à institucionalização?

A resposta à questão de investigação não é linear nem objectiva, uma vez que os dados recolhidos através das entrevistas mostram a existência de uma complexidade de factores e uma diversidade de opiniões que impossibilita a resposta à questão de forma simplificada.

Uma das conclusões extraída da análise aprofundada das entrevistas foi perceber qual a percepção que os jovens têm sobre o papel das instituições nas suas vidas. Assim, os jovens identificaram alguns aspectos de extrema importância no papel das instituições, nomeadamente as condições de habitação, a alimentação, os espaços para estudar, as regras e rotinas do dia-a-dia e a formulação de objectivos futuros. Estes foram os principais aspectos identificados pelos jovens e, de certa forma, correspondem aos objectivos e às responsabilidades que as instituições têm sobre as crianças e adolescentes que acolhem. Para além disto, apesar de apresentar uma conotação mais negativa, a privação da liberdade e da privacidade foi também identificada. Estes dois aspectos podem ser encarados como aspectos a melhorar, uma vez que fazem parte dos objectivos das instituições que podem ainda não ter sido atingidos na totalidade.

Para além disto, apesar da conotação negativa associada às instituições, os resultados mostram que os jovens conseguem identificar ideais de vida atingidos, conseguem ter uma percepção favorável sobre as condições de vida, apresentam uma perspectiva positiva relativamente à satisfação com a vida, identificam objectivos de vida concretizados e os que desejam ainda concretizar, identificam contributos positivos da institucionalização e alguns aspectos positivos dessa vivência. Desta forma, percebe-se que os jovens identificam uma componente positiva associada tanto às suas vidas como à institucionalização em si. Para além disto, pode-se também constatar que os aspectos positivos são enunciados pelos jovens em maior quantidade do que os aspectos negativos. Relativamente a este dado, fica a dúvida de quais os aspectos vividos com maior intensidade, ou seja, apesar de os jovens identificarem mais aspectos positivos que negativos, será que a intensidade com que os vivem é semelhante?

Quando observadas as unidades de frequência e as percentagens atribuídas a cada subcategoria, pode-se retirar outra conclusão, uma vez que nenhuma das subcategorias conseguiu reunir consenso total entre os jovens. O máximo de percentagem verificada foi de 75% (6 em 8 jovens) para a subcategoria das “relações sociais” enquanto objectivos de vida já concretizados. Este resultado mostra, mais uma vez, a importância que as relações sociais têm na vida dos jovens, tanto com os pares

como com os familiares. Esta importância pode estar relacionada com o facto de os adolescentes estarem institucionalizados e, como tal, privados de algumas relações com o exterior. No entanto, comparando com as outras categorias, percebe-se que as relações sociais são um pilar na vida dos adolescentes uma vez que lhes é atribuída especial atenção.

Ainda relativamente à subcategoria “relações sociais”, é interessante verificar que esta é identificada nos ideais de vida, na satisfação com a vida, nos objectivos de vida e no morar numa instituição. Ou seja, para além de ser a subcategoria a que mais jovens deram importância, é também uma subcategoria identificada em diferentes áreas, o que demonstra, mais uma vez, que as relações sociais interferem em diferentes domínios na vida dos adolescentes. Este impacto é também percebido por, na temática “Satisfação com a Vida”, os jovens associarem as relações sociais não só a uma perspectiva positiva mas também a uma perspectiva negativa. Assim, conclui-se que nenhum aspecto pode ser visto como linear, sendo de extrema importância perceber o contexto em que ocorre. Para além disto, tal como referido anteriormente, o ambiente institucional, apesar de promover relações afectivas, pode também ser palco de alguns desacatos entre os jovens devido a diversos factores anteriormente enunciados. Em suma, esta conclusão é entendida como positiva na vida dos jovens, uma vez que o estabelecimento de relações de segurança dentro das instituições exerce uma influência positiva durante todo o processo de institucionalização, sendo este mais fácil de gerir quanto melhores forem as relações estabelecidas. Para além disto, estes relacionamentos funcionam como um elo para a formação das suas identidades e para o seu desenvolvimento, contribuindo também para a criação de oportunidades para os adolescentes lidarem com as adversidades da vida pessoal e social (Hecht & Silva, 2009). Por fim, é de salientar que o facto de os adolescentes estabelecerem relação fortes e percepcionarem o seu apoio social como positivo e presente pode estar associado a maior bem-estar (Cohen & Wills, 1985, citado em Chu, Saucier, & Hafner, 2010).

Uma outra conclusão interessante é o facto de a subcategoria “escolaridade” aparecer associada também aos ideais de vida, à satisfação com a vida, aos objectivos de vida, aos contributos da institucionalização e, de forma indirecta, às condições de vida e à relação com o passado. Assim, percebe-se que os adolescentes relataram aspectos relacionados com a escolaridade em seis das sete temáticas, o que mostra a sua

importância na vida dos adolescentes. O interesse mostrado pela escolaridade mostra que os adolescentes sentem orgulho quando conseguem atingir bons resultados na escola, o que pode ser considerado positivo e motivador, uma vez que os adolescentes institucionalizados tendem a ter piores resultados escolares quando comparados com os adolescentes não institucionalizados (Parker, 1988, & Raymond, 1996a, 1998, citado em Martins, 2004).

É de salientar ainda que os contributos positivos que os jovens identificaram relativamente ao processo de institucionalização foram também identificados como contributos negativos. Tal facto aconteceu para as aprendizagens, para a relação com os outros jovens das instituições e para a relação com os funcionários que aí trabalham. Neste sentido, pode-se concluir que o processo de institucionalização é bastante complexo e também bastante diversificado, abrangendo crianças muito diferentes, tanto relativamente à idade como às histórias de vida, às personalidades e até aos hábitos diários. Assim, não é estranho que existam diferentes opiniões e diferentes histórias para contar, sendo que quanto mais jovens entrevistados maior o número e a diversidade de informação reunida. Desta forma, na temática “contributos da institucionalização” os jovens identificaram aprendizagens adequadas e inadequadas, tendo sempre em conta o próprio processo de institucionalização. Identificaram também as relações com os jovens da instituição tanto como um contributo positivo como negativo, pensando mais uma vez nas próprias experiências e nos próprios sentimentos. O mesmo aconteceu relativamente às relações com os funcionários. No entanto, é de salientar que a visão negativa associada à “relação com os jovens da instituição” e à “relação com os funcionários da instituição” foi identificada apenas por um jovem em cada temática, número bastante reduzido quando comparado com os jovens que identificaram essas mesmas subcategorias mas com uma conotação positiva. Assim pode concluir-se que estes aspectos negativos tiveram origem em situações excepcionais, não sendo prática comum.

Por último, é de salientar que muitos dos aspectos negativos associados a cada temática estão relacionados com o desejo de sair da instituição e, consequentemente, regressar à família. Assim, percebe-se que, apesar de todos os aspectos positivos associados à institucionalização, os jovens mantêm a intenção de sair da instituição verificando-se mesmo que na categoria “desejo de alterar o passado” as citações



identificadas são, na sua maioria, referentes a comportamentos e situações que os jovens consideram ter estado na origem da própria institucionalização.

Reflectindo sobre os resultados obtidos, sobre as conclusões e sobre todo o processo efectuado, foram identificadas algumas limitações, nomeadamente o tamanho da amostra. Apesar de as diferenças encontradas nos níveis de bem-estar serem estatisticamente significativas, a verdade é que esta pode estar a ser influenciada pelo reduzido tamanho da amostra quando comparada com os outros estudos em que a ESCV foi utilizada. Assim, enquanto a presente investigação contou com 51 adolescentes provenientes de seis instituições diferentes, o estudo de Diener et al., (1985) contou com 176, Neto (1993) com 217 e Bizarro (1999) com 562. Esta discrepância em relação à amostra pode ser considerada uma limitação do estudo uma vez que pode exercer a sua influência nos resultados. A dimensão reduzida da amostra poderá diminuir o rigor da investigação assim como impossibilitar a generalização dos resultados a todos os adolescentes institucionalizados do país. No entanto, considera-se útil o facto de se ter restringido as instituições a concelhos localizados na Margem Sul do Tejo, evitando assim a interferência de outras variáveis, como por exemplo a localização geográfica e os diferentes hábitos culturais de cada localidade. Neste sentido, para futuras investigações em que se pretenda comparar os resultados com amostras superiores, sugere-se que a amostra se aproxime da utilizada nos restantes estudos. Uma outra sugestão é, por exemplo, comparar um grupo de adolescentes institucionalizados com o grupo de controlo de adolescentes não institucionalizados, sendo os grupos de dimensões semelhantes.

Uma outra limitação encontrada é o facto de a ESCV avaliar, mais especificamente, a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo. Esta dimensão inclui os juízos avaliativos em relação à satisfação com a própria vida, representado assim o balanço psicológico que cada indivíduo faz da sua vida. Apesar de esta dimensão também abordar a parte afectiva, a verdade é que ela avalia maioritariamente a componente cognitiva. Desta forma, em futuras investigações sobre o bem-estar subjectivo, sugere-se a avaliação de ambas as dimensões de forma a conseguir obter resultados mais fidedignos quanto ao constructo em questão.

A terceira limitação deste estudo é o facto de este não ter tido em consideração o tempo de institucionalização. Este é considerado um factor importante, visto que as

crianças que permanecem durante mais tempo na instituição tendem a apresentar problemas múltiplos, persistentes e debilitantes (Gunnar, Bruce, & Grotevant, 2000, citado em Martins, 2004). Por outro lado, outros autores consideram que, quando as instituições são promotoras de experiências de vida positivas, o tempo que as crianças e os adolescentes vivem em instituições pode favorecer a diminuição do número de sinais de dificuldades emocionais (Siqueira & Dell`Aglia, 2006). Mesmo assim, parece haver consenso quanto ao facto de que a duração do período de institucionalização deva ser condicionada pela evolução da situação da criança e, principalmente, pelos progressos registados no âmbito da intervenção de que ela e/ou família possam ser objecto (Hellinckx & Colton, 1993, citado em Martins, 2004). Assim, dado este ser um dado importante e até para se poderem tirar conclusões mais fidedignas sobre o efeito do tempo de institucionalização, parece importante esta variável integrar futuras investigações sobre a população institucionalizada.

Uma outra limitação do estudo parece ser a possível interferência de variáveis parasitas como por exemplo, o nível sócio-económico. Na generalidade, todas crianças e adolescentes que vivem em instituições pertencem a um meio económico baixo, uma vez que, se assim não fosse, a opção de institucionalização raramente se colocaria. Neste sentido, os níveis de bem-estar encontrados neste estudo, para além de serem influenciados pela institucionalização, podem também ser alterados devido ao meio sócio-económico, visto este ser um dos factores que influenciam o bem-estar. Assim, de modo a excluir a interferência desta variável, sugere-se para futuras investigações que os grupos a comparar sejam ambos de nível sócio-económico baixo para que se possa avaliar de forma mais fidedigna a interferência do processo de institucionalização no bem-estar subjectivo dos adolescentes.

Outra limitação encontrada é o facto de os dados terem sido recolhidos em instituições mistas e em instituições que acolhem apenas crianças e jovens de um dos géneros. Ou seja, a dificuldade em encontrar instituições disponíveis para colaborar fez com que os dados fossem recolhidos em 4 instituições mistas, numa instituição que apenas acolhe rapazes e noutra que apenas acolhe raparigas. Assim, o estudo envolve adolescentes que convivem diariamente com o sexo oposto e que, consequentemente, têm restrições na instituição, sendo que em algumas têm de dormir em dormitórios separados e não podem estar nesses mesmos dormitórios durante o dia. Estes aspectos não se verificam em instituições que acolhem apenas rapazes ou raparigas, havendo

mais liberdade dentro da própria instituição. O facto de os dados recolhidos abrangerem os dois tipos de instituição pode por isso ter influenciado os presentes resultados. Ultrapassar esta limitação seria recolher os dados apenas em instituições mistas ou até recolher os dados em instituições do sexo feminino e masculino de modo a comparar a possível existência de diferenças no bem-estar.

O facto de este estudo ser transversal, ou seja, avaliar o bem-estar num único momento, pode também ser encarado como uma limitação. Desta forma, seria interessante recorrer a estudos de carácter longitudinal de modo a verificar a possível existência de alterações no bem-estar ao longo do processo de institucionalização, associando também este dado ao tempo de institucionalização.

Uma outra limitação é referente à análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Apesar de esta ter sido realizada com o todo o rigor e cuidado, é possível que a subjectividade interfira nos resultados extraídos. Assim, de forma a colmatar ao máximo esta limitação, os dados obtidos nas entrevistas e os resultados extraídos dessa análise devem ser sempre revistos por outro avaliador. No entanto, até nesse caso é possível a interferência da subjectividade.

Por último, uma limitação deste estudo é a possibilidade de os jovens não terem sido sinceros durante as entrevistas. Ou seja, o facto de as entrevistas serem realizadas dentro das instituições e o facto de serem gravadas, podem ter levado os jovens a não serem totalmente sinceros nas suas respostas, podendo invalidar algumas ou mesmo levar a que a informação recolhida seja errada.

As limitações encontradas são encaradas como construtivas e como resultado de todo este trabalho de investigação, funcionando assim como desafios para um ponto de partida de novos estudos. No entanto, apesar das limitações encontradas, este estudo apresentou alguns contributos inovadores que poderão contribuir de forma positiva para a prática clínica. Em primeiro lugar, perceber que, na realidade, existem diferenças no bem-estar subjectivo dos adolescentes institucionalizados e não institucionalizados. Este dado pode alertar as instituições para o facto de acolherem crianças com necessidades específicas. Assim, um dos contributos da presente investigação é alertar para a importância de contratar pessoas especializadas para lidar com estas crianças e jovens, pessoas com gosto pelo trabalho, pessoas com características específicas e essenciais para trabalhar nesta área e, principalmente, pessoas que possam servir como modelos e

figuras de apoio às crianças e jovens que vivem em ambiente institucional. Neste sentido, pode-se também pensar em reuniões dentro da própria instituição, promovendo a discussão dos habituais problemas encontrados e eventuais formas de os ultrapassar, podendo alguns jovens ser integrados nestas reuniões de modo a exporem as suas opiniões. Perceber que estes jovens apresentam menor bem-estar pode também ser útil para perceber algumas reacções dos jovens assim como para delinear estratégias de intervenção. As próprias instituições que empregam técnicos como psicólogos, animadores e assistentes sociais podem, em conjunto, criar programas por exemplo, de promoção de competências, visto estas serem promotoras de bem-estar nos adolescentes (Remédios, 2010). Para além disto, a presente investigação concluiu também que as raparigas institucionalizadas tendem a apresentar níveis inferiores de bem-estar quando comparadas com os rapazes institucionalizados. Esta informação é importante a nível clínico, uma vez que os técnicos podem estar mais alertados para este grupo específico de modo a identificar as necessidades e os problemas que o afectam. Esta supervisão pode ser acompanhada por intervenções específicas para o género feminino, por exemplo, a criação de um grupo frequentado apenas por raparigas para a exposição de dúvidas, interesses, partilha de situações e de acontecimentos diários. Para além disto, a informação referente às características das instituições parece ser de extrema utilidade para os técnicos que nelas trabalham, para os responsáveis e mesmo para alguns órgãos superiores responsáveis pela criação destes espaços. Ou seja, a informação sobre quais as características promotoras de maior bem-estar poderá ser a base para que, num futuro, se melhorem as condições de cada instituição e para que se criem novos espaços já com estas melhorias. Assim, talvez seja possível criar as condições necessárias para que, num contexto de acolhimento, com todas as desvantagens que isso acarreta, seja possível aumentar o nível de bem-estar dos adolescentes e, conseqüentemente, reduzir a diferença no nível de bem-estar encontrada nesta investigação.

Por fim, a informação recolhida através das entrevistas permitiu também extrair algumas ideias para a intervenção dos psicólogos nestas instituições. Assim, perceber quais os aspectos positivos e negativos que os jovens associam à institucionalização pode alertar os técnicos para alguns pontos a melhorar nestes espaços. Neste sentido, podem-se evidenciar aspectos como a privacidade e a individualidade como alvos de possível melhoria. Para além disto, ao longo das entrevistas os jovens identificaram também alguns aspectos importantes, aos quais as instituições podem dar especial

atenção. As instituições podem, por exemplo, dinamizar eventos relacionados com o futuro dos jovens, nomeadamente as suas profissões. Um evento destes teria como objectivo incentivar e esclarecer os jovens relativamente ao seu futuro, mostrar-lhes diversas alternativas e ainda ajudá-los na tomada de decisões importantes. Um outro aspecto a ter em conta para aumentar o bem-estar nos adolescentes poderá ser a criação de espaços e momentos semelhantes aos vividos em família, uma vez que os jovens sentem este afastamento com dor e identificam-no como um aspecto negativo. Esta sugestão pode ser aplicada na prática, por exemplo, durante as refeições, ao serão e até mesmo na distribuição diária de tarefas. Estes pequenos pormenores podem fazer com que os jovens se sintam mais integrados e, conseqüentemente, com maior bem-estar. Para além disto, os variados técnicos que trabalham nas instituições (psicólogos, assistentes sociais, animadores sócio-culturais, entre outros) podem unir-se, reunir os conhecimentos de cada área e dinamizar actividades e sessões reflexivas sobre diversas temáticas, nomeadamente as relações sociais, as perspectivas de futuro, a escolaridade, os aspectos positivos e negativos da institucionalização e ainda alguns problemas que ocorrem dentro deste meio. Para mais, podem ser realizadas sessões sobre outras temáticas como a sexualidade, consumo de drogas e violência de modo a que os jovens aumentem o seu conhecimento, percebam as vantagens e as desvantagens dos seus actos e evitem a adopção de comportamentos desadequados. Apesar de estas medidas não apresentarem uma relação directa com o bem-estar, a verdade é que, a longo prazo, podem ser visíveis as alterações e as vantagens de todas estas sugestões e de muitas outras que podem surgir no decorrer do tempo.

Por perceber a importância que estes espaços têm na sociedade actual e por saber que no futuro a continuarão a ter, espera-se que os dados obtidos através da presente investigação possam contribuir e ajudar na construção de melhores respostas, tendo sempre em vista o bem-estar das crianças e adolescentes institucionalizados.

## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abaid, J. (2008). *Vivências adversas e depressão: Um estudo sobre crianças e adolescentes institucionalizados*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Adler, N.E., Boyce, T., Chesney, A., Cohen, S., Folkman, S., Kahn, R.L., et al., (1994). Socioeconomic status and health – The challenge of the gradient. *American Psychologist*, 49 (1), 15-24.
- Agulhas, R. (2011). Avaliação forense no âmbito da regulação do exercício das responsabilidades parentais. In M.M. Calheiros, M.V. Garrido, & S.V. Santos. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol.1, pp. 59-77). Lisboa: Edições Sílabo.
- Alarcão, M. (2006). *(Des) equilíbrios Familiares* (3.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I.M. (2002). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. In C. Machado, & R. Gonçalves. *Violência e vítimas de crimes* (2.<sup>o</sup> Vol.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alberto, I.M. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Almeida, J., Capucho, L., Costa, A., Machado, F., Nicolau, I., & Reis, E. (1992). *Exclusão Social: Factores e tipos de pobreza em Portugal* (1.<sup>a</sup> ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Alves, S.N. (2007). *Filhos da madrugada. Percursos adolescentes em lares de infância e juventude*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Alves-Mazzoti, A.J. & Gewandsznajder, F. (2004). *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- Amado, J. (2000). A técnica da análise de conteúdo. *Revista Referência*, 5, 53-63.
- Amado, J., Ribeiro, F., Limão, I., & Pacheco, V. (2003). *A escola e os alunos institucionalizados*. Lisboa: Departamento de Educação Básica: Grafis CRL.
- Amaro, F., Silva, L., Lourenço, M., & Silva, A. (2001). *Filhos e netos da pobreza. Um estudo de uma família numa área urbana degradada* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Fundação Nossa Senhora do Bom Sucesso.
- Amparo, D.M., Galvão, A.C., Alves, P.B., Brasil, K.T., & Koller, S.H. (2008). Adolescentes em situação de risco psicossocial: Redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*, 13 (2), 165-174.
- Argyle, M. (1999). Causes and correlates of happiness. In D. Kahneman, E. Diener, N. Schwarz, (Ed.). *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp.353-373). New York: Russel Sage Foundation.
- Bandura, A. (1976). *Social learning theory*. N. J.: Prentice-Hall.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bizarro, L. (1997). O desenvolvimento e a cultura da sociedade actual: Implicações para a promoção das competências da vida na adolescência. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 32, 117-132.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Lisboa, Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Bizarro, L. (2001). A avaliação do bem-estar psicológico na adolescência. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 35, 81-116.

- Boeckel, M.G., & Sarriera, J.C. (2006). Parental styles, attributional styles and psychological wellbeing in young adults attending universities. *Research Original*, 16 (3), 53-65.
- Bolger, K.E., Patterson, C.J., & Kupersmidt, J.B. (1998). Peer relationships and self-esteem among children who have been maltreated. *Child Development*, 69 (4), 1171-1197.
- Bowlby, J. (1998). *Apego e perda: Separação, angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Brief, A.P., Butcher, A.H., George, J.M., & Link, K.E. (1993). Integrating bottom-up and top-down theories of subjective well-being: The case of health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64 (4), 646-653.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: Harvard University Press.
- Brunstein, J.C. (1993). Personal goals and subjective well-being: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (5), 1061–1070.
- Burgess, R.L., & Conger, R.D. (1978). Family interaction in abusive, neglectful and normal families. *Child Development*, 49 (4), 1163-1173.
- Call, K.T., Riedel, A.A., Hein, K., McLoyd, V., Petersen, A., & Kipke, M. (2002). Adolescent health and well-being in the twenty-first century: A global perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 12 (1), 69-98.



- Campbell, A. (1976). Subjective measures of well-being. *American Psychologist*, 31 (2), 117-124.
- Carrilho, E.M. (2000). *Influências familiares no desenvolvimento de trajetórias desviantes em adolescentes institucionalizados*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Carstensen, L.L. (1995). Evidence for a life-span theory of socio-emotional selectivity. *Current Directions in Psychological Science*, 4 (5), 151-155.
- Carstensen, L.L., & Turk-Charles, S. (1994). The salience of emotion across the adult life-span. *Psychology and Aging*, 9 (2), 259-264.
- Carvalho, T., & Manita, C. (2010). Percepções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho.
- Chu, P.S., Saucier, D.A., & Hafner, E. (2010). Meta-analysis of the relationships between social support and well-being in children and adolescents. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 29 (6), 624-645.
- Clark, A.E. (2009). Work, jobs and well-being across the millennium. In E. Diener, D. Kahneman, & J.F. Helliwell (Eds), *International differences in well-being*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Cóias, J. (1995). O internamento de menores como medida educativa e terapêutica: Um modelo de intervenção em meio institucional. In *Actas do Congresso os Jovens e a Justiça*. Lisboa: APPORT.
- Cordeiro, M. (2009). *O grande livro do adolescente. Dos 10 aos 18 anos* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Costa, P.T., & McCrae, R.R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38 (4), 668-678.
- Deci, E., & Ryan, R. (2008). Hedonia, eudaimonia, and well-being: An introduction. *Journal of Happiness Studies*, 9 (1), 1-11.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos da criança. Da participação à responsabilidade. O sistema de protecção e educação das crianças e jovens* (1.<sup>a</sup> ed.). Porto: Profedições.
- Delgado, P. (2007). *Acolhimento familiar. Conceitos, práticas e (in)definições* (1.<sup>a</sup> ed.) Porto: Profedições.
- Dell`Aglío, D.D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Dell`Aglío, D.D., & Hutz, C.S. (2004). Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 341-350.
- Dias, I. (2010). Factores de risco de abusos. In T. Magalhães. *Abuso de crianças e jovens. Da suspeita ao diagnóstico*. Lisboa: Lidel.
- Dickson, K., Emerson, E., & Hatton, C. (2005). Self-reported anti-social behavior: Prevalence and risk factors amongst adolescents with and without intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49 (11), 820-826.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95 (3), 542-575.
- Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: Progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31, 103-157.

- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55, 34-43.
- Diener, E., Emmons, R.A., Larsen, R.J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49 (1), 71-74.
- Diener, E., & Fujita, F. (1995). Resources, personal strivings, and subjective well-being: A nomothetic and idiographic approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (5), 926-935.
- Diener, E., & Lucas, R.E. (1998). Personality and subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Eds.), *Hedonic psychology: Scientific perspectives on enjoyment, suffering and well-being*. New York, NY: Russell Sage.
- Diener, E., & Lucas, R.E. (2000). Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards need fulfillment, culture, and evaluation theory. *Journal of Happiness Studies*, 1, 41-78.
- Diener, E., Lucas, R.E., & Oishi, S. (2002). Subjective well-being: The science of happiness and life satisfaction. In C.R. Snyder & S.J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 63–73). New York: Oxford University Press.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R.E. (2003). Personality, culture and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403-425.
- Diener, E., & Ryan, C. (2009). Subjective well-being: A general overview. *South African Journal of Psychology*, 39 (4), 391-406.
- Diener, E., Sapyta, J., & Suh, E.M. (1998). Subjective well-being is essential to well-being. *Psychological Inquiry*, 9 (1), 33-37.

- Diener, E., & Suh, E.M. (1999). National differences in subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener, N. Schwarz, *Hedonic psychology scientific perspectives on enjoyment, suffering, and well-being*. New York: Russel Sage.
- Diener, E., Suh, E.M., Lucas, R.E., & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125 (2), 276-302.
- Diener, E., Suh, E.M., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24 (1), 25-41.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar, Curitiba*, 24, 213-225.
- Eisenberg, N., Miller, P., Shell, R., McNalley, S., & Shea, C. (1991). Prosocial development in adolescence: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 27 (5), 849-857.
- Erickson, M.F., Egeland, B., & Pianta, R. (1989). The effects of maltreatment on the development of young children. In D. Cicchetti, & V. Carlson (Eds.). *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp.647-684). New York: Cambridge University Press.
- Erikson, E.H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto: Porto Editora.
- Foddy, W. (2002). *Como perguntar*. Oeiras: Celta Editora.
- Freitas, M. (2009). *Valores morais e auto-conceito das crianças e jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa.
- Galinha, I.C. (2008). *Bem-estar subjectivo – Factores cognitivos, afectivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto.

- Galinha, I.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.
- Gaudin, J.M. (1993). *Child neglect: A guide for intervention. The user manuals series*. Washington, DC: Westover Consultants.
- Harlow, R.E., & Cantor, N. (1996). Still participating after all these years: A study of life task participation in later life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (6), 1235–124.
- Hecht, B., & Silva, R. (2009). *Crianças institucionalizadas: A construção psíquica a partir da privação do vínculo materno*. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil.
- Henriques, S.R. (2008). *Os objectivos de vida de adolescentes institucionalizados e não institucionalizados*. Monografia em Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto. Universidade Fernando Pessoa.
- Howell, R.T., & Howell, C.J. (2008). The relation of economic status to subjective well-being in developing countries: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 134 (4), 536-560.
- Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (1999). *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Found.
- Keyes, C.L.M., Shmotkin, D., & Ryff, C.D. (2002). Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82 (6), 1007-1022.
- Lent, R.W. (2004). Toward a unifying theoretical and practical perspective on well-being and psychosocial adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 51 (4), 482-509.

- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Marques, R.T. (2006). *Crianças acolhidas em lar residencial: Representações de vinculação, desenvolvimento, competências sociais e comportamento*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Martins, P. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco. Representações sociais, modos e espaços*. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). Brincando de casinha: Significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos de Psicologia*. 9 (1), 177-187.
- Matos, M. (1997). *Comunicação e gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Edições FMH.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- McDonald, C.C., & Richmond, T.R. (2008). The relationship between community violence exposure and mental health symptoms in urban adolescents. *Psychiatric Mental Health Nurs*, 15 (10), 833-849.
- Mintz, A.S. (2004). Vinculação, casal e família. In N. Guedeney, & A. Guedeney. *Vinculação. Conceitos e aplicações* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Morais, I. & Ó, J. (2011). O território da privacidade das crianças em situação de acolhimento institucional prolongado. Em M.M. Calheiros, M.V. Garrido, & S.V. Santos. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol. 1, pp. 166-189). Lisboa: Edições Sílabo.

- Mota, C., & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 245-254.
- Mroczek, D.K., Kolarz, C.M. (1998). The effect of age on positive and negative affect: A developmental perspective on happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75 (5), 1333-1349.
- Myers, D.G. (2000). The funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist*, 55, 56-67.
- Myers, D.G. (2006). *Psicologia*. (7.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Nércio, T.R. (2010). *Qualidade do sono e hábitos de estudo em jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Neto, F. (1993). The satisfaction with life scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22 (2), 125-134.
- Neves, J.L. (1996). Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*. v.1, 3. São Paulo: FEA-USP.
- Novais, V. (2007). *Actividade física e sucesso escolar: Estudo em crianças e adolescentes institucionalizados e não institucionalizados*. Monografia de Desporto e Educação física. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Novo, R.F. (2003). *Para além da eudaimonia: O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Novo, R.F. (2005). We need more than self-reports: Contributo para a reflexão sobre as estratégias de avaliação do bem-estar. *Psicologia, Educação e Cultura*, 9 (2), 476-496.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2007). *Desenvolvimento humano*. (8.<sup>a</sup> ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Peliano, A.M., Silva, E.R., Beghin, N., Aquino, L.M., Gueresi, S., Oliveira, S.D., et al., (2004). *O direito à convivência familiar e comunitária: Os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil*. Brasília: IPEA/CONANDA.
- Pereira, P.M., & Santos, A.V. (2011). Conceptualização de situações de mau trato. Da lei de protecção à avaliação psicossocial. Em M.M. Calheiros, M.V. Garrido, & S.V. Santos. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol.1, pp.15-31). Lisboa: Edições Sílabo.
- Petito, F., & Cummins, R. (2000). Quality of life in adolescence: The role of perceived control, parenting style, and social support. *Behaviour Change*, 17 (3), 196-207.
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). *Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Poletto, M. (2007). *Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade*. Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pracana, S.M. (2008). *A depressão em crianças e adolescentes em acolhimento institucional: Caracterização em função de variáveis sócio-demográficas e do acolhimento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.



- Prada, C, Williams, L., & Weber, L. (2007). Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica: Funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 9 (2), 14-25.
- Remédios, C.I. (2010). *O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, T., & Castro, P. (2011). Práticas parentais de mães negligentes. In M.M. Calheiros, M.V. Garrido, & S.V. Santos. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol.1, pp.99-123). Lisboa: Edições Sílabo.
- Rocha, S.A. (2010). *A inserção sócio-profissional de ex-jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.
- Ryff, C.D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57 (6), 1069-1081.
- Ryff, C.D. & Keyes, C.L.M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), 719-727.
- Ryff, C.D., & Singer, B. (1998). The contours of positive human health. *Psychological Inquiry*, 9 (1), 1-28.
- Sampaio, D. (1996). *Ninguém morre sozinho. O adolescente e o suicídio* (6.<sup>a</sup> ed.). Caminho. Coleção Universitária.

- Sampieri, R.H., Collado, C.F., & Lucio, P.B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3.<sup>a</sup> ed.). McGraw-Hill.
- Santana, J., Doninelli, T., Frosi, R., & Koller, S. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situações de rua. *Psicologia & Sociedade*, 16 (2), 59-70.
- Santos, A.S. (2009). *(In) sucesso de crianças e jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Política Social. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa.
- Santos, M.A. (2010). *O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco: A experiência passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- Schwartz, P.D., Maynard, A.M., & Uzelac S.M. (2008). Adolescent egocentrism: A contemporary view, *Adolescence*, 43 (171), 441-447.
- Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Silva, A.M. (2008). *O auto-conceito em crianças e adolescentes em acolhimento institucional*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Silva, A.S. (2010). *Estudo neuropsicológico em adolescentes institucionalizados*. Tese de Mestrado em Medicina Legal. Instituto de Ciência Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto.
- Siquiera, A., Dell`Aglia, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência. Uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, 18 (1), 71-80.

- Siqueira, M.M., & Padovam V.A. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjectivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 201-209.
- Siqueira, A., Tubino, C, Schwarz, C., & Dell`Aglia, D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61 (1), 176-190.
- Soeiro, C. (1995). A componente preventiva da função policial e a delinquência juvenil: O papel do psicólogo na formação da polícia. In *Actas do Congresso os Jovens e a Justiça*. Lisboa: APPORT.
- Sousa, M.L, & Cruz, O.M. (2010). As narrativas das crianças institucionalizadas: A experiência de maus-tratos e a construção dos modelos representacionais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho.
- Sprinthall, N.A., & Collins, W.A. (2008). *Psicologia do adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista* (4.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, C.F. (2009). *O tecer e o crescer – Fios e desafios. Construção identitária em crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado em Ciências do serviço Social. Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Universidade do Porto.
- Tellegen, A., Lykken, D.T., Bouchard, T.J., Willcox, K.J. Segal, N.L., & Tich, S. (1988). Personality similarity in twins reared apart and together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (6), 1031-1039.
- Ventura, J. (1995). A polícia criminal, a dogmática jurídica-penal e a delinquência juvenil: Vectores para uma reflexão crítica. In *Actas do Congresso os Jovens e a Justiça*. Lisboa: APPORT.

- Vieira, J.I. (2009). *Os modelos representacionais e a competência social das crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Vilelas, J. (2009). *A influência da família e da escola na sexualidade do adolescente*. Coimbra: Formasau – Formação e Saúde Lda.
- Walker, R.L., Ashby, J., Hoskins, O.D., & Greene, F.N. (2009). Peer-support suicide prevention in a non-metropolitan U.S. community. *Adolescence*, 44 (174), 335-346.
- Waterman, A.S. (1993). Two conceptions of happiness: Contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 678-691.
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (6), 1063-1070.

**Anexos**

## **ANEXO A - Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)**

**Mestrado Integrado em Psicologia**  
**Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa**

Solicito a tua participação para um questionário de cinco perguntas, cujo tema é o bem-estar. As afirmações apresentadas têm como objectivo saber qual a tua opinião, não havendo respostas certas nem erradas. Responde de forma honesta ao questionário, pensando apenas na tua experiência de vida.

A informação aqui disponibilizada será totalmente confidencial, pelo que não será divulgada a outras fontes.

Obrigada pela participação!

---

Sexo: f \_\_\_/m \_\_\_

Idade: \_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Na página seguinte encontrarás o questionário!

Obrigada!

Encontras a seguir cinco afirmações com as quais podes concordar ou discordar. Utilizando a escala de 1 a 7 abaixo indicada, refere o teu grau de acordo com cada frase, fazendo uma cruz no número apropriado. Procura ser sincero/a nas respostas que vai dar.

Eis a escala de 7 pontos:

- 1 – Totalmente em desacordo
- 2 – Em desacordo
- 3 – Mais ou menos em desacordo
- 4 – Nem de acordo nem em desacordo
- 5 – Mais ou menos de acordo
- 6 – De acordo
- 7 – Totalmente de acordo

Eis as frases para analisar:

- |  |               |
|--|---------------|
| 1. Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.           | 1 2 3 4 5 6 7 |
| 2. As minhas condições de vida são excelentes.                             | 1 2 3 4 5 6 7 |
| 3. Estou satisfeito/a com a minha vida.                                    | 1 2 3 4 5 6 7 |
| 4. Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.            | 1 2 3 4 5 6 7 |
| 5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada. | 1 2 3 4 5 6 7 |



## **ANEXO B - Autorizações**

Exmos. Senhores,

O meu nome é Maria João Xavier e sou aluna do Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. No âmbito da realização da monografia/tese de mestrado, orientada pela Professora Doutora Luísa Bizarro, cujo tema é “*O bem-estar subjectivo de adolescentes institucionalizados*”, solicito a vossa autorização para a aplicação de um questionário de 5 perguntas e possibilidade de entrevista a jovens da instituição.

O objectivo desta investigação é avaliar o bem-estar subjectivo numa população de adolescentes institucionalizados, sendo que os resultados futuros desta investigação podem promover uma melhor adequação das instituições às necessidades de cada jovem, contribuindo para o seu bem-estar.

A informação facultada no questionário e nas entrevistas destina-se apenas a fins de investigação académica, sendo completamente confidencial.

Agradeço a vossa colaboração!

*Maria João Xavier*

---

---

(Professora Orientadora)

---

(Autorização da instituição)

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

## **ANEXO C - Transcrição das entrevistas**

## **ENTREVISTA 1: V14f**

Sexo: feminino

Idade: 14 anos

Instituição de Acolhimento: Casa de Santa Ana

Concelho: Setúbal

Duração da entrevista: 4 minutos e 48 segundos

Local da entrevista: Sala de estudo

Data da entrevista: 11 de Maio de 2011

Data de entrada na instituição: Setembro de 2003

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

V: Jovem entrevistada

M: Olá, eu sou a Maria João, já nos conhecemos à bocadinho quando preenchestes o questionário e eu agora gostava de fazer algumas perguntas... são as mesmas perguntas do questionário, um bocadinho mais desenvolvidas, pode ser?

V: Humm...

M: Então... gostaria de saber, em primeiro lugar, se achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais, com aquilo que tu esperas da tua vida...

V: Dentro dos possíveis sim.

M: E que ideais são esses que tu achas que conseguiste alcançar?

V: Humm... primeiro que tudo... o que muita gente quer é ser feliz...

M: Humm...

V: Apesar de não estar com a família e isso tudo... cá somos uma família... verdadeira, por assim dizer. E depois... estar a estudar e conseguir estar com as pessoas de quem eu gosto...

M: Então isso quer dizer que há ideais que tu tens na vida que acabas por estar de acordo com eles...

V: Humm...

M: Sim? E há alguns ideais na tua vida que tu não os tenhas conseguido alcançar ainda?

V: Sair do colégio (risos).

M: Sair do colégio é um dos objectivos?

V: É.

M: Para voltar à família?

V: Sim.

M: Ok... então neste momento achas que tens condições de vida excelentes ou muito boas?

V: Tenho umas condições de vida normais... não são excelentes mas também não são más...

M: Que condições são essas que tu dizes que são normais? O que é que tu valorizas a nível destas condições de vida?

V: Tenho o que toda a gente precisa para sobreviver...

M: Que é...

V: Tenho comida todos os dias, tenho cama, tenho livros para poder estudar... tenho condições para poder estudar...

M: Humm...

V: Poder dormir, etc...

M: Isso é bom... e essas condições são te dadas aqui na instituição?

V: Sim...

M: E em casa?

V: Também...

M: Também? Então é nos dois lados... Ok... então e isto quer dizer que estás satisfeita com a tua vida?

V: Sim...

M: Em todos os aspectos? Há algum em que estejas menos satisfeita? Ou há algum em que estejas muito satisfeita?

V: Acho que assim neles todos... acho que estou bem...

M: Sentes-te bem?

V: Sim...

M: Ótimo... (risos). Então e durante a tua vida conseguiste obter aquilo que é importante para ti... já falamos aqui de algumas coisas... queres-me falar um bocadinho mais daquilo que tu conseguiste obter e que é importante para ti?

V: Hum... assim de especial, especial... ainda não!

M: Ainda não? Mas tens outros objectivos que queres vir a obter é isso?

V: Sim...

M: Como por exemplo? Podes-me dar um exemplo?

V: Entrar para uma escola de teatro profissional...

M: Boa... Isso é bom! (risos). É um sonho?

V: Sim... é um sonho já desde miúda!

M: Muito bem... então olha espero que o concretizes (risos)

V: Obrigada (risos)

M: Então e se pudesses voltar atrás achas que alteravas alguma coisa?

V: Não... acho que sou uma rapariga normal... e até agora não tive assim nada que eu gostasse de mudar... acho que...

M: Estás a fazer as coisas como achas que devem ser feitas é isso?

V: Sim...

M: Ok... depois de falarmos então sobre estes assuntos, gostaria de saber em que é que a tua vida aqui na casa de Santana foi um contributo bom na tua vida... o que é que contribuiu tu estares aqui para isto tudo?

V: Acho que me deu mais condições, pude começar a estudar... ajudou-me a lutar por aquilo que eu quero...

M: Foi aqui que começaste a desenvolver esse gosto e a ter melhores condições?

V: Foi...

M: Ok... Queres deixar alguma nota sobre o que é estar aqui numa instituição... coisas boas e coisas menos boas?

V: Acho que estar numa instituição é como se tivéssemos uma grande família em que temos muitas mães e muitas irmãs... temos o amor e o carinho... está bem que não é como estar numa casa e temos de fazer as coisas só para nós... aqui é mais trabalho de grupo...

M: Ok... Tudo o que se faz é em grupo, é isso?

V: Basicamente...

M: É difícil estar sozinho aqui na instituição e ter assim mais privacidade ou consegue-se?

V: Consegue-se!

M: Ok... obrigada pela tua participação (risos).

V: Nada (risos).

M: Queres dizer mais alguma coisa?

V: Não.

M: Não? Então olha obrigada... vamos então parar por aqui...

V: Ok.

## **ENTREVISTA 2: W14m**

Sexo: masculino

Idade: 14 anos

Instituição de Acolhimento: Casa dos Rapazes

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 8 minutos e 30 segundos

Local da entrevista: Sala de estar

Data da entrevista: 25 de Maio de 2011

Data de entrada na instituição: Setembro de 2010

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

W: Jovem entrevistado

M: Olá W.... Quantos anos tens?

W: 14

M: 14 anos? Então olha, lembras-te de teres respondido a este questionário? Ou já não te lembras muito bem? (risos)

W: Das respostas não... mas lembro-me...

M: Do questionário?

W: Sim...

M: Ok... ainda bem (risos)... Olha uma das perguntas do questionário, logo a primeira, era se achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais... com os teus objectivos... com aquilo com que tu imaginaste quando eras mais novo..

W: Hum... não...

M: Não?

W: Não...



M: Porquê?

W: Porque vim para o colégio e naquela altura pensava em estar ao pé da família, sem separações nem nada... principalmente ao pé da mãe e isso...

M: Com quem é que tu vivias antes?

W: Com a mãe e com o tio.

M: E depois... com que idade é que tu vieste aqui para o colégio?

W: Com 13...

M: E agora tens...

W: 14.

M: Pois 14 já me disseste... então e isso é uma das coisas que não estava nos teus...

W: Planos...

M: Planos... é isso?

W: É.

M: E há outras coisas que tu imaginaste e correram como tu tinhas imaginado?

W: (pausa) Não...

M: Então nada correu como tu tinhas imaginado? (risos)

W: Não (risos)... quer dizer... há... os meus objectivos, por exemplo, de jogar futebol... e isso tudo...

M: Boa... isso são coisas boas não é?

W: É.

M: São coisas da nossa vida que fazem... ainda bem que as estás a conseguir concretizar... (risos)

W: (risos)...

M: Depois havia outra pergunta no questionário... que é se tu achas que tens excelentes condições de vida?

W: Aqui ou em casa?

M: Neste momento... neste momento da tua vida...

W: Neste momento não posso dizer que sim porque não estou em casa como é obvio... não tenho aquela estabilidade...

M: Ok então quando tu ouves falar em condições pensas na tua estabilidade, é isso?

W: Sim...

M: E pensas que em casa terias...

W: Mais estabilidade que aqui...

M: Mais estabilidade que aqui?

W: Sim

M: Então não achas que tenhas as condições...

W: Sim... neste momento não...

M: Ok... então e assim em geral... estás satisfeito com a tua vida?

W: (suspiro) Por um lado sim, por um lado não... estou um pouco ansioso por acabar a escola porque eu vou voltar para casa e isso...

M: Quando é que vais voltar para casa?

W: Quando acabar a escola...

M: Em Junho?

W: Sim... daqui a três semanas...

M: Então já falta pouquinho...

W: Sim...

M: Isso é bom... e em que é que estás satisfeito? Disseste que era um lado sim e um lado não...

W: Hum... esse lado sim é ir para casa e o lado não é a ansiedade... que eu estou tão ansioso, tão ansioso que eu apenas neste momento só me consigo... estou sempre distraído... tanto nas aulas como aqui... e por vezes... pronto... faço porcaria (risos)...

M: (risos) E de onde é que achas que vem essa ansiedade?

W: É de ir para casa.

M: É de ir para casa? Achas que estás mais distraído... estás só a pensar nisso?

W: Sim... só a pensar em sair daqui e ir para casa...

M: E porque é que tu queres tanto sair daqui? Sem ser as coisas boas que há em casa não é... como já falaste? Como o contacto da tua mãe... tu não gostas de estar aqui?

W: Não... porque aqui estou afastado da família e dos amigos...

M: Aqui dentro não tens amigos?

W: Tenho mas não é a mesma coisa... não... os amigos que eu tenho é mesmo de infância...

M: Ah ok... isso é bom (risos)... e durante a tua vida... achas que conseguiste obter aquilo que tu achas que é importante para ti?

W: Sim, eu houve momentos da minha vida que sim... consegui estar bem... satisfeito... feliz e isso...

M: Isso quer dizer que conseguiste obter coisas que tu gostavas... é isso?

W: Sim...

M: E queres-me dar exemplos dessas coisas que tu tenhas conseguido obter...

W: Tive na Suíça com a mãe 4 anos... tive... sei lá... tanta coisa...

M: E assim com a escola e o futebol também tens conseguido atingir alguns objectivos...

W: Sim, sim... futebol... estar na escola...

M: E ouvi dizer que com as miúdas também (risos)...

W: (risos)...

M: Também tens conseguido obter alguns objectivos não? (risos)

W: Sim também (envergonhado)...

M: Também... esse olharzinho diz tudo (risos)...

W: (risos)...

M: E se pudesses voltar atrás na tua vida... alteravas alguma coisa?

W: Sim claro.... Não tinha faltado às aulas.

M: Porquê o faltar às aulas?

W: Porque foi... foi a causa de eu vir parar ao colégio... foi faltar às aulas...

M: Ok... faltavas às aulas e houve alguém que achou que se tu tivesses aqui não ias faltar, foi? Que ias ter um futuro melhor?

W: Sim... que não iria faltar e também... pronto eu não digo chantagem... é mesmo uma lição de vida que é... se eu faltar não vejo a família... se eu for às aulas e tenho que ir às aulas e obter boas notas...

M: Vais voltar outra vez a ver a família...

W: Sim.

M: Então tu vês isto como um castigo... como uma lição de vida. É isso?

W: Para mim é uma lição de vida... não é chantagem...

M: E quem é que diz que é chantagem?

W: Não... há pessoas que podem pensar isso...

M: Sim, sim, sim... que é... ou fazes isto ou então não tens...

W: Mas eu não vejo isso dessa maneira... vejo que é uma lição de vida que me estão a dar...

M: E tu estás a aprender com ela?

W: Sim...

M: Achas que a tua vida está mais... que o teu futuro está mais estável... está mais delineado? Tens pensado mais nele desde que isso aconteceu?

W: Sim... desde que vim para ao colégio que foi... é a coisa que eu tenho mais vincada é mesmo meu futuro... aquilo que eu vou fazer... aahhh..

M: Antes não pensavas tanto nisso?

W: Não... antes só pensava em brincar... a vida era um mar de rosas, mas depois apercebi-me do que realmente era a vida...

M: Pois... custa às vezes não é?

W: É...

M: Olha e por último... gostaria de saber em que é que a tua vida aqui no colégio contribuiu de bom ou de menos bom para a pessoa que tu és agora...

W: De bom contribuiu, como eu acabei agora de dizer, que tenho lições de vida e que... tenho de me aperceber que faltar as aulas é mau e fazer porcaria também (risos)...

M: (risos)...

W: E de mau... acho que não muita coisa?

M: Não contribuiu assim em nada de menos bom?

W: De mau não...

M: Ainda bem! Isso é bom sinal...

W: Sim... sim...

M: Então e olha queres deixar um mensagem... uma última mensagem sobre o que é estar num colégio... que há muitas pessoas que não sabem sequer que isto existe...

W: (risos) Assim de momento não me vem nada à cabeça...

M: O que é que é viver aqui? Como é que é?

W: Viver num colégio tem as suas vantagens... tem... tem... pronto... há pessoas que não têm, condições em casa como há casos de miúdos aqui... não têm comida... não têm pais e isso... é bom para essas... para essas crianças... para crescerem saudáveis e não estarem a crescer na rua ou uma coisa do género ou não ter onde viver...

M: Huumm...

W: E com estranhos... e é mau porque para uma criança que tem família e tem as condições e isso... como é o meu caso... acho que sim... acho que não devia vir para colégios. Devia ficar junto da família... embora não esteja bem na escola ou...

M: Sim... não devia... devia haver outra solução... é isso?

W: Devia haver outra solução, por exemplo, trabalho comunitário...

M: Huumm...

W: Etc... tanta coisa...

M: Ok... e achas que, por exemplo, em relação à privacidade... é difícil ter privacidade numa instituição... ou consegue-se... quer dizer vocês estão sempre em grupo não é? Isto é como se fosse uma família muito grande com muitos irmãos...

W: É... uma espécie... porque por vezes podemos estar sozinhos, por vezes não... privacidade... há muito pouca aqui dentro... porque nós quando queremos guardar as nossas coisas pessoais só para nós ou partilhar com algumas pessoas que nós talvez tenhamos mais confiança, não podemos porque há sempre alguém em redor...

M: Pois... há sempre alguém a ver, não é?

W: Sim...

M: Ok... mais alguma coisa? Uma última mensagem (risos)? Nada?

W: Não (risos).

M: Ok. Obrigada... ficamos então por aqui.

### **ENTREVISTA 3: F14m**

Sexo: masculino

Idade: 14 anos

Instituição de Acolhimento: Casa dos Rapazes

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 13 minutos e 9 segundos

Local da entrevista: Quarto

Data da entrevista: 28 de Abril de 2011

Data de entrada na instituição: Dezembro 2010

#### **Legendas:**

M: Entrevistadora

F: Jovem entrevistado

M: Olá F. preparado?

F: Sim... não sei é o que é que hei-de responder, mas pronto (risos)...

M: Então, olha... podes responder sinceramente...

F: Humm...

M: Porque o teu nome nunca vai aparecer em lado nenhum...

F: Exactamente...

M: Exactamente... nunca se vê a tua cara... ninguém sabe quem tu és... portanto podes responder mesmo sinceramente aquilo que tu achas... pode ser?

F: Sim...

M: Então olha... lembraste daquele questionário que nós fizemos... por exemplo, uma das perguntas era... “achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais?”... Tu achas que a tua vida corresponde aquilo que tu achavas que devia ser?

F: Bem... numa fase... antes de parar aqui eu dizia que sim, mas depois de parar aqui fui pensando... fui pensando... mas pronto... enquanto... irei-me embora nos finais de Junho...

M: E parar aqui é o quê? Parar aqui na instituição?

F: Humm.. não... quando acabar a escola irei-me embora e depois voltarei a retomar aquilo que iria fazer...

M: Mas então agora estás aqui...

F: Agora estou aqui...

M: E depois vai sair... quando é que vais sair já sabes?

F: Finais de Junho.

M: Finais de Junho.

F: Finais de Junho...

M: Então o que é que tu estavas a querer dizer? Que antes de entrares para aqui achavas que estava nos teus ideais...

F: Sim, exactamente.

M: E agora?

F: Agora... neste momento desde que eu estou aqui é... ainda não... desde que eu entrei para aqui não sabia o que fazer...

M: Huumm

F: Mas pronto... depois fui resolvendo as minhas coisas pouco a pouco aqui... huumm...

M: Então agora estás mais esclarecido é isso?

F: Agora já estou mais esclarecido porque já sei para onde eu vou... já sei o que vou fazer...

M: Isso é bom então... teres vindo para aqui ajudou-te a encontrar um caminho...

F: Sim...

M: Isso é bom... e em que é que não correspondeu aos teus ideais? Aquilo que tu gostavas de mudar, por exemplo...

F: Huumm... (silêncio)

M: Podes não ter nada (risos)...

F: Huuummm... libertar-me um pouco mais...

M: Gostavas de te libertar um pouco mais é isso?

F: Sim....

M: Mas o quê... ser mais livre?

F: Não... é que eu sou um pouco tímido e às vezes há coisas que preciso de me libertar um pouco mais e então...

M: Ok... Então gostavas de ser menos tímido...

F: Exactamente.

M: Boa... muito bem... então e olha... outra das perguntas do questionários era: “achas que tens condições de vida excelentes?”

F: Huuummm... pronto... agora desde que eu estou na instituição fui vendo as coisas... desde que eu estou aqui tenho tido... a minha vida tem... está um pouco... como é que eu hei-de dizer... estou aqui e estou um bocadinho mais liberto...

M: Huuummm...

F: Posso... quando estou com os meus... sinto que quando estava em casa não saia muito... e desde que estou aqui...

M: Sais mais...

F: Saiu mais... porquê? Porque tenho família, vou aos fins-de-semana ou durante a semana receber visitas, vou dando uns passeios e...

M: Então como é que tu achas que são as tuas condições de vida?

F: Neste momento são boas... e quando for para casa... quando sair daqui ainda vai ser melhor...

M: Porquê? Porque é que achas isso?

F: Huuummm... pronto... aqui... huuummm... pronto... as condições vão ser melhores porque aqui há mais barulho... não consigo ter a minha privacidade... e quando eu for... quando eu sair daqui e for, pronto, para outra parte da minha família... vou ter mais sossego, mais...

M: Mais privacidade

F: E um bocadinho mais de responsabilidade...

M: Pois... também um bocadinho mais de responsabilidade, não é? (risos)

F: Exacto (risos)...



M: Muito bem... então e no final de contas tu estás satisfeito com a tua vida?

F: Sim... não me posso queixar... mesmo que eu tenha tido uns problemas familiares e isso... fui ultrapassando... pouco a pouco...

M: E como é que tu ultrapassaste isso? O que é que te ajudou a ultrapassar?

F: Bem... foi com a ajuda de familiares, amigos... pronto... um pouco de tudo...

M: E achas que o facto de teres vindo aqui para a instituição também te ajudou a superar isso?

F: Aahhh... pronto... um bocado...

M: Sim?

F: Mesmo que... tenho aqui no colégio algumas brigas, alguns coisos... mesmo assim...

M: Achas que sim...

F: Sim...

M: Ok... muito bem... então e durante a tua vida toda tu conseguiste obter aquilo que é importante para ti?

F: Sim... pode-se dizer que sim...

M: Foi o quê que tu conseguiste obter?

F: Ahh... pronto... depois da minha situação... depois das coisas piorarem um pouco... depois de passar por tribunais e não sei que mais... pode-se dizer que houve partes em que eu melhorei e que houve umas partes em que eu... pronto... me desleixei um pouco mas.... sempre...

M: Deste a volta a isso?

F: Sempre dei a volta a esta situação...

M: E o que é que tu gostavas de obter ou já obtiveste... que conseguiste alcançar?

F: Huumm... (silencio)

M: Essa questão da liberdade, ou da escola, da família...

F: Consegui a família... pronto... na família o que eu vejo é que depois disto tudo acontecer... depois de eu, não falando agora dos meus irmãos, de eu vir parar à instituição, houve muita gente que... pronto... para além de ter ficado mal... começou a fazer as coisas... começou a agir para me acolher...

M: Huumm...

F: Na minha família comecei a notar isso... a agir e pouco a pouco...

M: Mas para o bem ou para o mal?

F: Sempre para o lado bom... Já houve partes más... pronto... huumm... a parte boa é de algumas pessoas começarem a agir para me acolher...

M: Boa...

F: As partes más é que antes não havia tanta briga e que agora parece que as pessoas já estão umas contra as outras...

M: Estão todas a brigar é isso?

F: Pronto... há umas que não se importam... outras... pronto... em vez de estarem todos a ajudarem-se uns aos outros... em vez de estarem-se a ajudar estão a piorar as coisas...

M: Ok... sim senhor... então e achas que não conseguiste obter alguma coisa? Alguma coisa que tu quisesses e que não conseguiste obter?

F: Huumm.. é assim... agora vendo eu acho que não... acho que de toda a minha vida que eu tenho percorrido acho que tenho conseguido... há umas coisas... pronto... mesmo que me esforce e coiso não consigo... mas há coisas que eu facilmente consigo obter ..

M: Boa... isso é bom. Então e se pudesses alteravas alguma coisa na tua vida?

F: Se eu pudesse... (pausa) huuumm... bem... se eu pudesse alterar alguma coisa na minha vida... quer dizer... algumas coisas bem podia mas outras não...

M: Mas se pudesses voltar atrás... gostavas de alterar alguma coisa?

F: Huumm... bem... depois disto tudo acontecer gostaria de voltar atrás e ir fazer... ter feito outras coisas que se calhar eu não fiz...

M: Não fizeste e gostavas de ter feito...

F: Não fiz e podia ter feito... bem, mas pronto, nessa parte de voltar para trás... depois da morte da minha avó... desde aí é que eu comecei a querer voltar para trás... fazer algumas coisas... mas... mesmo depois das coisas avançarem, queria fazer algumas coisas... alterá-las...

M: Humm...

F: Se eu pudesse... iria alterar algumas coisas...

M: Ok... boa. Então e depois de falarmos sobre estes assuntos, gostaria de saber em que é que a tua vida aqui no colégio contribuiu de bom ou de menos bom na tua vida...

F: Huumm... o que é que foi bom.. huumm... daqui do colégio tenho apoio de todos, para além de funcionários daqui como os que trabalham na lavandaria... todos.

M: Sentes apoio por parte dos técnicos que trabalham aqui?

F: Sim, sinto... huumm... e as coisas más do colégio... bem... é que há miúdos em que eu não dou bem e..... pronto... às vezes o que me apetece fazer é....

M: Algumas brigas...

F: Não é bem brigas...e não é bem fazer... eu penso do tipo que tenho de sair daqui o mais rápido possível... e pronto e às vezes vou dizendo “já faltou mais”... e assim... pronto..

M: Isso é o que tu dizes para ti próprio?

F: Exactamente... cada vez que, por exemplo, cada vez que... esta semana fui fazer cinco meses que estou cá e eu digo sempre para mim que já faltou mais... aguentei 5 meses vou aguentar mais um mês e pronto...

M: Exactamente... isso é uma boa estratégia para te acalmares...

F: Exacto...

M: Mas achas que... mesmo o apoio que tu tens aqui dentro... quer dizer... dizes que tens essas brigas, não é? Essas brigas são assim tão más com esses colegas ao ponto de...

F: Huuumm. Eu quando com os meus irmãos também estava sempre a brigar, mas não é as mesmas brigas que eu brigo com eles... porquê? Porque com os meus irmãos eu sabia com quem é que eu estava a lidar...

M: Pois... exactamente...

F: Agora com eles... eu além de às vezes brigar, evito as coisas... porque quando estava com os meus irmãos era uma coisa agora aqui faço... pronto... às vezes afasto-me um pouco das situações quer para evitar os conflitos...

M: Evitar os conflitos...

F: Não é que às vezes não me apeteça agir quando está a acontecer alguma coisa com um monitor ou alguma coisa que apeteça agir, apetece-me... mas para fazer isso é melhor afastar-me... se mesmo ainda não aconteceu nada em mim... dos meus monitores não tenho queixas nem nada.... Mas se acontecer alguma coisa com um monitor, tipo alguém que queira agredir um monitor, claro que eu... se conseguir, actuo logo...

M: Ok.. olha... ficamos por aqui... as perguntas terminaram... obrigada... queres acrescentar mais alguma coisa sobre a tua vida aqui no colégio... alguma mensagem que queiras dizer...

F: Não tenho a acrescentar nada...

M: Nada? Acabamos por aqui?

F: Mas pronto... agora digo mais outra coisa... é que desde que eu vim para aqui, às vezes oiço histórias mesmo deles, deles terem vindo para aqui... algumas acho que não agiram muito bem... podiam ter agido de outra maneira... outros, não tiveram hipótese como eu e vieram cá parar.

M: Ah... queres dizer que às vezes a culpa...

F: Às vezes a culpa tanto pode ser deles como da família...

M: Huumm... Exactamente.

F: Pronto, há situações em que eu fico estupefacto por ouvir coisas e outros... às vezes tanto para o bem como para o mal...

M: Ok... olha, obrigada pela tua colaboração...

F: Nada...

#### **ENTREVISTA 4: T15f**

Sexo: feminino

Idade: 15 anos

Instituição de Acolhimento: Rumo

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 7 minutos

Local da entrevista: Sala de jantar

Data da entrevista: 26 de Maio de 2011

Data de entrada na instituição: 4 de Setembro de 2003

Data de entrada na instituição: 10 de Outubro de 2010

#### **Legendas:**

M: Entrevistadora

T: Jovem entrevistada

M: Olá T., tens quantos anos?

T: 15

M: 15 anos... olha lembraste do questionário que fizemos há um tempo? Mais ou menos?

T: Sim... (risos)

M: Uma das perguntas do questionário é se achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais... com aquilo que tu imaginaste quando eras mais pequenina... ou com aquilo que imaginas...

T: Sim estava... não estava praticamente habituada que vinha para aqui...

M: Não estavas à espera de vir para aqui, é isso?

T: Sim...

M: Mas depois quando vieste como é que encaraste a vinda para aqui?

T: Hum... melhor...

M: Melhor do que o que tu imaginavas?

T: Sim...

M: Ok... e achas que há objectivos que tu tinhas na tua vida que não os conseguiste cumprir?

T: Acho que... acho que não...

M: Achas que não... e em relação às tuas condições de vida... achas que tens condições de vida excelentes?

T: Sim... muito melhor do que tinha antes...

M: Antes quando? Em casa?

T: Sim... na minha avó...

M: E quais é que são essas condições, queres falar um bocadinho?

T: Então... antes não tinha quase espaço nenhum para estudar ou... não tinha quase tempo... queria... pronto... ir para a rua... e aqui não, tipo... acho que as condições foram melhores do que aquelas a que eu tinha na minha avó.

M: Então quando tu pensas em condições de vida tu pensas num sítio para estudar e na responsabilidade para fazer as coisas... seres mais controlada no tempo?

T: Sim...

M: Ok... e então... estas satisfeita com a tua vida?

T: Sim...

M: E esse sim é o quê? Em que é que estás satisfeita? (risos)

T: (risos) Oh... tenho tudo diferente e pronto... mas acho que mudei para melhor... e estou muito satisfeita...

M: Mudaste para melhor? O que é que é esse mudar para melhor?

T: Então estou a conseguir tirar mais notas positivas, etc...

M: E achas que isso... passaste a ter mais notas positivas desde que estás aqui? É isso?

T: Sim..

M: Porque é que achas que isso aconteceu?

T: Porque a minha vida mudou para melhor desde que eu vim para aqui...

M: E no que é que mudou?

T: Passei a ter horários para estudar, para sair, para fazer as coisas... e mais...

M: Passaste a ser mais regrada?

T: Sim...

M: Ter regras? Antes não tinhas?

T: Não tinha assim tantas...

M: Antes era o quê? Podias fazer tudo às horas que quisesses?

T: Sim... e antes às vezes nem estudava... andava na rua com os amigos.. então pronto...

M: E agora aqui...

T: Aqui é diferente... aqui já tenho de estudar, já tenho de fazer montes de coisa...

M: E já viste que isso também é bom para teres boas notas é isso?

T: Sim...

M: Então e achas que durante a tua vida tu tens conseguido obter as coisas que são realmente importantes para ti? As coisas que tu consideras importantes... tu achas que estás a conseguir ter?

T: Sim...

M: E que coisas são essas? O que é que tu achas que é mais importante na vida?

T: É termos responsabilidades e regras e mais...

M: Responsabilidades e regras é isso que é importante?

T: Sim.

M: Para quê?

T: Para um dia se eu começar a trabalhar, isso vai ser muito importante...

M: Sim... sem dúvida (risos)...

T: (risos)...

M: E se pudesses alteravas alguma coisa na tua vida?

T: Sim...

M: O quê?

T: Antes para estudar mais... não saísse assim tanto... talvez não tinha de estar aqui... pronto!

M: Então... se tu pudesses voltar atrás tinhas estudado mais, é isso?

T: Sim...

M: E mais coisas que gostasses de alterar... olhando assim para o passado... lembraste de algumas coisas que gostasses que fossem diferentes?

T: Huumm... que eu esteja a ver acho que era só isto que eu queria mudar...

M: Na escola é isso? Em relação à escola...

T: Sim...

M: Então e depois destas perguntinhas, eu gostava de saber em que é que a tua vida aqui contribuiu para a pessoa que tu és hoje... contribuiu de bom e de menos bom...

T: Acho que foi tudo bom, porque eu antes não era assim tão responsável e não tinha assim tantas horas e coiso... e aqui mudou tudo... (pausa) acho que sou mais responsável e pronto... não era assim tanto, mas às vezes era... e pronto!

M: Então tu achas que o facto de teres vindo para aqui tornou-te mais responsável, e isso é uma coisa boa, é isso?

T: Sim...

M: E o que é que contribuiu de menos bom? Ou achas que foi tudo bom?

T: Acho que foi tudo bom... só não gostei que me tirassem de ao pé da minha avó... eu às vezes ainda fico revoltada por estar aqui... mas pronto! Dizem que é para o meu bem... para eu um dia ser alguém... etc.

M: E o que é que tu achas sobre isso? Achas que o tempo que estás aqui vai ser bom para o teu futuro?

T: Sim, vai. Porque se eu tivesse na minha avó eu acho que não ia ser assim tão bom para o meu futuro...

M: Ias acabar por estar na rua mais tempo e não fazer os trabalhos... não ter boas notas... é isso que pensas?

T: É...

M: Ok... Então e uma última mensagem sobre o que é que é morar aqui... o que é que é morar numa instituição?

T: É bom... faz-se amigos, diverte-se... às vezes temos pousadas para ir... e conhecemos outros... pronto... outras pessoas das instituições e vejo que não é só a



minha situação que está diferente dos outros... há muitos que têm situações piores do que eu e estão... umas até tentam fugir e às vezes acabam por ficar cá

M: Huumm...

T: Então pronto... eu acho que isso agora de fugir não vai valer de nada.... Se fugir só estamos a piorar a nossa situação...

M: Sem dúvida... e mais... o que é que é morar aqui?

T: É divertido (risos), fazemos muitas brincadeiras e divertimo-nos entre nós...

M: E a relação com as pessoas aqui?

T: São boas... às vezes temos umas chatices, mas depois isso passa...

M: Passa tudo... ok... então mais alguma última mensagem?

T: Não... (risos)

M: Não? Ok... obrigada pela participação...

## **ENTREVISTA 5: A14f**

Sexo: feminino

Idade: 14 anos

Instituição de Acolhimento: Rumo

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 6 minutos e 5 segundos

Local da entrevista: Sala de jantar

Data da entrevista: 26 de Maio de 2011

Data de entrada na instituição: 7 de Janeiro de 2010

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

A: Jovem entrevistada

M: Olá... tu és a A.?

A: Sim...

M: E tens quantos anos?

A: 14

M: 14 anos... Lembraste do questionário que respondeste? Humm... mais ou menos?

A: Mais ou menos...

M: Ok... então olha agora na entrevista eu vou-te fazer as mesmas perguntas do questionário para tu desenvolveres um pouco mais, pode ser?

A: Sim, sim...

M: Então... achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais? Com aquilo que tu imaginaste?

A: Sim, acho que sim...

M: Era isto que tu imaginavas?

A: Não era bem vir para aqui mas... pronto...

M: Mas assim do resto... era isto que tu imaginavas para a tua vida é isso?

A: Sim, sim...

M: E em relação às condições de vida? Tu achas que tens condições de vida excelentes?

A: Sim.

M: E quando tu dizes “sim” estás a pensar em que condições?

A: Então temos uma família, temos um lar, temos uma casa... temos tudo para ser felizes. Mesmo que não tenhamos a nossa família connosco isto é como se fosse a nossa família...

M: Ok... então quando tu respondes a esta pergunta com essa convicção que “sim, tenho condições excelentes”, estás a pensar que aqui pelo menos tens as pessoas aqui da instituição, tens comida, tens uma família... são essas as condições em que estás e pensar?

A: Sim, sim...

M: Ok... então estás satisfeita com a tua vida...

A: Sim...

M: Pelo menos com esse brilho e com esse sorriso... parece que estás satisfeita com a tua vida (risos)...

A: Sim (risos)...

M: Porque é que estás satisfeita com a tua vida?

A: Porque corre bem...

M: E o que é que é isso de correr bem?

A: (silêncio)

M: (risos)... Humm ... pergunta difícil..

A: Pois... é complicado responder (risos)...

M: Quando tu dizes que corre bem pensas em quê? O que é que está a correr bem?

A: Em tudo...

M: Em tudo o quê? (risos)

A: (risos) Em tudo... escola... família...

M: Estás a ter boas notas?

A: Estou...

M: Humm... boa! Agora de repente baixou a cabeça... se calhar... (risos)

A: Não não... (risos)

M: Então e ao longo da tua vida, conseguiste obter aquilo que é importante para ti? As coisas que tu achas que são importantes?

A: Sim...

M: E o que é que são as coisas que são importantes na tua vida?

A: Reconstituir os meus laços da família... e tenho reconstituído..

M: Huumm. Boa! Isso são óptimas notícias. Isso é uma coisa importante para ti? Reconstituir os laços?

A: Sim...

M: Tens conseguido isso?

A: Sim... algumas pessoas da minha família não tenho conseguido mas... (encolher de ombros)

M: Pois... se calhar com o tempo quem sabe (risos)...

A: (risos)

M: E outras coisas?

A: Tenho encontrado amigos muito fixes...

M: Ah isso é bom também... é bom sinal (risos)...

A: (risos)...

M: Então família... amigos... o que é que é mais importante?

A: Na minha vida?

M: Na tua vida... o que é que tu achas que é importante... família... amigos... mais alguma coisa?

A: Os estudos...

M: Os estudos... sim senhor...

A: (risos)...

M: E se pudesses voltar atrás... mudavas alguma coisa?

A: Alguma...

M: Posso saber o quê?

A: Ter-me deixado vir para um colégio...

M: (risos) Não tinhas deixado?

A: Não devia ter deixado... porque me enganaram...

M: Enganaram-te? Então?

A: Disseram-me que o meu pai estava ali à espera de mim num café... e levaram-me...

M: Ah... isso não se faz!

A: Mas foi o que me fizeram...

M: Então se voltasses para trás não ias acreditar nisso...

A: Não (risos)...

M: (risos) E mais coisas que gostavas de alterar se pudesses voltar atrás?

A: (silêncio)... Mais nada...

M: Era só essa? (risos)

A: Sim...

M: E por último gostaria de saber em que é que a tua vida aqui no colégio contribuiu de bom ou de menos bom para a pessoa que tu és hoje...

A: Contribuiu nos estudos... para a pessoa que eu sou hoje...

M: No quê? No que é que tu achas que houve assim uma mudança? Pelo facto de estares aqui?

A: Então... ajudou-me nos estudos, ajudaram-me a perceber o que eu quero... ajudaram-me a voltar a ter laços com a minha família... a ir lá para casa... a encontrar amigos excelentes... hum... a aprender...

M: Então ainda aprendeste muita coisa no tempo em que aqui estiveste... estou a ver... (risos)

A: Sou mais responsável...

M: Responsável, ter amigos, criar laços... fantástico (risos)...

A: Sim...

M: E... por último... gostavas de deixar alguma mensagem sobre o que é que é morar num colégio?

A: Não é mau de todo... há pessoas que pensam que são piores... nem todos são maus... por exemplo, este aqui que nós estamos não podemos dizer que isto é mau porque há muitos piores... que eu também já calhei num mau... e o meu irmão também... e era mesmo mau... não podíamos sair de casa... escola-casa, casa-escola... de carrinha.. não podíamos sair dali... era pior que uma prisão...

M: Pois...

A: Saíamos uma hora no domingo... e mesmo assim era uma hora de manhã... e mesmo assim íamos com monitores e não podíamos ter muita liberdade...

M: Estavam sempre controlados, é isso?

A: Sim...

M: Aí não te sentias livre?

A: Não...

M: E aqui?

A: Aqui sim... aqui temos liberdade. Aqui eles confiam em nós...

M: Ok... mais alguma mensagem sobre o que é estar aqui...

A: É muito fixe (risos)...

M: É muito fixe? (risos)

A: Muito fixe...

M: E a comparação entre estar aqui e estar em casa?

A: É um bocado diferente... estar em casa é estar em casa... estar aqui é estar aqui... estar em casa recebemos miminhos familiares, estar aqui recebemos outros miminhos...

M: (risos) Os miminhos são diferentes?

A: São diferentes... mas a nossa Isabel dá miminhos muito bons...

M: (risos) Está bem, está bem.. ótimo... ainda bem que têm boas relações aqui dentro, torna tudo muito mais simples não é?

A: Sim..

M: Ok... então olha obrigada pela participação!

A: Nada... (risos).

## **ENTREVISTA 6: J16m**

Sexo: masculino

Idade: 16 anos

Instituição de Acolhimento: Instituto dos Ferroviários

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 13 minutos e 10 segundos

Local da entrevista: Sala de estudo

Data da entrevista: 2 de Junho de 2011

Data de entrada na instituição: 14 de Setembro de 2006

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

J: Jovem entrevistado

M: E então estamos prontos?

J: Sim...

M: Olha J. tu tens quantos anos?

J: 16

M: 16? Isto é o mesmo questionário que tu respondeste há um tempo atrás, mas desta vez as perguntas são abertas para tu desenvolveres um bocadinho... como ninguém te vai ver, podes ser sincero porque ninguém vai saber que foste tu que respondeste a estas perguntas... Então, por exemplo, uma das perguntas do questionário era se achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais... com aquilo que tu imaginaste...

J: Humm (pausa)... Não.

M: Não? Porque é que é assim esse “não”?

J: Porque não queria isto.

M: E isto é o quê? Ao que é que te estás a referir quando dizes isso?

J: Não queria estar aqui.

M: Preferias estar em casas?

J: Preferia estar noutra casa, no Porto.

M: Ah, no Porto... mas com a tua família?

J: Não, com os meus padrinhos...

M: Com os teus padrinhos, ok. Então isso quer dizer que tu não imaginavas estar nesta situação, é isso?

J: Sim... imaginava-me um bocadinho mas não era assim... não imaginava que se ia tornar assim como está agora.

M: E como é que está agora?

J: (pausa) Está mais em baixo...

M: Estás mais triste, é isso?

J: Sim...

M: Mas há coisas que a tua vida está de acordo com aquilo que tu pensaste, há coisas que tu idealizaste e que conseguiste?

J: (pausa) Sim... Estou mais próximo do meu pai.

M: Boa (risos) Isso é bom... Então e olha, outra das perguntas do questionário era se achas que tu tens excelentes condições de vida...

J: Não.

M: Achas que não?

J: Não.

M: Em que condições é que tu estás a pensar quando respondes que não?

J: Hum... não tenho uma vida normal... o meu pai está desempregado... (pausa)

M: Mas e aqui? As condições que tu tens de vida...

J: Ah aqui são boas...

M: Aqui dentro são boas?

J: São.

M: E em que é que tu pensas... que condições são essas que tu tens aqui boas?

J: Aqui temos comida, temos onde dormir, tem quem nos lave a roupa, tem quem cuide de nós, quem nos diga o que fizemos mal ou que fizemos bem...



M: (risos) Sentem-se mais controlados, é isso?

J: Sim... Aqui dão-nos castigos quando nos portamos mal, dão-nos abraços se nos portarmos bem... são assim as coisas da vida...

M: E em casa?

J: Em casa ajudo os meus pais... cuido dos meus irmãos... e...

M: Mas já não achas que tens estas condições que tens aqui é isso?

J: sim... não tenho... é óbvio que não tenho... não tenho os meus amigos, os meus amigos que tenho aqui não tenho em casa e são coisas diferentes... Aqui estou mais... consigo estar mais aberto do que em casa.

M: Ok, então quando tu pensas em condições de vida, pensas em comida, na dormida, no carinho...

J: Sim...

M: Nas regras, nos amigos... é isso?

J: Sim...

M: Foi de tudo isto que tu falaste um bocadinho...

J: sim:

M: Então e estás satisfeito com a tua vida?

J: (pausa) Não sei... por um lado acho que sim, por outro não...

M: Queres explicar um bocadinho melhor qual é que é o lado “sim” e qual é que é o lado “não”?

J: Outro já disse... estou mais perto do meu pai e estou a dar-me melhor com a minha família...

M: Isso é o lado positivo?

J: Sim... e outro não estou a ter aquilo que eu queria ter... ficar com o meu pai e com a minha mãe... que é... eu também quero conhecer a minha mãe... ainda não conheci a minha mãe... nem sei se vou conhecer, não sei... algum dia...

M: Hum... então e esses padrinho de quem falas?

J: Sim... gostava de estar com eles neste momento... gostava que... foi mau eu ter vindo para aqui porque eu era para vir para aqui para estar mais perto de casa e não resultou... lá pelo menos estava com eles e talvez eles me adoptassem...

M: Então no Porto tu estavas também num colégio...

J: Sim... Estive num colégio... era... era diferente deste! Lá não havia tantas coisas más, mas aqui é melhor para mim... só vim para cá para estar mais próximo do meu pai... mas mesmo assim quando cheguei cá, estive montes de tempo sem o ver... foi duro!

M: Ok... Então tu achas que o lado em que não estás satisfeito é por teres voltado para cá e afinal não teres ficado mais perto do teu pai, é isso?

J: Sim... Nem fiquei perto do meu pai e depois... fiquei... só fiquei mais longe dos meus padrinhos...

M: Pois...

J... Se calhar... não sei... se tivesse ficado lá agora estava adoptado e tinha uma vida melhor...

M: Pois... então e durante a tua vida, tu conseguiste obter aquilo que é importante para ti?

J: Hum...

M: Já falaste aqui de algumas coisas... mas vê lá o que é importante para ti...

J: Já consegui falar com o meu pai... antes não conseguia! E com a minha madrastra também já falo... e também consegui outras coisas... como... sei lá... os amigos... aqui dentro já fiz muitos amigos... eles vêm e vão... mas já fiz muitos...

M: Então uma das coisas que tu conseguiste na vida é os amigos...

J: Sim, antes era mais complicado, quando era mais novo e os rapazes mais velhos nem sempre... bom... era pior... agora não... sinto que pertenço a um grupo...

M: Boa (risos)

J... Sim, (risos) é bom... sinto que pertenço e que eles sentem a minha falta... sinto que eu gosto deles e que eles também gostam de mim...

M: E mais...

J: Como já disse quero conhecer a minha mãe... mas isso... mas isso...

M: Ainda vais ter de continuar a lutar por isso...

J: Sim... bastante! Muito mesmo! Nem sei se algum dia vou conseguir... Também agora já me dou bem com o meu pai... ele está em Londres à procura de trabalho... nem sei se já arranjou alguma coisa... mas eu gostava de ir para lá com ele...

M: Então e se pudesses voltar atrás no tempo... gostavas de alterar alguma coisa na tua vida?

J: Sim... sim, gostava. Se voltasse atrás não tinha vindo para aqui...

M: Então achas que podias voltar atrás e evitar vir aqui para o colégio?

J: Sim... porque a decisão também foi minha... perguntaram-me... eu disse que sim... mas hoje dizia que não...

M: Queres explicar um bocadinho melhor o que aconteceu?

J: Então... quando eu estava no colégio no Porto tinha os meus padrinhos... Estava lá durante a semana mas depois ao fim-de-semana eles iam-me buscar e isso... também passava férias e saídas, passeios... tudo... era mais feliz!

M: E depois o que é que aconteceu?

J: Depois perguntaram-me se eu queria vir para aqui para poder estar mais perto do meu pai... e eu disse logo que sim, era tudo o que eu queria. Mas afinal não foi assim...

M: Pois...

J: Agora estou aqui e já consigo falar com o meu pai... mas eu pensava que ia ser diferente... afinal agora podia ser feliz se tivesse ficado lá... porque... então, depois eles adoptavam-me e ficava feliz...

M: Huumm... então e agora... depois de falarmos sobre todos estes assuntos, gostava de saber em que é que a tua vida aqui no colégio contribuiu de bom e de menos bom para a pessoa que tu és hoje... para a tua vida...

J: Então... acho que foi bom porque eu sei que as pessoas gostam de mim... aqui dentro pelo menos... eu sei que gostam... quer dizer... nós aqui recebemos carinho e isso! Às vezes gostam mais de nós que as nossas próprias mães. Dou-me bem com todos... embora no outro colégio eu estivesse melhor, aqui também não posso dizer que estou mal... Eu acho mesmo que o que é melhor é que neste colégio tenho pessoas que... pronto... preocupam-se comigo... no outro não era assim...

M: Queres explicar isso um bocadinho melhor?

J: Aqui as dotoras ajudam-me a ter... a ver o meu futuro... preocupam-se com a minha vida... a Dra. Cristina ajuda-me a ver tudo para o meu futuro...

M: Então achas que este é o contributo positivo, é isso? O facto de te ajudarem a organizar o teu futuro...

J: Sim... depois também há o mau porque eu aqui aprendi a fazer coisas más...

M: Como assim coisas más?

J: Falar de forma má... ia na conversa dos outros, via os outros a fazer e fazia também para ser igual... agora já não... já cresci... Estar aqui também me ajudou a crescer, porque antes não era assim... no outro colégio não aprendia estas coisas... é diferente...

M: Então achas que no outro colégio não aprendias a responder mal às pessoas... foi só aqui?

J: Sim... e ainda por cima agora estou de relações cortadas com os meus padrinhos...

M: Cortaram as relações?

J: Sim.

M: Porquê?

J: Por isso... eu fui lá... fui lá e respondia mal, como aqui... eles não gostaram e cortámos relações... habituei-me a fazer o que os outros faziam...

M: E agora...

J: Agora a vida já me ensinou que não pode ser assim...

M: Então e olha... gostava que deixasses uma última mensagem sobre o que é viver num colégio... para as pessoas que não conhecem...

J: Viver num colégio não é tão mau como se pensa... Tens coisas boas e coisas más... Os amigos que fazemos aqui ficam para a vida...

M: Que bom (risos)...

J: Pois... aqui nós temos tudo o que precisamos... às vezes também fico triste, agora tenho andado mais triste mas sei que há pessoas aqui com quem eu posso falar... e também... viver aqui é bom porque há crianças aí que não têm nada... há miúdos aqui que não têm comida nem casa e aqui têm tudo... por isso eu acho que é bom estar aqui... não é tão mau como dizem...

M: Huummm...

J: Mas eu preferia estar em casa porque quero fazer as pazes com o meu pai...

M: Ok... tens mais alguma coisa que queiras acrescentar?

J: Não... acho que já disse tudo...

M: Ok... obrigada pela tua participação, vamos ficar por aqui então...

## **ENTREVISTA 7: S16m**

Sexo: masculino

Idade: 16 anos

Instituição de Acolhimento: Instituto dos Ferroviários

Concelho: Barreiro

Duração da entrevista: 9 minutos e 15 segundos.

Local da entrevista: Sala de estudo

Data da entrevista: 2 de Junho de 2011

Data de entrada na instituição: 3 de Março de 2007

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

S: Jovem entrevistado

M: Olá S., que idade é que tens?

S: 16

M: 16 anos... olha lembras-te de eu ter vindo cá há um tempo...

S: Yap.

M: Para vocês responderem a este questionário?

S: Yap.

M: Agora é uma entrevista, com as mesmas perguntas mas para desenvolveres um bocadinho mais, ok? Podes falar aquilo que tu quiseres... ninguém vai saber que foste tu que respondeste porque a tua cara não aparece em lado nenhum, portanto...

S: Pois, mas aparece a minha voz...

M: Aparece a tua voz... mas não é reconhecível (risos)

S: Ah...

M: Não te preocupes...

S: Não, eu estou a brincar...

M: Então olha, uma das primeiras perguntas do questionário era se achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais...

S: Não.

M: Não! Porquê?

S: Porque estou cá no colégio... numa instituição em vez de estar com a minha família... Muito simples...

M: Ok. Então... não era nada disto que tu tinhas imaginado para a tua vida, é isso?

S: Não.

M: Ok. E houve coisas que tu imaginaste e que correram bem? Ou correu tudo mal?

S: Eu ... eu por a caso não sou a pessoa de imaginar coisas...

M: Pensar no futuro é isso?

S: Gosto mais é de agir logo no momento.

M: Presente...

S: Sim...

M: Futuro não... (risos)

S: (risos) Não.

M: Então olha e... em relação às condições de vida, achas que tens excelentes condições de vida?

S: Acho que sim...

M: E quais são essas condições em que estás a pensar?

S: Então tenho os meus amigos, tenho a pouca família que tenho mas tenho família... certo!

M: Então quando tu pensas em condições de vida pensas em amigos e em família... é isso?

S: É só isso que me ajuda a viver... mais nada...

M: Ok. Então estás satisfeito com a tua vida?

S: Não...

M: Não? Porquê?

S: A minha mãe morreu... o meu pai morreu... a minha avó morreu... a minha família está quase toda, entre aspas, morta... porque não quer saber de mim... quer dizer... o meu pai não está morto... eu digo que está morto porque ele tipo...

M: Não liga...

S: Não quer saber de mim... portanto... não estou satisfeito com a minha vida. Gostava de ter o apoio da minha mãe e da minha avó que infelizmente já não tenho.

M: Elas apoiavam-te, é isso?

S: Yap... muito...

M: E faleceram as duas?

S: Muito mesmo... em dois anos... dois anos... uma morreu e no ano a seguir morreu a outra...

M: Em dois anos perdeste então as pessoas que te davam apoio...

S: Perdi as pessoas que mais amava na minha vida..

M: Humm... e o teu pai não te dá esse apoio...

S: Não... o meu pai é outro assunto... “puxa pró lado”...

M: (risos)... Olha e ao longo da tua vida tu conseguiste obter aquilo que é importante para ti?

S: (pausa) Consegui, acho que consegui! Consegui manter-me mais homem, mais racional, sei dar agora valor às pessoas que gostam de mim e que antigamente não era capaz de fazer isso, simples! Sei reconhecer os meus erros, sei reconhecer quando eu estou errado ou quando as pessoas estão erradas...

M: É porque estás a crescer... estás a tornar-te mais responsável...

S: Eu sempre... sempre... a vida sempre me pôs dois ou três passos à frente do que habitualmente é... portanto, estou sempre assim...

M: Já estás habituado a isso?

S: Humm... eu sou... eu sou... eu se formos a ver sou o mais homem que está no colégio só que pronto... diferente...

M: Achas que és o mais... o que já tem mais cabecinha, que já consegue ver as coisas de outra forma... é isso?

S: Sim... sim... consigo... eu considero mesmo! Porque eu brinco muito, muito, muito... mas fora deste colégio eu não sou nada assim... Se perguntar pelas outras pessoas e tudo... eu não sou assim...

M: Ok... olha se pudesses alteravas alguma coisa na tua vida? Se pudesses voltar atrás?

S: Ai alterava... Punha a minha mãe viva e a minha avó também... e punha... não... punha com que eu tivesse mais feliz... agora, neste momento... Neste momento eu não estou feliz, nunca estive feliz!

M: Nunca estiveste ou neste momento não estás?

S: Nunca tive. A minha vida foi sempre um desgosto... sempre... Alguns mais de felicidade, claro né... quem não teve... quer dizer... a minha vida não foi só desgostos também... mas felicidades mínimas...

M: Então isso quer dizer que tiveste muitas coisas que te deram desgostos mas que também houve alguns momentos de felicidade...

S: Sim, sim... pode-se dizer que sim...

M: Mas aquilo que tu recordas mais...

S: São os desgostos...

M: São os momentos mais tristes... Então... olha gostaria de saber em que é que a tua vida aqui no colégio contribuiu para aquilo que tu és hoje... contribuiu de bom ou de menos bom para a tua vida...

S: Mais ou menos... coisas boas é que aprendi a ser amigo das pessoas, aliás de tudo sei ser amigo de todas as pessoas aqui do colégio... e de coisas más... tipo fez com que eu fosse rebelde, por exemplo, eu antes de estar aqui neste colégio eu quando vim para cá para o colégio tinha 11 anos, agora tenho 16. Não é bem 5, mas estou cá há 4 anos. Portanto... eu era um aluno de quatros e cincos e vim cá para o colégio e tornei-me rebelde... tudo bem que a minha mãe e a minha avó já não me ajudaram nisso, não é... porque morreram... mas a minha vida foi sempre assim... fui um bocado rebelde e essas coisas... mas agora não... Agora estou sempre na minha, sempre... Só penso em mim! Antes pensava sempre nos outros e lixava-me, agora só penso em mim... porque é assim, não é em mim, em mim, né? Não é só no meu umbigo, mas penso mais em mim... Eu quando digo que penso em mim é mentira né... é tipo...

M: Sim, sim.. pensas também em ti...

S: Sim... porque antes eu ajudava sempre os outros em tudo... até nas coisas más, ia copiar os outros para me lixar a mim. E os outros nunca me faziam isso a mim...

M: Pois...

S: Portanto abri os olhos... agora lixam-se à vontade que eu já não quero saber mais. É só assim...

M: Então o que tu achas que contribuiu de bom na tua vida...



S: Foi as amizades que perdi e que ganhei aqui neste colégio... porque há pessoas que já saíram cá do colégio que já me fizeram abrir muito os olhos... e muitas pessoas que me ajudaram neste colégio vão ser pessoas...

M: Ok... e de menos bom?

S: Cá no colégio?

M: Hum..

S: Foi a antipatia que algumas pessoas cá no colégio me fizeram... fizeram-me passar muitas troças... muitas troças cá no colégio.. muitas humilhações... tudo... já me fizeram passar muito mal aqui neste colégio...

M: Estás a falar de jovens também? Ou de monitores...

S: Não estou a falar de monitores também...

M: De monitores também?

S: Sim...

M: Ok.

S: Já me fizeram muita coisa... Está bem, admito... já fiz porcarias, quem é que não fez? Quem é que não faz? Toda a gente faz... toda a gente fez... portanto... mas acho que essas porcarias que eu fiz eram mínimas para aquelas humilhações que eu já tive cá no colégio... portanto...

M: Já tiveste momentos maus, é isso?

S: Tive, momentos muito maus mesmo... muito maus...

M: E nessas alturas a quem é que... socorrias? Há alguém, aqui dentro a quem...

S: Não, não... Cá no colégio não há ninguém mesmo. Só há duas ou três pessoas que eu gosto mais, mas não é aquela coisa tipo... de pensar nelas logo...

M: humm..

S: Está a ver? Eu como disse, sou um miúdo muito afastado das pessoas... eu antes era muito pegado. Porquê? Era carinhoso, meloso... porquê? Porque tinha sempre o apoio da minha mãe e da minha avó e da minha família... agora já não tenho ninguém.. (encolher de ombros)

M: Tornaste-te mais frio?

S: Humm... é o que a vida pode ensinar... (encolher de ombros)

M: Ok. Então olha, por último, gostava que tu desses alguma mensagem sobre o que é morar num colégio, há pessoas que não sabem... Se tu tivesses de descrever como é que é isto de morar num colégio, como é que descrevias?

S: Morar num colégio não é assim tão mau... às vezes ganha-se amigos outras perde-se... às vezes perde-se pessoas que mais gostávamos mas sempre aquilo que perdemos é sempre aquilo que vamos saber amar mais... às pessoas que vêm mais... um exemplo, morre a mãe vem o irmão... Está a perceber?

M: Hum...

S: Tipo perdesse a mãe, parou... mas vai-se gostar mais do irmão, porquê? Porque perdeu a mãe...

M: Humm...

S: Então vai dar o amor que não pode dar à mãe, vai dar o amor, pode dar o amor ao irmão...

M: E isso aqui dentro acontece com os jovens que entram e saem?

S: Eu sou assim, mas eu não faço cá dentro, eu faço cá fora... cá fora é o que eu digo, eu sou uma pessoa muito diferente... eu cá dentro não... aqui tenho carinho sim... mas amor, amor não tenho por ninguém. Se ninguém tem por mim para que é que vou ter pelos outros? Eu sou assim... mas acho que morar num colégio é bom, porque ganha-se confiança, ganha-se maturidade, ganha-se liberdade e dá-se muita força para lutar nos bons e nos maus momentos.

M: Ok, boa... e é essa a tua última mensagem do que é que é viver aqui?

S: Acho que sim...

M: Ok.

S: Acho que já não tenho mais nada para dizer...

M: Obrigada pela participação.

S: Nada.

## **ENTREVISTA 8: R15f**

Sexo: feminino

Idade: 15 anos

Instituição de Acolhimento: Janela Aberta

Concelho: Seixal

Duração da entrevista: 4 minutos e 30 segundos

Local da entrevista: Sala de jantar

Data da entrevista: 3 de Junho de 2011

Data de entrada na instituição: 29 de Março de 2011

### **Legendas:**

M: Entrevistadora

R: Jovem entrevistada

M: Olá R.

R: Olá.

M: Quantos anos é que tens?

R: 15

M: 15 anos... Olha tu acabaste mesmo agora de responder a um questionário sobre o bem-estar e agora a entrevista é exactamente as mesmas perguntas do questionário mas para tu desenvolveres um bocadinho mais, pode ser?

R: Está bem.

M: Então olha, por exemplo, a primeira pergunta do questionário era: achas que a tua vida está de acordo com os teus ideais? Com aquilo que tu imaginaste?

R: Mais ou menos, porque eu não imaginava também estar numa instituição. Não era muito a minha ideia estar numa instituição... mas de resto sim... de resto faz parte.

M: Então aquilo que tu achas que não... não está bem de acordo com o que tu pensavas é o teres vindo para aqui...

R: Sim.

M: É isso? Como é que tu imaginavas a tua vida antes?

R: Era ficar em casa com os meus pais... viver com os meus pais e ter a minha vida como tinha lá.

M: Lá... onde?

R: Lá na minha casa...

M: Hum..

R: Era ter o meu desporto e estar na minha escola...

M: Qual é que é o teu desporto?

R: Hip-hop...

M: Ah, tu danças hip-hop...

R: E ginástica...

M: Boa (risos)... Então e olha em relação às condições de vida. Tu achas que tens excelentes condições de vida?

R: Sim, tenho boas condições de vida...

M: E quais é que são essas condições. Em que é que estás a pensar quando dizes isso?

R: Penso nos meus pais e nos irmãos.

M: Nos teus pais e nos teus irmãos... ah ok. Então quando tu pensas em condições de vida estás a pensar nas pessoas que estão à tua volta, é isso?

R: Nas pessoas com quem eu estou, sim...

M: Ok. Então estás satisfeita com a tua vida...

R: Sim, estou...

M: Porquê?

R: Porque gosto de estar com quem estou. Gosto dos meus pais e dos meus irmãos...

M: Mas tu neste momento não estás com eles...

R: Não, mas... mas cá também gosto de estar aqui e estou bem com quem estou aqui.

M: E com quem é que tu te dás melhor aqui? Tens boas relações?

R: Sim, com uma colega minha que é a J., aquela que estava aqui connosco e com o L. que também estava aqui connosco.

M: É com quem tu te dás mais?

R: Sim.

M: Boa, então quer que aqui também te sentes bem...

R: Sim, sim... sinto-me bem.

M: Então e durante a tua vida, achas que conseguiste obter aquilo que é importante para ti?

R: Sim, consegui. Consegui ter a minha escola, boas notas...

M: Boa.

R: E consegui estar aqui com quem eu quero e com quem eu estou.

M: Então quer dizer que aquilo que importante para ti é a escolaridade e as pessoas que estão à tua volta...

R: Sim.

M: Os teus amigos e a tua família... é isso?

R: É.

M: E se pudesses voltar atrás no tempo... mudavas alguma coisa?

R: Sim... (risos) Teria ficado em casa... mudado as coisas.

M: E o que é que tinhas de mudar para poderes ficar em casa?

R: O meu comportamento (risos).

M: (risos)

R: E ter melhorado mais coisas... a relação entre mim, a minha mãe e os meus pais...

M: Ah ok. Tinhas melhorado as relações entre vocês, é isso?

R: Sim, entre os meus pais e entre mim.

M: E quando dizes o teu comportamento... tu portavas-te mal?

R: Hum... (risos) Só de vez em quando. Fazia muitas coisas que os adolescentes fazem... (risos)

M: Ah pronto (risos). Tudo dentro do normal, é isso?

R: sim...

M: (risos)... ok. Então olha, depois disto tudo, gostava de saber em que é que a tua vida aqui contribuiu para a pessoa que tu és hoje... para aquilo em que tu te transformaste...

R: Cá ensinaram-me muita coisa...

M: O quê?

R: Por exemplo, como portar (risos)... lidar com os meus colegas, lidar com as pessoas que estão à minha volta.

M: Então aqui ensinaram-te alguns valores, é isso?

R: Sim.

M: Para tu te dares com as pessoas?

R: Sim...

M: E algumas regras...

R: Sim.

M: De comportamento... (risos)

R: Sim (risos).

M: E achas que isso foi bom para ti?

R: Para mim foi. Estou melhor agora.

M: E achas que vai ser bom para o teu futuro?

R: Vai.

M: Ainda bem... (risos)... Olha, por último, gostava que deixasses uma mensagem sobre o que é que é morar assim num colégio..

R: Então... cá também temos regras como temos em casa... cá temos de cumprir como também temos de cumprir em casa, temos de saber lidar com as pessoas que estão à nossa volta...

M: Mas é diferente morar aqui do que morar em casa...

R: É. Porque temos lá os nossos irmãos e não... como é que eu hei-de explicar... é diferente estar com os nossos irmãos e com os nossos amigos, mas por um lado também tem coisas parecidas que se calhar nós cá também somos como irmãos... alguns de nós... sabemos lidar melhor com uns que com outros.

M: Ok... então tu acabas por estar aqui... tens muitos jovens à tua volta, dás-te melhor com uns que com outros, têm também regras...

R: Sim.

M: Se tivesses de dizer a uma pessoa na rua o que é que era isto...

R: Sim...

M: Era assim que descrevias?

R: Era.

M: Ok. Queres acrescentar mais alguma coisa?

R: Não.

M: Pronto obrigada.

R: Obrigada.

## **ANEXO D - Tabela referente à análise de conteúdo das entrevistas**



| <b><u>Temas</u></b>          | <b><u>Categorias</u></b>    | <b><u>Subcategorias</u></b> | <b><u>Unidades de registo</u></b>  | <b><u>Unidades de frequência e Percentagem (%)</u></b> |
|------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|--|--|
| <b><u>Ideais de vida</u></b> | <b>Ideais atingidos</b>     | Relações sociais            | <p>V14f: “Cá somos uma família verdadeira (...)”</p> <p>V14f: “(...) conseguir estar com as pessoas de quem eu gosto.”</p> <p>J16m: (...) estou mais próximo do meu pai.”</p>  | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p>                             |
|                              |                             | Escolaridade                | V14f: “estar a estudar (...)”  | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p>                           |
|                              |                             | Tempos livres               | W14m: “Jogar futebol (...)”  | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p>                           |
|                              |                             | Perspectiva de futuro       | <p>F14m: “(...) desde que eu entrei para aqui não sabia o que fazer.”</p> <p>F14m: “Agora já estou mais esclarecido porque já sei para onde vou... já sei o que vou fazer (...)”</p>   | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p>                           |
|                              | <b>Ideais não atingidos</b> | Saída da instituição        | <p>V14f: “Sair do colégio.”</p> <p>T15f: “Não estava praticamente habituada que vinha para aqui.”</p> <p>A14f: “Não era bem vir para aqui (...)”</p> <p>J16m: “Não queria estar aqui... preferia estar noutra casa no Porto.”</p> <p>J16m: “(...) não imaginava que se ia tornar assim como está</p> | <p>5 em 8</p> <p>(62.5%)</p>                           |

|                          |                       |                        |  |                              |
|--------------------------|-----------------------|------------------------|--|------------------------------|
|                          |                       |                        | <p>agora (...) está mais triste.”</p> <p>R15f: “(...) eu não imaginava também estar numa instituição.”</p>   |                              |
|                          |                       | Vivência com a família | <p>V14f: “(...) não estar com a família e isso tudo (...)”</p> <p>W14m: “(...) vim para o colégio e naquela altura pensava em estar ao pé da família, sem separações nem nada (...)”</p> <p>S16m: (...) estou cá no colégio numa instituição em vez de estar com a minha família (...)”</p> <p>R15f: “(o que imaginava) era ficar em casa com os meus pais.”</p> | <p>4 em 8</p> <p>(50%)</p>   |
| <u>Condições de vida</u> | Perspectiva favorável | Visão geral            | <p>V14f: “Tenho umas condições de vida normais, não são excelentes, mas também não são más.”</p> <p>V14f: “Tenho o que toda a gente precisa para sobreviver.”</p> <p>F14m: “São boas... e quando for para casa (...) ainda vai ser melhor.”</p> <p>T15f: “Sim, muito melhor do que tinha antes.”</p>   | <p>5 em 8</p> <p>(62.5%)</p> |

|  |  |        |   |                            |
|--|--|--------|---|----------------------------|
|  |  |        | <p>T15f: “(...) acho que as condições foram melhores do que aquelas a que eu tinha na minha avó”.</p> <p>A14f: “(...) temos tudo para ser felizes”.</p> <p>R15f: “Sim, tenho boas condições de vida.”</p>   |                            |
|  |  | Afecto | <p>A14f: “(...) temos uma família, temos um lar (...)”.</p> <p>A14f: “Mesmo que não tenhamos a nossa família connosco isto é como se fosse a nossa família.”</p> <p>J16m: “(...) tem quem nos lave a roupa, tem quem cuide de nós, quem nos diga o que fizemos mal ou que fizemos bem.”</p> <p>J16m: “Aqui dão-nos castigos quando nos partamos mal, dão-nos abraços se nos portamos bem (...)”</p> <p>S16m: “Tenho os meus amigos (...) tenho a pouca família que tenho, mas tenho família (...) é só isso que me ajuda a viver.”</p> <p>R15f: “Penso nos meus pais e nos irmãos (...) nas pessoas com quem eu estou.”</p> | <p>4 em 8</p> <p>(50%)</p> |

|                              |                          |                              |  |                              |
|------------------------------|--------------------------|------------------------------|--|------------------------------|
|                              |                          | Condições básicas de vida    | <p>V14f: “(...) tenho cama (...)”</p> <p>V14f: “(...) tenho livros para estudar, tenho condições para poder estudar.”</p> <p>V14f: “Tenho comida todos os dias (...)”</p> <p>A14f: “(...) temos uma casa.”</p> <p>J16m: “(...) temos onde dormir (...)”</p> <p>J16m: “Aqui temos comida (...)”</p> | <p>3 em 8</p> <p>(37.5%)</p> |
|                              | Perspectiva desfavorável | Visão geral                  | <p>W14m: “Neste momento não posso dizer que sim porque não estou em casa (...)”</p> <p>J16m: “Não tenho uma vida normal.”</p>  | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p>   |
|                              |                          | Características da habitação | <p>W14m: “Não tenho aquela estabilidade.”</p> <p>F14m: “(...) aqui há mais barulho.”</p> <p>F14m: “Não consigo ter a minha privacidade.”</p> <p>T15f: “Antes não tinha quase espaço nenhum para estudar.”</p>  | <p>3 em 8</p> <p>(37.5%)</p> |
| <u>Satisfação com a vida</u> | Perspectiva positiva     | Visão geral                  | <p>V14f: “Sim (...) acho que estou bem.”</p> <p>F14m: “Sim, não me posso queixar (...)”</p> <p>T15f: “(...) eu acho que mudei para melhor e estou muito satisfeita.”</p>   | <p>5 em 8</p> <p>(62.5%)</p> |

|  |  |                  |   |                              |
|--|--|------------------|---|------------------------------|
|  |  |                  | <p>T15f: “(...) a minha vida mudou para melhor desde que eu vim para aqui (...)”</p> <p>A14f: “corre bem... em tudo (...), escola, família.”</p> <p>R15f: “(...) também gosto de estar aqui ...)”</p> <p>R15f: “Sinto-me bem.”</p>  |                              |
|  |  | Relações sociais | <p>F14m: (...) mesmo que tenha tido uns problemas familiares e isso, fui ultrapassando, pouco a pouco (...) com a ajuda de familiares e amigos.”</p> <p>J16m: “Estou mais perto do meu pai e estou a dar-me melhor com a minha família.”</p> <p>R15f: “Gosto de estar com quem estou. Gosto dos meus pais e dos meus irmãos.”</p> <p>R15f: “(...) estou bem com quem estou aqui.”</p> | <p>3 em 8</p> <p>(37.5%)</p> |
|  |  | Escolaridade     | <p>T15f: “Estou a conseguir tirar mais notas positivas (...)”</p> <p>T15f: “(...) antes às vezes nem estudava, andava na rua com os amigos (...) aqui já tenho de estudar (...)”</p>  | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |
|  |  | Regras           | <p>T15f: “(...) passei a ter horários para estudar, para sair, para fazer as coisas.”</p>   | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |

|  |                      |                  |  |                              |
|--|----------------------|------------------|--|------------------------------|
|  | Perspectiva negativa | Visão geral      | <p>W14m: “(...) estou tão ansioso, tão ansioso (...)”</p> <p>W14m: Estou sempre distraído, tanto nas aulas como aqui (...)”</p> <p>W14m: “(...) estou um pouco ansioso por acabar a escola e eu voltar para casa e isso.”</p> <p>W14m: “(...) só a pensar em sair daqui e ir para casa.”</p> <p>F14m: “(...) tenho aqui no colégio algumas brigas.”</p> <p>J16m: “Foi mau ter vindo para aqui (...)”</p> <p>S16m: “Não estou satisfeito com a minha vida.”</p> | <p>4 em 8</p> <p>(50%)</p>   |
|  |                      | Relações sociais | <p>W14m: “(...) aqui estou afastado da família e dos amigos.”</p> <p>J16m: “(...) não estou a ter aquilo que eu queria ter, ficar com o meu pai e com a minha mãe... que eu também quero conhecer a minha mãe (...) ainda não conheci a minha mãe, nem sei se vou conhecer... não sei.”</p> <p>J16m: “Gostava de estar com eles (com os padrinhos) neste momento.”</p>   | <p>3 em 8</p> <p>(37.5%)</p> |

|                           |                          |                  |   |                 |
|---------------------------|--------------------------|------------------|---|-----------------|
|                           |                          |                  | <p>S16m: “A minha mãe morreu... o meu pai morreu... a minha avó morreu... a minha família está quase toda, entre aspas, morta... porque não quer saber de mim (...)”</p> <p>S16m: “(...) o meu pai não está morto, eu digo que ele está morto porque ele (...) não quer saber de mim.”</p> <p>S16m: “Gostava de ter o apoio da minha mãe e da minha avó que infelizmente já não tenho.”</p> <p>S16m: “Perdi as pessoas que mais amava na minha vida.”</p> |                 |
| <u>Objectivos de vida</u> | Objectivos concretizados | Relações sociais | <p>W14m: “Tive na Suíça com a mãe quatro anos.”</p> <p>W14m: “(...) os amigos que eu tenho é mesmo de infância.”</p> <p>F14m: “Consegui a família (...) depois de eu vir parar à instituição, houve muita gente que (...) começou a agir para me acolher.”</p> <p>A14f: “Reconstituir os meus laços da família (...)”</p> <p>A14f: “Tenho encontrado amigos muito fixes.”</p>   | 6 em 8<br>(75%) |

|  |  |              |  |                            |
|--|--|--------------|--|----------------------------|
|  |  |              | <p>J16m: “Já consegui falar com o meu pai, antes não conseguia e com a minha madrastra também já falo.”</p> <p>J16m: “(...) também consegui outras coisas (...) os amigos... aqui dentro já fiz muitos amigos... eles vêm e vão, mas já fiz muitos.”</p> <p>J16m: “Sinto que pertenço a um grupo.”</p> <p>J16m: “(...) eles (os amigos) sentem a minha falta... sinto que eu gosto deles e que eles gostam de mim.”</p> <p>S16m: “(...) sei dar agora valor às pessoas que gostam de mim e que antigamente não era capaz de fazer isso.”</p> <p>S16m: “(...) consegui manter-me mais homem, mais racional.”</p> <p>S16m: “Sei reconhecer os meus erros, sei reconhecer quando eu estou errado ou quando as pessoas estão erradas.”</p> <p>R15f: “Consegui estar aqui com quem eu quero.”</p> |                            |
|  |  | Escolaridade | <p>W14m: “Estar na escola.”</p> <p>F14m: “(...) escola.”</p> <p>A14f: “Os estudos.”</p>  | <p>4 em 8</p> <p>(50%)</p> |



|                              |                             |                             |  |                   |
|------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|--|-------------------|
|                              |                             |                             | R15f: “Consegui ter a minha escola, boas notas.”   |                   |
|                              | Objectivos por concretizar  | Perspectiva futura          | V14f: “Entrar para uma escola de teatro profissional (...) é um sonho já desde miúda.”   | 1 em 8<br>(12.5%) |
| <u>Relação com o passado</u> | Desejo de manter o passado  | Visão geral                 | V14f: “Não... acho que sou uma rapariga normal.”<br><br>V14f: “Até agora não tive assim nada que eu gostasse de mudar.”  | 1 em 8<br>(12.5%) |
|                              | Desejo de alterar o passado | Alteração de acontecimentos | W14m: (...) (estar no colégio) é mesmo uma lição de vida.”<br><br>F14m: “(...) depois disto tudo acontecer gostaria de voltar atrás e ir fazer (...) outras coisas que se calhar eu não fiz (...) e podia ter feito.”<br><br>F14m: “Desde a morte da minha avó... desde aí é que eu comecei a querer voltar para trás (...)”<br><br>F14m: “Mesmo depois das coisas avançarem, queria fazer algumas coisas... alterá-las.”<br><br>A14f: “Ter-me deixado vir para o colégio (...) não devia ter deixado porque me enganaram (...) disseram-me que o meu pai estava ali à espera de mim num café e levaram-me.” | 5 em 8<br>(62.5%) |

|   |                       |                                      |  |                           |
|---|-----------------------|--------------------------------------|--|---------------------------|
|   |                       |                                      | <p>J16m: “(...) se voltasse atrás não tinha vindo para aqui.”</p> <p>J16m: “(...) a decisão também foi minha... perguntaram-me (se queria ir para outro colégio), eu disse que sim... mas hoje dizia que não.”</p> <p>S16m: “(...) punha a minha mãe viva e a minha avó também.”</p> <p>S16m: “Punha com que eu tivesse mais feliz.”</p> <p>R15f: “Teria melhorado muitas coisas ... a relação entre mim, a minha mãe e os meus pais.”</p> |                           |
|   |                       | Alteração de comportamentos pessoais | <p>W14m: “(...) não tinha faltado às aulas (...) porque foi a causa de eu vir parar ao colégio.”</p> <p>T15f: “(...) antes para estudar mais não saísse assim tanto... talvez não tinha de estar aqui.”</p> <p>R15f: “Teria ficado em casa... mudado as coisas (...) o meu comportamento (...) fazia muitas coisas que os adolescentes fazem.”</p>   | <p>3 em 8<br/>(37.5%)</p> |
| <u>Contributos da institucionalização</u> | Contributos positivos | Aprendizagens adequadas              | <p>W14m: “Tenho lições de vida (...) tenho de me aperceber que faltar às aulas é mau e fazer porcaria também.”</p>   | <p>5 em 8<br/>(62.5%)</p> |

|  |  |                                  |   |                              |
|--|--|----------------------------------|---|------------------------------|
|  |  |                                  | <p>T15f: “Acho que foi tudo bem porque eu antes não era assim tão responsável.”</p> <p>A14f:” Sou mais responsável.”</p> <p>S16m: “(...) aprendi a ser amigo das pessoas.”</p> <p>R15f: “Cá ensinaram-me muita coisa (...) por exemplo, como portar, lidar com os meus colegas, lidar com as pessoas que estão à minha volta.”</p>  |                              |
|  |  | Formulação de objectivos futuros | <p>V14f: “Ajudou-me a lutar por aquilo que eu quero.”</p> <p>W14m: “(...) desde que vim para o colégio (...) a coisa que eu tenho mais vincada é mesmo o meu futuro, aquilo que eu vou fazer.”</p> <p>T15f: “Se eu tivesse na minha avó eu acho que não ia ser assim tão bom para o meu futuro.”</p> <p>A14f: “Ajudaram-me a perceber o que quero.”</p> <p>J16m: “Estar aqui também me ajudou a crescer.”</p> | <p>5 em 8</p> <p>(62.5%)</p> |
|  |  | Escolaridade                     | <p>V14f: “(...) pude começar a estudar.”</p> <p>A14f: “Ajudou-me nos estudos (...) a aprender.”</p>   | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p>   |

|  |  |  |   |                   |
|--|--|--|---|-------------------|
|  |  | Condições de vida                          | V14f: “Acho que me deu mais condições (...)”  | 1 em 8<br>(12.5%) |
|  |  | Relação com os jovens da instituição       | A14f: “(...) encontrar amigos excelentes.”<br><br>S16m: “As amizades que perdi e que ganhei aqui neste colégio... porque há pessoas que já saíram cá do colégio que já me fizeram abrir muito os olhos.”  | 2 em 8<br>(25%)   |
|  |  | Relação com os funcionários da instituição | F14m: “(...) daqui do colégio tenho apoio de todos, para além de funcionários daqui como os que trabalham na lavanderia.”<br><br>A14f: “(...) a nossa Isabel (funcionária da instituição) dá miminhos muito bons.”<br><br>A14f: “ajudaram-me a voltar a ter laços com a minha família... e ir lá a casa (...)”<br><br>J16m: “Acho que foi bom porque eu sei que as pessoas gostam de mim (...)”<br><br>J16m: “(...) nós aqui recebemos carinho e isso.”<br><br>J16m: “Às vezes gostam mais de nós do que as nossas próprias mães.”<br><br>J16m: “Dou-me bem com todos.” | 4 em 8<br>(50%)   |

|  |                       |                            |  |                            |
|--|-----------------------|----------------------------|--|----------------------------|
|  |                       |                            | <p>J16m: “O que é melhor é que neste colégio tenho pessoas que, pronto... preocupam-se comigo.”</p> <p>J16m: “Aqui as doutoras ajudaram-me a ver o meu futuro... preocupam-se com a minha vida.”</p> <p>J16m: “A Dra. Cristina ajuda-me a ver tudo para o meu futuro.”</p> <p>S16m: “Sei ser amigo de todas as pessoas aqui no colégio.”</p> |                            |
|  | Contributos negativos | Afastamento da família     | <p>F14m: “(...) eu penso do tipo que tenho de sair daqui o mais rápido possível.”</p> <p>T15f: “(...) só não gostei que me tirassem de ao pé da minha avó... eu às vezes ainda fico revoltada por estar aqui.”</p>   | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p> |
|  |                       | Aprendizagens desadequadas | <p>J16m: “Aqui aprendi a fazer coisas más (...) falar de forma má (...) via os outros a fazer e fazia também para ser igual.”</p> <p>S16m: “(...) vim para cá para o colégio e tornei-me rebelde.”</p> <p>S16m: “(...) eu era um aluno de quatros e cinco e vim para o colégio e tornei-me rebelde.”</p>                                     | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p> |

|                               |                    |  |  |                              |
|-------------------------------|--------------------|--|--|------------------------------|
|                               |                    |  | S16m: Antes eu ajudava sempre os outros em tudo... até nas coisas más ia copiar os outros para me lixar a mim. E os outros nunca faziam isso por mim.”   |                              |
|                               |                    | Relação com os jovens da instituição       | <p>F14m: “(...) as coisas más do colégio, bem... é que há miúdos em que eu não dou bem.”</p> <p>F14m: “eu além de às vezes brigar, evito as coisas (...)</p> <p>F14m: “(...) às vezes afasto-me um pouco das situações quer para evitar os conflitos.”</p>   | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |
|                               |                    | Relação com os funcionários da instituição | <p>S16m: “Antipatia de algumas pessoas cá do colégio (...)”</p> <p>S16m: “(...) fizeram-me passar muitas troças (...) muitas humilhações (...) já me fizeram passar muito mal aqui neste colégio.”</p> <p>S16m: “(...) acho que essas porcarias que eu fiz são mínimas para aquelas humilhações que eu já tive cá no colégio (...)”</p> <p>S16m: “Tive momentos muito maus mesmo... muito maus.”</p> | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |
| <u>Morar numa instituição</u> | Aspectos positivos | Visão geral                                | A14f: “Não é mau de todo, há pessoas que pensam que são piores, nem todos são maus.”   | <p>4 em 8</p> <p>(50%)</p>   |

|  |  |              |  |                              |
|--|--|--------------|--|------------------------------|
|  |  |              | <p>A14f: “É muito fixe.”</p> <p>J16m: “Viver num colégio não é tão mau como se pensa.”</p> <p>J16m: (...) é bom estar aqui... não é tão mau como dizem.”</p> <p>S16m: “Morar num colégio não é assim tão mau.”</p> <p>R15f: “Estou melhor agora.”</p>  |                              |
|  |  | Apoio social | <p>W14m: “Viver num colégio tem as suas vantagens (...) há pessoas que não têm condições em casa (...) não têm comida, não têm pais e isso é bom para essas crianças para crescerem saudáveis e não estarem a crescer na rua (...) ou não ter onde viver.”</p> <p>J16m: “Aqui nós temos tudo o que precisamos.”</p> <p>J16m: Viver aqui é bom porque há crianças aí que não têm nada... há muitas aqui que não têm comida nem casa e aqui têm tudo (...).”</p> | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p>   |
|  |  | Afecto       | <p>V14f: “(...) é como se tivéssemos uma grande família em que temos muitas mães e muitas irmãs... temos o amor e o carinho (...)”</p> <p>A14f: “Aqui temos liberdade. Aqui eles confiam em nós.”</p>  | <p>5 em 8</p> <p>(62.5%)</p> |

|  |  |                  |   |                           |
|--|--|------------------|---|---------------------------|
|  |  |                  | <p>A14f: “Estar em casa é estar em casa. Estar aqui é estar aqui. Estar em casa recebemos miminhos familiares, estar aqui recebemos outros miminhos.”</p> <p>J16m: “(...) sei que há pessoas aqui com quem eu posso falar.”</p> <p>S16m: “Aqui tenho carinho, sim (...)”</p> <p>R15f: “(...) cá também somos como irmãos.”</p>  |                           |
|  |  | Relações sociais | <p>T15f: “É bom, faz-se amigos, diverte-se (...)”</p> <p>T15f: “É divertido, fazemos muitas brincadeiras e divertimo-nos entre nós.”</p> <p>J16m: “Os amigos que fazemos aqui ficam para a vida.”</p> <p>J16m: “(...) os meus amigos que tenho aqui não tenho em casa.”</p> <p>S16m: “(...) às vezes ganha-se amigos e outras perde-se pessoas de quem mais gostávamos (...)”</p> | <p>3 em 8<br/>(37.5%)</p> |
|  |  | Regras           | <p>R15f: “(...) cá também temos regras como temos em casa... cá temos de cumprir como também temos de cumprir em casa, temos de saber lidar com as pessoas que estão à nossa volta (...)”</p>   | <p>1 em 8<br/>(12.5%)</p> |



|  |                    |                         |   |                              |
|--|--------------------|-------------------------|---|------------------------------|
|  | Aspectos negativos | Afastamento da família  | <p>W14m: “(...) é mau porque para uma criança que tem família e condições (...) acho que não devia vir para um colégio, devia ficar junto da família (...)”</p> <p>F14m: “(...) outros não tiveram hipótese como eu e vieram cá parar.”</p> <p>F14m: “Às vezes a culpa tanto pode ser deles como da família.”</p> | <p>2 em 8</p> <p>(25%)</p>   |
|  |                    | Privação da liberdade   | <p>A14f: “Não podíamos sair de casa... escola-casa, casa-escola... de carrinha, não podíamos sair dali... era pior que uma prisão.”</p> <p>A14f: “Saíamos uma hora ao Domingo (...) íamos com monitores e não podíamos ter muita liberdade.”</p>  | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |
|  |                    | Privação da privacidade | <p>W14m: “Privacidade há muito pouca aqui dentro.”</p> <p>W14m: “(...) há sempre alguém em redor.”</p>  | <p>1 em 8</p> <p>(12.5%)</p> |